



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Marcos Corrêa de Britto

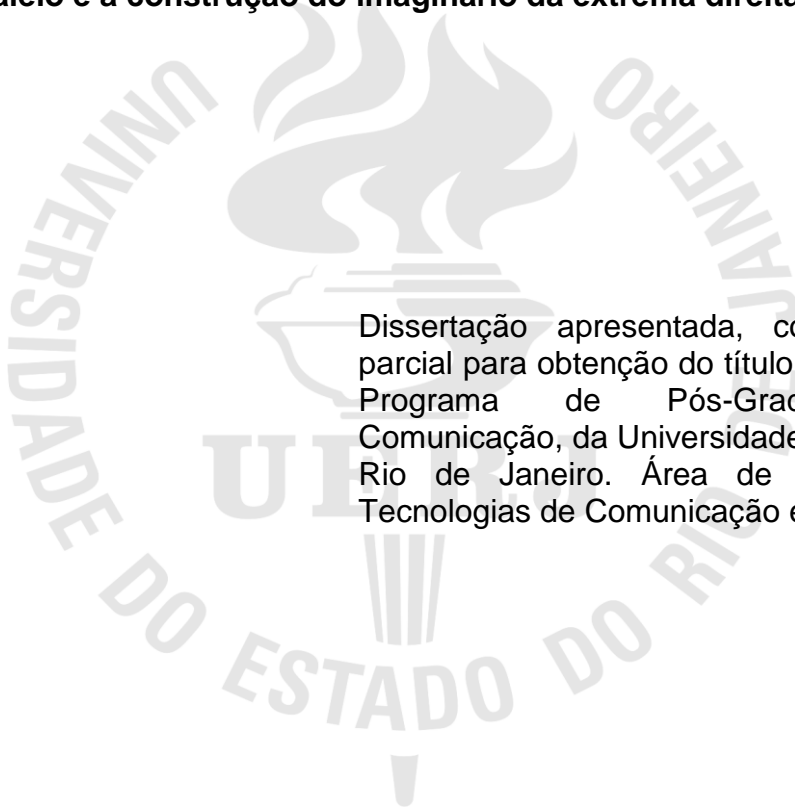
**Brasil Paralelo e a construção do imaginário da extrema direita
brasileira**

Rio de Janeiro

2023

Marcos Corrêa de Britto

Brasil Paralelo e a construção do imaginário da extrema direita brasileira



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Tecnologias de Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Erick Felinto

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

B862 Britto, Marcos Corrêa de.
Brasil Paralelo e a construção do imaginário da extrema direita
brasileira/ Marcos Corrêa de Britto. – 2023.
151 f.

Orientador: Erick Felinto.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Comunicação Social.

1.Comunicação – Teses. 2. Extrema direita – Brasil – Teses. 3.
Imaginário – Teses. I. Felinto, Erick. II. Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. III. Título.

bs CDU 316.77

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Marcos Corrêa de Britto

Brasil Paralelo e a construção do imaginário da extrema direita brasileira

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Tecnologias de Comunicação e Cultura.

Aprovada em 16 de maio de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Erick Felinto (Orientador)

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Ivana Bentes

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Prof.^a Dr.^a. Patrícia Rebello

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

Rio de Janeiro

2023

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu orientador e professor, Erick Felinto, pela orientação precisa, paciente e dedicada durante todo o processo de pesquisa. Suas sugestões, comentários e críticas foram fundamentais para o desenvolvimento da dissertação e para o meu crescimento acadêmico e profissional.

Também gostaria de agradecer ao amigo Jean Wyllys, que como vítima e estudioso da radicalização da extrema direita no Brasil e no mundo, foi uma inspiração ao longo de todo esse processo com dicas e orientações valiosas para o aprimoramento deste estudo.

Agradeço especialmente ao meu marido, Erick Menezes, pela ajuda e companheirismo durante os momentos mais desafiadores.

Por fim, agradeço a minha família e amigos pelo constante incentivo, apoio emocional e compreensão durante os momentos em que precisei me dedicar integralmente a esta pesquisa. Em especial a meu pai Sebastião Nepomuceno de Britto e a minha mãe Izanete Pires Corrêa de Britto, que mesmo com todas suas limitações não mediram esforços para que eu pudesse acessar espaços e ter as oportunidades que eles não tiveram ao longo de suas vidas.

RESUMO

BRITTO, Marcos Corrêa de. **Brasil Paralelo e a construção do imaginário da extrema direita brasileira**. 2023. 151f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

A extrema direita se apropriou de forma habilidosa das dinâmicas das mídias digitais ao produzir e disseminar nesses meios ideias e narrativas que influenciam a interpretação da realidade e a visão de mundo de determinados grupos sociais. No Brasil, é fundamental observar de perto a onda conservadora e moralista que alterou o cenário político e social nos últimos dez anos, assim como a proliferação de *think tanks* com objetivo de disseminar ideias ultraliberais na sociedade. Nesse contexto, a Brasil Paralelo se tornou um dos *think tanks* mais eficientes do projeto político da extrema direita, atuando como uma máquina de propaganda ideológica, produzindo e distribuindo informações falsas ou distorcidas que atendem aos interesses dessa nova direita neoconservadora e ultraliberal, além de amplo financiamento empresarial. Dessa forma, a teia de relações entre a Brasil Paralelo e os *think tanks* ultraliberais estabelece uma nova forma de participação política do empresariado, agora com a produção e popularização de discursos que demonizam o Estado. Por isso, este trabalho se propõe a analisar o conjunto de discursos elaborados pela Brasil Paralelo que contribui para a construção e reconstrução do imaginário da extrema direita, assim como sua relação com outros *think tanks* ultraliberais atuantes na sociedade civil brasileira.

Palavras-chave: Extrema direita. Imaginário. Ultraliberalismo. Think Tanks. Brasil Paralelo

ABSTRACT

BRITTO, Marcos Corrêa de. **Brasil Paralelo and the construction of the imaginary of the Brazilian far-right**. 2023. 151f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

The far-right has skillfully taken advantage of the dynamics of digital media by producing and disseminating ideas and narratives that influence the interpretation of reality and the worldview of certain social groups. In Brazil, it is crucial to closely observe the conservative and moralistic wave that has altered the political and social scene in the last ten years, as well as the proliferation of think tanks aimed at disseminating ultraliberal ideas in society. In this context, Brasil Paralelo has become one of the most efficient think tanks of the far-right political project, acting as an ideological propaganda machine, producing and distributing false or distorted information that serves the interests of this new neoconservative and ultraliberal right, as well as extensive corporate funding. Thus, the web of relationships between Brasil Paralelo and ultraliberal think tanks establishes a new form of political participation by the business sector, now with the production and popularization of speeches that demonize the State. Therefore, this work aims to analyze the set of speeches elaborated by Brasil Paralelo that contribute to the construction and reconstruction of the far-right imaginary, as well as its relationship with other ultraliberal think tanks operating in Brazilian civil society.

Key-Words: Far-right. Imaginary. Ultraliberalismo. Think Tanks. Brasil Paralelo.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	8
1	A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO DA EXTREMA DIREITA NO BRASIL	20
1.1	Conceitos do imaginário	20
1.2	Olavo de carvalho e o imaginário da extrema direita no Brasil	26
1.3	A manipulação das informações e das emoções na guerra cultural da nova extrema direita	44
1.4	Liberal na economia, conservador nos costumes	56
2	THINK THANKS E A EXTREMA DIREITA NO BRASIL: O CASO DA BRASIL PARALELO	63
2.1	Think thanks e a disseminação do imaginário conservador e ultraliberal	63
2.2	A Brasil Paralelo: think thank de extrema direita	72
2.3	Modus operandi Brasil Paralelo: teias de organizações das novas direitas e estratégias de comunicação e marketing para influenciar a opinião pública	79
2.4	De onde vem o dinheiro da Brasil Paralelo?	87
3	AS PRODUÇÕES DA BRASIL PARALELO NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO DA EXTREMA DIREITA E SUA ATUAÇÃO COMO ARMA DE PROPAGANDA PARA AS POLÍTICAS ULTRALIBERAIS	94
3.1	As produções da Brasil Paralelo	94
3.2	Características das principais produções da Brasil Paralelo e o imaginário de extrema direita	102
3.3	Pátria educadora e a representação do imaginário da extrema direita brasileira	106
3.4	Cortina de fumaça como propaganda para as políticas exploratórias da extrema direita	117
	CONCLUSÃO	138
	REFEREÊNCIAS	143

INTRODUÇÃO

A migração do debate político para o ambiente digital nos tempos da cibercultura colocou ativistas e radicais em posição de destaque para a audiência e, neste contexto, as redes sociais se tornaram um dos canais mais eficientes para a disseminação de informações falsas, contraditórias e distorcidas que apelam às emoções e paixões cultivadas por diferentes setores da sociedade. Para mobilizar militantes em causas específicas, a extrema direita mundial conta com apoio de sites e canais hiper partidários que formam o ecossistema midiático da nova direita ultraliberal (ROCHA, 2021). Esses canais costumam veicular conteúdo favorável aos interesses de grupos ultraliberais e conservadores, passando a influenciar e moldar o imaginário da extrema direita no mundo. No Brasil, um dos canais mais relevantes desse ecossistema midiático é a Brasil Paralelo, criada em 2016 e que, em 2022, com apenas 6 anos de atuação, já tinha se tornado a empresa de mídia mais assinada do país (BRASIL..., 2022), com 377 mil membros assinantes ativos. Com isso, a Brasil Paralelo se converteu em uma das plataformas mais poderosas na propagação de teorias revisionistas, conservadoras e anticientíficas que visam desmoralizar as instituições e, conseqüentemente, fragilizar o sistema democrático, aumentando o caos cognitivo que predomina na guerra cultural do país.

O interesse deste trabalho – sem a pretensão de esgotar as possibilidades de análise – é observar criticamente a emergência de plataformas como a Brasil Paralelo num contexto de profunda desconfiança social com o campo progressista, processo que teve um momento fundamental durante o desenrolar da fraudulenta operação Lava Jato (DUARTE, 2020). Nunes (2022) acredita que o escândalo de corrupção institucional revelado em 2014 pela operação Lava Jato ofereceu a ultraliberais e anticomunistas uma oportunidade única de promover uma nova narrativa que juntava a desconfiança hayekiana em relação à justiça social: “no limite nada mais do que a proteção de interesses solidamente estabelecidos” (HAYEK, 1985, p.117) com a noção de que o *modus operandi* universal da esquerda é comprar grupos de interesse, tais como minorias e artistas, a fim de instalar regimes totalitários desonestos. O tamanho dos esquemas revelados pela Lava Jato não era só uma evidência da incorporação do PT à elite política do país e ao *establishment*, mas também o quanto eles teriam avançado em seu plano de implementar o comunismo no país e “tornar o

Brasil uma Venezuela”, como a direita vinha alertando havia mais de uma década (NUNES, 2022, p. 30).

A grave crise econômica na época associada a um dos maiores escândalos de corrupção da história do país contribuiu para que uma grande parte da população se sentisse enganada e revoltada com o Partido dos Trabalhadores (PT), a esquerda e o sistema político, que passaram a ser considerados os grandes responsáveis pela recessão econômica.

Para Nunes (2022), essa conjuntura facilitou o trabalho da narrativa que associava, principalmente aos governos de esquerda, a imagem de corrupção e ineficiência econômica – mesmo que o esquema de desvio de recursos envolvesse todos os principais partidos políticos. Grupos conservadores e liberais se beneficiaram politicamente ao emplacar a narrativa de que a esquerda, além de mais corrupta que a direita, ainda colocava em risco a liberdade das pessoas por querer instalar um regime comunista no país. Enquanto a esquerda era posicionada como a principal ameaça do Brasil, o libertarianismo econômico pró-mercado passava a ser compreendido como a solução para o funcionamento do Estado. Com isso, a oposição a políticas progressistas deixa de ser enquadrada como elitismo e passa a ser compreendida como resistência contra a tirania. Esse discurso passou a alimentar um sentimento de perigo iminente que criava a demanda por uma tomada de ação urgente e radical (NUNES, 2022, p. 31).

O conservadorismo social incitado, por um lado, pelas conquistas obtidas pelos movimentos feminista e lgbtqia+ ao longo da década anterior e, por outro, pela fabricação de pânicos morais se aproveitou para propagar um discurso que alimentava ainda mais esse sentimento de ameaça iminente. Nunes (2022) lembra que diferentemente do anticomunismo e do ultraliberalismo, o conservadorismo social não se difundiu de cima para baixo e já era bastante disseminado por todas as classes. A defesa dos “valores da família” cresceu de maneira constante ao longo dos governos de esquerda das últimas duas décadas e com a ascensão dos evangélicos, tanto que em 2016 muitos parlamentares evocavam a defesa da família na hora de justificar o apoio ao *impeachment* de Dilma Rousseff (NUNES, 2022, p. 32)

A oposição dos conservadores, principalmente os religiosos, às mudanças dos valores e aos costumes cristãos e entendidos como tradicionais inflou uma guerra cultural para construir e reconstruir imaginários por meio de batalhas morais entre dois lados. As divisões políticas são resultado de visões de mundos diferentes e a

politização da sociedade e dos novos canais de comunicação permitiu que realidades com diferentes universos epistemológicos fossem criadas e amplificadas. Conceitos políticos como “comunismo”, “socialismo”, “liberalismo”, “conservador”, “patriota” foram ganhando novos contornos e passaram a ser utilizados de forma descontextualizada como se fossem meros adjetivos qualitativos e morais para se referir a alguém.

Dessa forma, iniciaremos o trabalho tratando no capítulo 1 dos elementos-chave para a construção do imaginário de extrema direita no Brasil contemporâneo, como o vínculo com movimentos, pensadores e organizações que reforçam valores do militarismo, neoconservadorismo e ultraliberalismo. Além disso, também será analisado como a extrema direita se apropriou de forma habilidosa das dinâmicas das mídias digitais, fazendo delas tecnologias do imaginário (MAFFESOLI, 2001) com objetivo de influenciar a interpretação da realidade e a visão de mundo de determinados grupos sociais. Influenciados por discursos como os propagados por Olavo de Carvalho, esses grupos passam a acreditar em teorias conspiratórias que os posicionam como peças fundamentais de uma necessária guerra cultural contra o “marxismo cultural”, a “ideologia de gênero” e o “globalismo”.

Veremos neste trabalho que Olavo de Carvalho é uma chave para entender como essas ideias paranoicas e reacionárias se espalharam pelo país, tornando-se a base do imaginário da extrema direita brasileira. Ao se utilizar da radicalização como técnica discursiva, Olavo conseguiu atrair atenção pelo choque, principalmente nos meios digitais. Rocha (2021) explica que para combater a suposta hegemonia esquerdista no país a nova direita em formação adotou a política do choque como uma estratégia discursiva contra hegemônica¹, ou seja, "uma forma radical de chamar atenção para determinados temas e demandas e aumentar a circulação pública de discursos que se opõem a um horizonte cultural percebido como dominante" (ROCHA, 2021, p. 104). Essa retórica popularizada por Olavo de Carvalho foi crucial para a formação da extrema direita no país. Debates marginais que antes se limitavam a fóruns e comunidades dedicados à discussão de filosofia e economia a partir de perspectivas reacionárias ou ultraliberais só conseguiram ampliar seu raio de alcance

¹ Em conjunto com o sociólogo Jonas Medeiros, Camila Rocha faz uma discussão conceitual sobre a política do choque a partir de noções de públicos e contrapúblicos de forma resumida em Rocha e Medeiros (2020).

dentro e fora da internet a partir da influência de Olavo de Carvalho e da adesão dos principais líderes da nova direita à política do choque (ROCHA, 2021, p. 108).

Olavo deixou como legado a normalização de discursos políticos que não eram aceitáveis há tempos atrás, naturalizando ataques a minorias e o desprezo pelas instituições. Além disso, ajudou a constituir um sistema público intelectual de consumidores de ideias da extrema direita, tornando-se uma referência de intelectual que passou a ser mimetizado por outras figuras que posteriormente também se tornaram referências de pensadores entre os apoiadores da extrema direita brasileira. Em torno da figura e ideias de Olavo foi criada uma rede de influência por meio da qual seus ex-alunos e apoiadores ganharam autoridade moral para propagar teorias conspiratórias ou informações falsas, sem compromisso com a realidade, mas como se fossem verdades absolutas. Além disso, as pessoas que passaram a se informar exclusivamente dentro dessa bolha vieram a desacreditar qualquer discurso ou pessoa que tentasse contestar as ideias olavistas. As declarações de Olavo eram reverberadas dentro das bolhas de direita como um contra discurso a uma mídia esquerdista, como se toda mídia estivesse sido capturada por uma ideologia marxista.

Chaloub (2022) afirma que Olavo de Carvalho foi um evidente protagonista na expansão da nova direita no Brasil e figura importante para a construção desse imaginário. O argumento desenvolvido por Olavo de Carvalho a respeito de uma revolução gramsciana capitaneada por intelectuais de esquerda e pelo PT desde o fim da ditadura militar foi difundido de forma simplificada na internet e se tornou a pedra angular do discurso da nova direita (ROCHA, 2020, p. 95). Veremos também que, apesar de se posicionar publicamente como um antigramscista, Olavo aplicava táticas de Gramsci em sua própria guerra cultural (FELINTO, 2020).

Chaloub (2022) lembra que Olavo² (1947-2022) foi e ainda é uma liderança inegável para a nova direita, mas alerta para o fato de que ele é parte de um movimento mais amplo, que contou com o apoio da mídia tradicional, intelectuais, canais e grupos articulados pela internet, organizações e *think tanks* ultraliberais que criaram uma rede de produção de ideias e narrativas fomentadoras do imaginário da nova direita ultraliberal, tornando populares as mais diversas perspectivas de antiesquerdismo, que logo se tornariam um amplo discurso antissistema (CHALOUB, 2022).

² Olavo de Carvalho faleceu aos 74 anos, em janeiro de 2022.

É importante destacar que o debate sobre a desinformação não se resume a uma questão de ignorância. É preciso considerar a parcialidade inerente a todo ser humano que, numa tendência que pende para o sentimental em vez do factual, acaba por favorecer a informação que mais satisfaz suas expectativas e desejos. A extrema direita, por exemplo, é eficaz em mobilizar militantes para causas específicas de viés neoconservador e ultraliberal, com apoio de sites e canais hiper partidários, como a Brasil Paralelo que propõe uma “solução paralela” para a cultura e educação no Brasil. A linha editorial dos conteúdos produzidos pela empresa mostra um alinhamento com pautas estratégicas para a extrema direita contemporânea, seja na agenda econômica ou de costumes. Esses conteúdos são usados para corroborar argumentos da extrema direita e fornecer insumos para alimentar suas narrativas com referências de autores e dados que muitas vezes contradizem a lógica científica e até mesmo fatos históricos.

Ao atuar como uma empresa de entretenimento e educação, a Brasil Paralelo disponibiliza documentários sobre história, política e filosofia ao mesmo tempo que lança cursos que prometem caminhos e soluções relacionados a esses assuntos, atuando como uma caixa de ressonância de pautas neoliberais e conservadoras. Para reivindicar imparcialidade e credibilidade se utilizam de dados de pseudociência e de um tom mais sóbrio do que outros canais da extrema direita, que usam uma linguagem mais violenta. No entanto, a tática de chocar para mobilizar ensinada por Olavo faz parte da estratégia de comunicação da empresa, que costumar anunciar seus filmes como se fossem “a maior denúncia” sobre determinado assunto de todos os tempos.

Ao produzir e propagar informações falsas ou distorcidas que atendem aos interesses da extrema direita, a BP se posiciona não só como uma máquina de propaganda ideológica, mas também como um importante instrumento de influência que consegue pautar indiretamente temas relacionados às políticas públicas, atuando como um braço importante da estratégia de poder de instituições e setores que defendem, principalmente, um modelo ultraliberal para organização do Estado.

A extrema direita tornou em todo o mundo a política em uma forma de monetizar a própria ação. Por isso, no segundo capítulo deste trabalho investigaremos como *think tanks* e organizações como a Brasil Paralelo se convertem em ferramentas para o empresariado criar novas formas de participação política e disseminar a defesa da propriedade privada e a liberalização da economia. Como veremos neste trabalho, a teia de relações entre a Brasil Paralelo e *thinks tanks* ultraliberais produz discursos

que demonizam o Estado e suas instituições, acusando imprensa e universidades de estelionato. Esta pesquisa pretende identificar tipos de discursos e ferramentas que a Brasil Paralelo utiliza, assim como suas conexões nessa teia de organizações da nova direita, para produzir conteúdos panfletários em defesa de políticas ultraliberais e exploratórias que beneficiam empresários de setores como educação privada e o agronegócio.

Desde acontecimentos políticos recentes como as campanhas que elegeram Donald Trump e Jair Bolsonaro, por um lado, e resultaram na vitória do Brexit, por outro, tem sido comum o uso do termo “pós-verdade” (KEYES, 2004) para designar o que pretensamente seria um novo fenômeno informativo. O propósito de sua disseminação não seria tanto o de ocultar a realidade, mas sim o de forjar realidades “alternativas” onde certos nichos culturais da sociedade possam habitar. No caso da Brasil Paralelo, já se identifica no próprio nome da empresa o intuito de produzir uma historiografia e uma autoimagem nacional que possam concorrer com aquela consagrada em livros de história e nos meios acadêmicos. Os sócios da empresa, assim como suas produções, acusam os meios culturais e universitários de terem sido contaminados pelo que chamam de “marxismo cultural”, que seria uma ideologia de esquerda desenvolvida a partir de ideias comunistas. Seguindo a linha de raciocínio desenvolvida por Olavo, uma forma de marxismo teria se adaptado e se infiltrado nas sociedades ocidentais com o objetivo de destruir suas instituições por dentro, se apoderando da cultura e minando a família, a educação e os valores cristãos. Em entrevista ao programa Pânico da rede Jovem Pan, Lucas Ferrugem, um dos sócios da Brasil Paralelo, diz que o marxismo cultural é uma rebelião que quer “destruir a sociedade tradicional, a família, a igreja e a escola” (ASSISTA... 2022) para construir uma nova sociedade de acordo com os interesses da esquerda.

Com esse discurso de que a mídia tradicional e as universidades estão dominadas por militantes políticos de esquerda e comunistas, a Brasil Paralelo passa a investir na ideia de guerra cultural propagada por Olavo de Carvalho (1994) e se posiciona como uma empresa que tem como missão “resgatar os bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros”. Nesse contexto, a Brasil Paralelo se aproveita do baixo letramento midiático dos brasileiros para emplacar versões revisionistas, negacionistas e conspiratórias que compõem o imaginário da nova direita ultraliberal.

A opção pelo formato de vídeo para propagar essas informações e teorias, aliás, faz parte da estratégia. Com o espaço público se tornando cada vez mais virtual, complexo e conectado, o YouTube se posiciona como um novo veículo midiático, social, cultural, educativo e político que impacta na formação e difusão de imaginários. Em um ambiente em grande parte anárquico e desregulamentado, e que exige baixo custo de produção, os revisionismos sem chancela acadêmica ou avaliação pelos pares se disseminam sem resistência e podem se valer de uma linguagem acessível para uma divulgação ampla e espontânea. Dentro desses espaços *nichados*, instaura-se um ambiente com valores próprios onde se permite que uma história alternativa do país seja contada.

É preciso ainda ressaltar que, em uma rede como o YouTube, produtores de conteúdo precisam dominar não apenas a linguagem do audiovisual, mas também a dinâmica interna da disseminação dos vídeos. Conforme sabem os usuários da plataforma, os algoritmos têm regras próprias de funcionamento, e é possível mobilizar essa mecânica para pô-la a seu favor. Temas que geram polarizações apaixonadas e defesas de posições calculadamente polêmicas, como pautas racistas, antifeministas e homofóbicas, podem aumentar engajamento e visualizações, mesmo que seja pelo choque ou revolta.

Entender as diferentes narrativas que circulam no YouTube e envolvem diversas disciplinas – que vão da história à física e trazem uma visão revisionista ou contestadora da história e da ciência validadas pela academia – se faz urgente para garantir a qualidade do debate público e impedir a fragilização da democracia nacional.

Produções como as do Brasil Paralelo possuem o poder de influenciar sua audiência ao moldar/deformar os rumos da história do país, contribuindo para radicalizar sentimentos de ódio de classe, aversão aos partidos, às minorias, aos movimentos sociais, sindicatos, perseguições de professores e à liberdade acadêmica.

Em entrevista ao site *Diário da Manhã*, Lucas Ferrugem (2019), um dos sócios da empresa, afirma que “a Brasil Paralelo está mais atrelada à educação do que à mídia”. Com esse posicionamento, segundo o site O Antagonista, em 2019 a produtora assinou contrato válido por três anos com a TV Escola, vinculada ao MEC (EXCLUSIVO...2019). Pelo contrato a empresa cedeu gratuitamente, sem

exclusividade, os direitos de exibição de *Brasil: a última cruzada*, série de seis episódios.

Nicolazzi, historiador formado pela UFPR, especializado em historiografia e um dos fundadores do LUPPA, Laboratório de Estudos sobre os Usos Políticos do Passado, vinculado ao Departamento de História da UFRGS, declarou ao site UOL que a visão histórica da série exibida pela TV Escola é:

Datada, por retomar a concepção romântica dos “heróis da pátria do século 19”; distorcida, por enxergar a escravidão de uma perspectiva moralizante e não como um traço estrutural da nação; e preconceituosa, sobretudo no tratamento do islamismo e dos povos indígenas. A série não apresenta as fontes e as documentações históricas que baseiam seus argumentos, como se espera de uma pesquisa consistente (NICOLAZZI apud RATIER, 2019).

Esta pesquisa se propõe a colaborar com as teorias da comunicação, sobretudo as que se concentram na análise do discurso e do endereçamento das mensagens e suas formas de recepção. O projeto contribuirá com o fortalecimento de uma historiografia pautada no rigor científico e na honestidade intelectual. Além disso, soma-se aos esforços de diversos campos do conhecimento para garantir que as novas tecnologias da comunicação e da informação sirvam de maneira justa à construção da memória coletiva e às pesquisas científicas, sem apagamentos, silenciamento ou mistificação.

Entre os fenômenos observados por pesquisadores do campo da comunicação, ciência da informação e de dados e novas tecnologias, está o programa de desinformação, do qual fazem parte o negacionismo científico e o revisionismo histórico, isto é: a (re)invenção do passado por meio da mentira e da mistificação. Conteúdos produzidos para as mídias digitais, como os da Brasil Paralelo, têm um grande papel na guerra cultural e de narrativas, por adotarem ferramentas como vídeos no YouTube, com grande difusão nas redes sociais. Tais produtos e ferramentas possuem uma forte influência, com capacidade de moldar/deformar o imaginário das pessoas, radicalizando o sentimento antissistema. O objetivo da pesquisa é, portanto, compreender como o modelo de negócios da Brasil Paralelo e sua conexão com outras organizações ultraliberais interferem na produção e disseminação de conhecimento com conteúdos que alimentam uma guerra de narrativas visando alterar a percepção da realidade de sua audiência e propagar teorias conspiratórias e negacionistas. Tais teorias atendem a interesses de

empresários de setores como educação privada e do agronegócio, que passam a formar a base do imaginário da extrema direita, como na série de três episódios *Pátria educadora* (2020) e no filme documental *Cortina de fumaça* (2021). Desse modo, trata-se de averiguar os trajetos por onde passa a construção do imaginário da extrema direita brasileira nos meios digitais, mapeando os caminhos para o entendimento do fenômeno da desinformação programada e de como contê-la no ambiente comunicacional que é a internet. Para isso, buscaremos analisar o conjunto de discursos elaborados pela BP que contribui para a construção e reconstrução do imaginário da extrema direita, assim como sua relação com *think tanks* ultraliberais e a estratégia digital que posiciona a empresa como uma das plataformas de mídia mais bem-sucedidas do país.

Tendo em vista o amplo alcance e influência dos conteúdos da Brasil Paralelo em relação a uma audiência cada vez mais engajada, no capítulo 3 esta pesquisa analisará os tipos de narrativas que a Brasil Paralelo elabora sobre nosso passado e presente e como esses discursos ajudam a formar o imaginário da extrema direita, impactando a opinião pública e, conseqüentemente, o cenário social, político e econômico. Não se trata de uma narrativa marcada pela neutralidade, por objetividade ou por imparcialidade; pelo contrário, os conteúdos produzidos pela Brasil Paralelo possuem um evidente viés ideológico – de direita, conservador e ultraliberal. Com uma estratégia de marketing agressiva e incisiva, identificaram um nicho de mercado aberto por propostas como Escola Sem Partido e pelos alunos de Olavo de Carvalho que passaram a defender a ideia da existência de uma doutrinação da esquerda nas instituições educacionais. Veremos que é essa tentativa de esvaziar o espaço das escolas e universidades como lugares de produção e disseminação de conhecimento que está presente em grande parte das produções da Brasil Paralelo.

A pesquisa empreenderá, assim, uma análise técnica e qualitativa do material audiovisual no que diz respeito aos conteúdos produzidos pela Brasil Paralelo, contrapondo-o com o senso comum e propondo uma dupla reflexão. Por um lado, analisará a reprodução das técnicas de narrativas utilizadas pela indústria de audiovisual para atrair e envolver a audiência. Por outro, investigará como a autoridade comumente atribuída à ciência ou à academia tem sido objeto de disputa pelos mais diversos atores e narrativas. Isso ocorre em um espaço que, se por um lado, deu voz a um público imenso que antes da internet apenas consumia e era receptor de conteúdos, agora disputa com a academia a legitimidade pela ciência e

historiografia do Brasil, alterando configurações políticas e culturais da sociedade brasileira. A partir da análise desse material, a pesquisa contribuirá para reflexão de alguns pontos, a saber: 1) Quais são as estratégias comunicacionais e os jogos semióticos utilizados pelos conteúdos da Brasil Paralelo nas plataformas digitais para fazer revisionismos históricos, negacionismo científico e manipulação da audiência nesses novos meios de comunicação?; 2) Qual o lugar que organizações da direita ultraliberal têm ocupado na disputa pela legitimidade da narrativa na ágora virtual que se tornou a internet? 3) Quais as matrizes que formaram o imaginário e os aparatos linguísticos e simbólicos da extrema direita?; 4) Quais são os conjuntos de discursos elaborados pela Brasil Paralelo e sua relevância no imaginário da extrema direita brasileira? Finalmente, a pesquisa pretende colaborar para um debate sobre verdade e falácias nas democracias e para a democratização dos meios de comunicação, sobretudo das novas mídias.

Para entender a base do imaginário da nova direita ultraliberal e sua natureza anti-intelectualista, será analisado o discurso adotado pela série documental *Pátria educadora*, lançada em março de 2020 e anunciada como “a maior denúncia ao sistema de educação brasileiro”. Já para o documentário *Cortina de fumaça*, que estreou em junho de 2021, será feita uma análise fílmica, além de uma investigação sobre a ligação da empresa com empresários do agronegócio brasileiro a fim de entender quais os interesses da Brasil Paralelo em se utilizar de teorias negacionistas e de meias verdades para defender a exploração de reservas indígenas pelo agronegócio ao mesmo tempo que se contrapõe a dados e fatos científicos que indicam a gravidade da crise climática e do alto desmatamento da floresta amazônica.

Para a parte analítica será aplicada a análise do discurso entendida no sentido foucaultino (FOUCAULT, 1996), ou seja, uma análise do discurso para além da ideia de discurso como texto e sim como um conjunto semiótico. Como esse discurso se organiza, se manifesta e quais os frutos que ele gera. Onde está o perigo do discurso e de sua proliferação?.

Pesquisadores de diferentes áreas tentam entender a complexidade envolvida nos processos ligando a polarização política às mais variadas estratégias de desinformação. Essa tendência da política contemporânea exige que novas abordagens teórico-metodológicas sejam consideradas para se pensar o letramento e educação midiática, ou seja, em como as dinâmicas de produção e

compartilhamento de informações nas mídias digitais estão afetando o imaginário das pessoas e sua compreensão da realidade.

A pesquisa irá analisar como esse ecossistema midiático da nova direita ultraliberal, representada pela Brasil Paralelo, se aproveita do baixo nível do letramento midiático de parte da população para alimentar a dissonância cognitiva da sua audiência e aplicar táticas de manipulação emocional que produzam os efeitos de propaganda ideológica desejados nas opiniões e comportamentos do seu público-alvo. Para isso, é preciso compreender as afetividades que estão em jogo nas estratégias políticas nas mídias digitais da extrema direita, que se aproveita da sobreposição dos afetos nos sistemas midiáticos contemporâneos para estimular a interação com conteúdos de desinformação e discursos de ódio que favorecem seus interesses políticos.

Para entender as bases e o processo de construção do imaginário da nova direita ultraliberal no Brasil, impulsionada por *think tanks* e empresas como a Brasil Paralelo, que fazem da guerra cultural e da disputa pelo imaginário um negócio lucrativo, esse estudo vai se utilizar de trabalhos de autores de diferentes campos. Da antropologia de Gilbert Durand, Isabela Kalil e Leticia Cesarino à sociologia de Michel Maffesoli para entender os caminhos percorridos na construção de um imaginário coletivo da extrema direita; dos estudos de Sara Ahmed (2004) e Richard Grusin (2010) para compreender como corpos e afetos, individuais e coletivos, se acoplam aos ambientes midiáticos, atuando na proliferação de discursos de medo, ódio, intolerância e campanhas de desinformação; dos trabalhos de Erick Felinto, João Cezar Castro Rocha, Esther Solano, Arthur Hussne, Jorge Chaloub e Rodrigo Nunes que se dedicaram a entender fenômenos como o bolsonarismo e a guerra cultural proposta por uma nova e radical direita influenciada por Olavo de Carvalho. Os estudos de Wendy Brown, Benjamin Teitelbaum, Mark Lila, Furio Jesi, Camila Rocha e Donatella Di Cesare serão a base referencial para se entender as origens ideológicas da cultura de direita, do pensamento reacionário, do *complotismo* e da mentalidade ultraliberal e neoconservadora; trabalhos de Magali do Nascimento Cunha, Michele Prado e Guiuliano da Empoli sustentarão a investigação de como os meios digitais se tornaram ambientes propícios para as táticas de comunicação e manipulação de grupos da extrema direita transnacional, que estão conseguindo alterar e moldar o imaginário da sociedade.

O excesso de canais de notícias e o alto fluxo de informações sem regulação oferecem uma nova conjuntura, com fácil acesso a inúmeras fontes. No entanto, a ansiedade por compartilhar a notícia que corrobora para uma visão particular do mundo ignora a necessidade de conferir a veracidade das informações. As redes sociais e interativas reestruturaram a forma como as pessoas pensam, se comportam e se manifestam. Por isso, a reflexão acerca de como o imaginário social está sendo formado e transformado nesses ambientes se faz cada vez mais necessária.

1 A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO DA EXTREMA DIREITA NO BRASIL

1.1 Conceitos do imaginário

Neste capítulo, pretendemos entender como a extrema direita brasileira se organiza como um movimento que reforça valores do militarismo, ultranacionalismo, neoconservadorismo e ultraliberalismo no imaginário desses grupos. Nesse contexto, vamos observar que empresas como a Brasil Paralelo se tornam ferramentas eficientes na produção de narrativas que vão moldando o imaginário da extrema direita por meio de teorias revisionistas e anticientíficas, visando assim desmoralizar as instituições e, conseqüentemente, fragilizar o sistema democrático.

O tema vem chamando a atenção de pesquisadores de diferentes áreas que tentam entender a complexidade envolvida nos processos ligando a polarização política às mais variadas estratégias de desinformação e disseminação de pânico moral que geram medo, revolta e ódio na sociedade. Essa tendência da política contemporânea exige que novas abordagens teórico-metodológicas sejam consideradas para se pensar como as dinâmicas de produção e compartilhamento de informações nas mídias digitais estão construindo e reconstruindo o imaginário das pessoas, e conseqüentemente alterando sua compreensão da realidade.

Conteúdos com evidente viés político e sem espaço para o contraditório como os produzidos pela Brasil Paralelo alimentam uma geografia malfeita das ideias e criam imaginários com versões distorcidas da realidade. O resultado é a proliferação de grupos e personalidades que ganham popularidade nos meios digitais ao tentar negar fatos científicos e históricos – como os negacionistas do aquecimento climático e os defensores da ditadura militar no Brasil que se tornaram participações recorrentes nas produções da Brasil Paralelo.

O antropólogo francês Gilbert Durand (1921-2012) defende a ideia de que a imaginação é uma força criadora capaz de produzir mundos. Um dos aspectos mais importantes de sua obra é a teoria de uma antropologia que tem como objetivo o estudo do homem como produtor de imagens, sendo incapaz de pensar ou criar sem passar pelas imagens. Durand chama atenção para a ideia de que as imagens são simbólicas, ou seja, possuem um semantismo próprio que é formado pelo que o autor vai chamar de “trajeto antropológico” (PITTA, 2017. p. 85). Esse trajeto começa pelos “reflexos dominantes” – que podemos considerar como neuronais e fisiológicos – e

termina pelo intermédio das representações e valores culturais (artes e religiões, por exemplo) (PITTA, 2017. p. 13). Com isso é possível entender o trajeto antropológico como o processo de formação das imagens, ou seja, uma maneira em que o imaginário é socialmente construído. A comunicação, o intercâmbio de ideias, sentimentos e desejos são elementos fundamentais para se desenvolver uma imaginação social e coletiva capaz de formar e reformar crenças, linguagens, organizações e comportamentos (CUNHA, 2013).

Felinto (2020) aponta que o imaginário é uma produção social, onde o engajamento acontece de forma criativa e mesmo que um indivíduo não consiga “inventar” um imaginário, ele pode orientá-lo, dando destaque ou não a determinadas imagens de acordo com seu interesse (FELINTO, 2020). Dessa forma, não se pode ignorar o impacto das mídias como parte desse trajeto antropológico e, conseqüentemente, na construção do imaginário social e político de uma sociedade. As mídias – e em especial as mídias digitais – são poderosas ferramentas para construção de um imaginário coletivo. Estão amplamente inseridas nas dinâmicas sociais e, dessa forma, influenciam os processos culturais e políticos das sociedades ao dar forma com muita agilidade às apropriações e representações sociais. Para Cunha (2013), o imaginário é uma experiência social que faz parte da existência humana e dá sentido à vida coletiva ao mesmo tempo que é ressignificado por ela, tornando-se um elemento em permanente construção. O imaginário é “socializado por processos comunicacionais por meio dos quais o ser humano interage, de forma interpessoal e massiva, mediada ou não” (CUNHA, 2013, p. 55).

Atuando como tecnologias do imaginário (MAFFESOLI, 2001), as mídias digitais influenciam a interpretação da realidade e da visão de mundo de determinados grupos sociais. Com sua intensa dinâmica de produção e propagação de conteúdo, potencializa polarizações e reconstruções imaginárias. As redes digitais, sociais e interativas são alimentadas e alimentam o processo de criação de imagens dos seus públicos sobre si próprios e sobre o outro (MAFFESOLI, 2001, p. 80). Nesses ambientes digitais as informações são geradas em segundos e, na mesma velocidade, instigam o receptor a interagir de maneira instantânea e irrefletida frente aos mais diversos e complexos temas. Dessa forma, as mídias digitais como tecnologias do imaginário vão dando forma, muitas vezes de maneira precipitada, a um imaginário social e coletivo.

A extrema direita transnacional se articula de forma bem-sucedida nesse ambiente das mídias digitais ao conseguir mobilizar paixões e moldar o imaginário de sua audiência com narrativas alternativas e muitas vezes inventivas que se contrapõem às narrativas oficiais. A nova direita que surgiu no Brasil se distancia da direita moderada e do centro direita, assim como dos princípios da democracia liberal. Essa nova direita que está próxima da extrema direita mundial e mimetiza estratégias e linguagem da *alt right* americana (PRADO, 2021) se popularizou no país conquistando adeptos e militantes em diferentes esferas da sociedade, incluindo a mídia tradicional, produtores de conteúdo digital, filósofos e professores. Trata-se de um fenômeno global e transnacional, com grupos de diversos países se comunicando e se articulando em favor de interesses conservadores e ultraliberais.

Termos até então infrequentes, ou mesmo desconhecidos como “marxismo cultural”, “ideologia de gênero” e “globalismo” foram algumas ideias importadas da *alt right* americana e que passaram a circular com maior intensidade e frequência a partir da campanha do candidato da extrema direita Jair Bolsonaro em 2018, inclusive fazendo parte do plano de governo do então candidato. A partir do período eleitoral, essas narrativas passaram a ser difundidas para um público mais amplo principalmente em formatos mais atrativos e acessíveis, como memes, áudios e vídeos curtos circulados pelo WhatsApp (CESARINO, 2020).

Novas dinâmicas de comunicação provocadas pelas mídias sociais, em especial por canais e influenciadores da extrema direita transnacional em plataformas como o YouTube, vêm auxiliando a criação e propagação de notícias falsas e informações manipuladas, contribuindo para a solidificação da atual onda reacionária e moralista do cenário político no mundo e no Brasil. A falta de uma regulação por intermédio das empresas que comandam essas plataformas contribui ainda mais para que grupos com interesses políticos consigam se articular nesses espaços digitais e criar contranarrativas que ajudam a moldar o pensamento de indivíduos para que passem a desconfiar da mídia tradicional e considerar tais plataformas como principais fontes de notícia. A radicalização dos discursos desses canais e influenciadores é estratégica, já que ao investir em pautas polarizadas e se utilizar de uma linguagem emotiva que aciona sentimentos como medo, ódio e ressentimentos, conseguem mobilizar uma audiência cada vez maior e engajada. Nesse contexto, bolhas ideológicas que são criadas inicialmente nos ambientes digitais, passam a configurar a forma com que a sociedade se organiza também no ambiente físico, potencializando

a polarização social e política. Mesmo sendo permeáveis, essas bolhas ideológicas possuem uma capacidade de filtrar e não repassar conteúdos que não concordem ideologicamente com o que o grupo pensa e até mesmo distorcer e enquadrar a informação de uma forma diferente de como circula originalmente (RECUERO, 2021).

Discursos radicalizados, negacionistas e revisionistas como os propagados por figuras chaves da extrema direita, como Olavo de Carvalho, são transformados em conteúdo audiovisual pela Brasil Paralelo e passam a circular nas redes com o intuito de chocar e iniciar um debate em defesa de um pensamento conservador e ultraliberal. Com a repetição desses discursos em canais de informações alternativas na internet, as pessoas vão normalizando temas controversos que seriam impensáveis discutir alguns anos atrás.

Em vez de produzir uma esfera pública ampliada para o debate, o ecossistema digital e seus algoritmos provocaram a multiplicação de grupos segmentados por afinidades ideológicas e, conseqüentemente, uma dispersão de temas que frequentemente são colocados em posições conflitantes. As bolhas criadas pelos algoritmos modulam a opinião dos grupos e a mídia social facilita a união de forças para exaltar essas insatisfações. Cria-se um senso de unidade para um pensamento mais radical que se mantinha isolado (DE EMPOLI, 2019). A partir dessa conjuntura, a Brasil Paralelo identificou uma oportunidade ao direcionar seus conteúdos para esse novo perfil político neoconservador e ultraliberal que ascendeu no país nos últimos anos como resultado do conservadorismo moral e do antipetismo que se fortaleceram durante o processo de *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff em 2016, mesmo ano em que a produtora de conteúdo audiovisual foi fundada, como será visto no capítulo 2.

Para Luis Felipe Miguel, professor de ciência política da Universidade de Brasília (UnB), em entrevista para Folha de São Paulo (RIBEIRO e CAMAZANO, 2023), os regimes democráticos passaram a responder cada vez menos às demandas da população, e as frustrações com a democracia liberal levaram uma parte da população ao ressentimento, sentimento que foi sendo potencializado com os avanços de pautas progressistas, reivindicados por movimentos antirracistas, feministas e de combate à LGBTFobia. Não é por acaso que a principal base dessa extrema direita que se sente ameaçada por esses avanços é formada por homens brancos. Para Miguel, essas pessoas se sentem ameaçadas porque entendem que seus valores maiores estão sendo atacados.

Para mobilizar paixões políticas em favor de seus interesses e impedir a reflexão sobre pautas progressistas, a extrema direita transnacional tem como método a criação de narrativas que alimentam o pânico moral ao ativar preconceitos arraigados na sociedade, como a homofobia, o racismo, a misoginia e a xenofobia.

A combinação entre religião e política também passa a ser mobilizada por agentes políticos, abalando o conceito de separação entre essas instituições. A consequência é o acirramento dos conflitos políticos, já que os valores religiosos são entendidos como intocáveis enquanto a política exige sempre o espaço de negociação.

Nesse contexto, o modelo de democracia passa a ser questionado, abrindo espaço para o discurso conservador e antissistêmico da extrema direita. Com o sucesso eleitoral e de engajamento nas redes sociais de políticos da extrema direita, empresas como a Brasil Paralelo passaram a assumir esse discurso antissistêmico, cooptando as pessoas ao mesmo tempo em que as blindam contra a realidade, em bolhas onde podem propagar informações falsas e enviesadas sem serem confrontadas. Miguel acredita que parte significativa da população foi capturada por uma mistificação política e responsabiliza a direita tradicional pelo crescimento da extrema direita no país, já que para conseguir alcançar o objetivo do *impeachment* de Dilma Rousseff se uniu a grupos e métodos mais radicais e antidemocráticos:

A direita tradicional achou que colocar a extrema direita na rua seria útil para derrubar a presidente Dilma [em 2016]. A ideia era que depois esse pessoal fosse recolhido e os conservadores de sempre ficariam com o prêmio, mas o que aconteceu foi que a direita tradicional foi aniquilada no Brasil nas últimas eleições (RIBEIRO e CAMAZANO, 2023).

Vale ressaltar que a radicalização da direita brasileira acompanhou movimentos de processos que aconteceram em outros países do mundo, com Trump nos EUA, Viktor Orbán na Hungria e Andrzej Duda na Polônia, ou seja, trata-se de um fenômeno generalizado.

Para Baczkó (1985), o imaginário social elaborado e consolidado por um grupo surge como uma resposta para seus conflitos, divisões e violências reais ou potenciais (BACKZO, 1985, p. 309). A ideia de uma necessária guerra cultural contra o “marxismo cultural”, a “ideologia de gênero” e o “globalismo” formam a base do imaginário da nova direita ultraliberal. Ao identificar uma ameaça iminente cria-se também um discurso que justifica o radicalismo desse pensamento. Para cada

problema ou dificuldade, a extrema direita oferece aos seus adeptos uma explicação adequada aos seus valores e interesses, que por isso passa a ser amplamente propagada.

O método para analisar os mitos, suas estruturas e sistemas simbólicos deve, antes de tudo, levar em conta a redundância dos elementos. Para compreender as raízes míticas e simbólicas que estão na base desse imaginário precisamos analisar os símbolos, as estruturas antropológicas do imaginário e as funções da imaginação simbólica (PITTA, 2017).

Para identificar as matrizes que formaram o imaginário e os aparatos linguísticos e simbólicos da cultura de direita entre os séculos XIX e XX, Jesi (2021) investigou a influência de autores como Julius Evola (1898-1974) e Mircea Eliade (1907-1986), entre outros, e percebeu que a cultura de direita é uma cultura que faz do passado uma espécie de “mingau homogêneo que pode ser preparado e conservado de maneira muito útil”. Jesi (2021) explica que se trata de uma cultura onde prevalece uma religião da morte ou uma religião dos mortos exemplares. Além disso, valores que não podem ser questionados e que são indicados por palavras iniciadas por letra maiúscula, especialmente Tradição e Cultura, mas também Justiça, Liberdade e Revolução são a base do núcleo mítico fundador e modelador da ideologia de direita. É uma cultura feita de “autoridade, de segurança mitológica em relação às regras do conhecimento, do ensino, do comando e da obediência” (JESI, 2021, p. 279).

Mark Lilla (2018) foi outro autor que pesquisou a construção de um “espírito reacionário” que moldou a imaginação de pensadores políticos e movimentos ideológicos de direita do século XX até os dias atuais. Assim como Jesi (2021), Lilla (2018) também chama atenção para a forte relação desses grupos com o passado e destaca que a mente reacionária é uma mente naufragada, que sofre com uma nostalgia de um passado idealizado e que “enxerga os destroços do paraíso passando à deriva onde os outros veem o rio do tempo fluindo como sempre fluiu”. Segundo o autor, o reacionário é um exilado do tempo que possui um medo apocalíptico da história entrar numa nova era de escuridão, ao mesmo tempo que se sente exaltado por conseguir ver o passado em todo o seu esplendor e ser imune às mentiras modernas. “Sente-se em mais forte posição que o adversário por se julgar guardião do que de fato aconteceu, e não profeta do que poderia ser” (LILLA, 2018. p. 11-12).

Uma característica marcante da cultura de direita é que seu projeto de futuro é inspirado no passado e com isso o passado passa a ser instrumentalizado para atender vontades e interesses do presente. Dessa forma, o passado não precisa ter necessariamente relação com a razão e com os fatos históricos, tornando-se uma versão historicamente indiferenciada que consegue circular no presente como se trouxesse de fato uma solução para os problemas da atualidade (JESI, 2021, p. 160).

1.2 Olavo de Carvalho e o imaginário da extrema direita no Brasil

A mistura de saudosismo do passado, paranoia, moralismo, autoritarismo e violência são os elementos que fazem parte do imaginário da extrema direita transnacional e também a que ganhou corpo no Brasil com ascensão de figuras como Olavo de Carvalho. No Brasil, Olavo foi o principal expoente e propagador do pensamento da extrema direita e conseguiu mobilizar um séquito de seguidores anônimos e célebres, tanto no ambiente digital e editorial, como no político.

Desde as revoltas de 2013 é possível observar o crescimento de um amplo sentimento antissistema na sociedade brasileira. Olavo de Carvalho foi uma figura que soube se aproveitar desse sentimento contra o sistema geral e contra a esquerda em particular para emplacar sua tese da Revolução Brasileira. Haveria uma luta histórica, multissecular, do povo contra o estamento burocrático que se enraizou no sistema político brasileiro. Na visão de Olavo, diferente do golpe de 1964 que foi orquestrado pela elite militar-empresarial, a revolução de agora seria resultado de uma população mais consciente de sua situação de opressão extrema por esse sistema. Esse conceito de Revolução Brasileira que foi extraído da sociologia política e pode ser encontrado em autores como Guerreiro Ramos, Pessoa de Moraes e Raymundo Faoro, seria a derrubada do estamento burocrático pela ação do povo, que passaria a ter, pela primeira vez, voz ativa na decisão do destino do país (HUSNNE, 2018).

Olavo identifica as passeatas de 2015, para ele espontâneas, como sendo o ponto culminante da dita Revolução Brasileira. Não por acaso foi nesse momento que ficou evidente que suas teorias tinham conquistado uma base popular, para além da repercussão midiática. Esse discurso que parecia obscuro para muitos passou a circular incessantemente nas mídias digitais. A partir de 2013 a hashtag #olavotem razão já se destacava nas redes sociais, mas em 2015 se materializou com muitas

pessoas usando camisetas com a mesma frase em protestos supostamente contra a corrupção (HUSNNE, 2018).

As ideias de Olavo alimentaram o descrédito em instituições como a mídia, a política e a justiça ao mesmo tempo que contribuíram para posicionar Jair Bolsonaro como uma opção viável e ordeira para combater o establishment e, principalmente, o PT como responsável pela bandidagem e amoralidade do Brasil. Com isso, Bolsonaro já não representava apenas um outsider, “mas um político contra todos os políticos, um mito contra o sistema” (HUSNNE, 2018).

A estratégia de Olavo era mostrar como toda a esquerda é, de alguma forma, doentia ou criminosa, quando não ambas. Com isso, palavras como “esquerda” ou “comunista” passaram a ser compreendidas de uma forma mais ampla, podendo ser direcionadas para qualquer adversário, crítico ou opositor. Husnne (2018) lembra que essa criminalização estimula ideias e pensamentos com soluções policialescas, punitivistas e psiquiátricas contra esses inimigos (HUSNNE, 2018).

Para Husnne (2018) o verdadeiro alcance da estratégia de Olavo não é apenas tomar o poder político, mas sim “reconfigurar o campo discursivo, as possibilidades culturais e o horizonte do que é ou não aceitável na esfera pública”. Sob o pretexto de criar uma direita que não existia no país, Olavo deu legitimidade a um imaginário que expressa preconceito, violência, repressão, afronta às instituições, ódio político — tudo devidamente autorizado por uma suposta autoridade filosófica que contribuiu para o “empoderamento da barbárie” (HUSNNE, 2018).

Husnne (2018) chama atenção para o fato de que o discurso de Olavo estimula o enfrentamento do mundo moderno, mas não a permanência das instituições existentes. Trata-se de uma visão de ruptura subversiva que exige lutar contra o sistema cultural, mas ao mesmo tempo preservar o sistema capitalista.

A tônica é de enfrentamento: para regenerar a civilização, há de se combater o moderno. Essa postura ofensiva não significa, entretanto, que sejam descartados elementos arcaizantes – um vago apreço pelo passado dourado e uma filosofia católica, por exemplo – do esquema, com o que se percebe que é uma máquina engenhosa e disparatada: arcaísmo e novidade, conservadorismo e revolução. (HUSNNE, 2018)

A rejeição à modernidade e reverência ao passado associados à ideia de que é necessário que a espiritualidade represente o topo da hierarquia de uma sociedade são a base do pensamento tradicionalista, que segundo Teitalbaum (2021) faz parte

do imaginário de Olavo de Carvalho e também de influentes articuladores da extrema direita transnacional como o americano Steve Bannon, e o russo Alexander Dugin.

O francês René Guénon (1886-1951), considerado o grande patrono do movimento, e seu sucessor, o filósofo e ensaísta italiano Julius Evola (1898-1974) são considerados os principais pensadores do Tradicionalismo. O pensamento Tradicionalista, ao invés de buscar o progresso, deseja conservar as verdades e os estilos de vida que consideram transcendentais e atemporais. A modernidade passa a ser considerada uma idade das trevas por diminuir a importância da religião pública em favor da razão (TEITELBAUM, 2021, p. 20). “O Tradicionalismo é um exemplo de esoterismo religioso que se opõe a modernidade e à ciência do Ocidente” (TEITELBAUM, 2021, p. 127).

Sem a pretensão de esgotar as possibilidades de análise de um tema tão complexo, podemos dizer, em resumo, que o pensamento dos Tradicionalistas é estruturado por um entendimento peculiar de tempo e sociedade que foi criado a partir de um ambiente ocultista na França do final do século XIX. Com referências de várias religiões, mas principalmente da filosofia Hindu e do Islamismo Sufi, a crença Tradicionalista é de que a história humana é diferenciada por quatro idades que se revezam de forma cíclica: da idade de ouro à de prata, a de bronze e à idade sombria, antes de voltar à de ouro e retomar o ciclo novamente. As duas primeiras são consideradas castas superiores por serem de natureza espiritual, enquanto as duas últimas consideradas inferiores por sua natureza material. A hierarquia do Tradicionalismo expressa uma ordenação antiga e sagrada da espiritualidade acima do materialismo. Sendo a idade de ouro representada pela virtude e a sombria pela depravação, Teitelbaum (2021) conclui que, por ser cíclica, a visão histórica proposta pelos Tradicionalistas é, ao mesmo tempo, fatalista e pessimista (TEITELBAUM, 2021. p. 21-22). Para os Tradicionalistas cada uma dessas idades é representada por uma casta diferente, organizadas a partir de imagens arquetípicas e ordenadas de forma hierárquica onde os sacerdotes representam a idade de ouro, os guerreiros a de prata, os comerciantes a de bronze e, por fim, os escravos e subalternos estariam relacionados à idade sombria (TEITELBAUM, 2021. p. 22).

Na idade de ouro, o governo seria uma teocracia, com autoridade religiosa e arte devocional valorizadas acima de todo o resto, enquanto as idades subsequentes testemunhariam a ascensão do Estado militar, da plutocracia e do governo dos mais ricos. Na idade sombria, por fim, um reinado de

quantidade dá poder político às massas na forma de democracia ou de comunismo (TEITELBAUM, 2021. p. 22)

Portanto, para os Tradicionalistas, é preciso garantir a hierarquia social, afinal, se os membros de uma sociedade se fundem na mesma casta, a ordem desanda e com o tempo todos se tornam escravos do materialismo (TEITELBAUM, 2021, p. 74 e 203). A defesa explícita desses grupos por uma sociedade marcada por princípios hierárquicos tem como objetivo impedir que qualquer movimento de democratização interfira nesse ordenamento social. Sendo assim, não se trata apenas de criticar os problemas da democracia, mas de combatê-la.

Olavo já assumiu ter sido membro de uma *tariqa*³ nos anos 1980. Apesar dessas confrarias esotéricas pertencerem a uma corrente contemplativa e mística do Islã, Olavo fazia questão de destacar a natureza “multiconfessional” da *tariqa* de Schuon a qual fez parte e, para evitar qualquer suspeita sobre seu verdadeiro compromisso com o cristianismo, explicava que seu interesse por seitas tradicionalistas islâmicas não significava que ele teria se convertido ao islamismo.

Todos sabem que pertenci à *tariqa* (organização esotérica islâmica) de Fritjof Schuon (Sheikh Issa Nureddin), sediada em Lausanne, Suíça, e depois em Bloomington, Indiana. (...) todos os praticantes do esoterismo islâmico sabem que a *tariqa* do Sheikh Issa Nureddin era multiconfessional, e que aqueles que passaram por ela e depois tomaram outro rumo na vida – como eu e aliás o prof. Wolfgang Smith – nem se converteram a coisa nenhuma nem portanto cometeram traição contra ela (CARVALHO, 2018)⁴.

Para reforçar que seu compromisso com o cristianismo sempre esteve presente, Olavo fazia referência à obra do matemático Wolfgang Smith, que, segundo ele, deixa claro que os elementos cristãos são o que há de mais verdadeiro no pensamento de Guénon e Schuon. No entanto, os livros de Smith o posicionam como um herdeiro do Tradicionalismo ao misturar ciência com religiosidade, perenialismo e saberes arcaicos (FELINTO, 2020).

O Tradicionalismo de René Guénon e Julius Evola está presente nas obras de Olavo, em especial nos livros sobre astrologia escritos da década de 1980 – *Astros e símbolos* (1985) e *Astrologia e religião* (1986). Em 1981 Olavo de Carvalho introduziu

³ As *turuq*, do árabe طريق, são confrarias esotéricas islâmicas, da corrente contemplativa e mística do Islã. As *turuq* foram estabelecidas a partir da Idade Média por grandes figuras da religião islâmica, como Rûmi, Abdal al-Qadir al-Jilani, os xeiques Darqawi e Shadhili, entre outros.

⁴ Disponível em: <http://olavodecarvalho.org/a-vinganca-do-caraio/> Acessado em: 17/07/2022

o pensamento de Guénon no Brasil com um artigo para a Revista Planeta sob o título de “René Guénon: o mestre da tradição contra o reino da deturpação”⁵, onde descreveu, com admiração, a obra de Guénon. Segundo Carvalho, Guénon era “um baluarte do pensamento Tradicional resistindo, isolado, às tormentas de um Ocidente moderno que já falava outra língua e não queria entender a sua” (PRADO, 2021, p. 83).

Felinto (2020) chama atenção para o curioso fato de que Olavo, apesar das diversas citações e defesas dos tradicionalistas em seus escritos dos anos 1980, passa acusar René Guénon, em um post de 2016⁶, de ser um “agente islâmico” a favor de uma tentativa de criar um movimento de “islamização da Europa”, destruindo o cristianismo e promovendo entidades maquiavélicas como a maçonaria. Sedgwick (2004) conta que esse sentimento de paranoia, como o que circula entre o meio olavista, esteve presente em boa parte dos ambientes tradicionalistas do início do século XX (SEDGWICK, 2004, p. 132). Para fundamentar sua crítica, Olavo utiliza as ideias do livro “False Dawn: The United Religions Initiative, Globalism, and the Quest for a One-World Religion”, de Lee Penn (2005) e publicado pela editora Tradicionalista Sophia Perennis, apresentada em seu site como uma editora dedicada a publicar “o que há de melhor nos escritos sobre as tradições sapienciais do mundo sob uma perspectiva largamente Tradicionalista ou ‘Perennialista’”⁷. Felinto (2020) alerta para a incoerência de Olavo em criticar o Tradicionalismo tomando como referência central a obra de uma editora Tradicionalista (FELINTO, 2020).

O mundo mental de Olavo de Carvalho se estrutura a partir de articulações, conexões e discursos que fogem à lógica comum e são fundamentados, principalmente, a partir de um clima de mistério e ordenados de uma forma quase iniciática, típicos de seitas. Por isso, Felinto (2020) afirma que, apesar do esforço de Olavo para reconstruir seu passado cristão, as marcas de suas fortes conexões com o universo das seitas e dos esoterismos ficam evidentes em suas ideias e discursos (FELINTO, 2020). Teitelbaum conta que, diferente de Dugin e Bannon, Olavo vivia a Tradição, nos modos e até na linha institucional de seus fundadores originais (TEITELBAUM, 2021, p. 120).

⁵ Disponível em: <https://wiac.info/docview> Acessado em: 22/07/2022

⁶ Disponível em: <http://olavodecarvalho.org/as-garras-da-esfinge-rene-guenon-e-a-islamizacao-do-ocidente/> Acessado em 15/07/2022

⁷ Disponível em: <http://www.sophiaperennis.com/> Acessado em 17/07/2022

Teitelbaum (2021) também percebe que desde que Olavo descobriu o Tradicionalismo e apesar de ter se convertido ao catolicismo posteriormente, seu discurso passou a ser uma variação do mesmo tema: “o líder da tarifa e o cowboy da Virgínia de espingarda em punho não eram apenas a mesma pessoa, mas talvez a mesma pessoa” (TEITELBAUM, 2021, p. 232).

Para Chaloub⁸ (2022) é inegável que ideias Tradicionalistas ocupam um lugar central no projeto teórico de Olavo, sendo a base para suas concepções de Ocidente, modernidade, indivíduo e religião. A frequente rejeição de Olavo à modernidade em prol de uma perspectiva mística e teológica o coloca mais próximo do reacionarismo que do conservadorismo. A mobilização dos seus seguidores por meio de chamados à violência revolucionária, a construção de inimigos públicos, o anti-intelectualismo e o negacionismo aproximam o discurso de Olavo de uma linguagem política fascista, como a utilizada por Mussolini na Itália, também simpático às ideias tradicionalistas de Julius Evola (CHALOUB, 2022).

No início da vida, Evola acreditava que era possível uma sociedade neutralizar e até mesmo recuar o ciclo do tempo Tradicional. Foi em parte com base nessa ideia que, segundo Teitelbaum (2021), Evola viu no fascismo italiano um movimento, tanto na estética quanto na política, capaz de dar essa virada para trás na sociedade da época, a qual ele entendia oscilar entre a plutocracia e o comunismo. O objetivo era recuar para um Estado militar que valorizava a ordem e os “ideais do guerreiro” (TEITELBAUM, 2021, p. 85).

Para Teitelbaum (2021), a afinidade ideológica em relação ao Tradicionalismo entre Olavo de Carvalho, o cientista político russo Alexander Dugin, conhecido como o “Rasputin de Putin”, e Steve Bannon, ex-assessor de Donald Trump e principal articulador da *alt right*, propiciou a criação de uma grande rede de compartilhamento de métodos de manipulação do eleitorado. Não por acaso, a partir de 2014, a *alt right* encabeçada por Bannon foi o principal movimento radical copiado pelos influenciadores da bolha virtual da direita brasileira – em sua maior parte, ligados a Olavo de Carvalho. Foi essa mimetização que ajudou a criar e alimentar o bolsonarismo nos anos seguintes (PRADO, 2021, p. 104).

A forma que esses renomados seguidores do Tradicionalismo articulam esse imaginário no século XXI projeta sentimentos e comportamentos como: o racismo

⁸ Disponível em: <https://revistaescuta.wordpress.com/2022/01/30/as-razoes-de-olavo-de-carvalho/>
Acessado em: 17/07/2022

(com uma ideia de superioridade de raça, de pureza); a misoginia (acreditando na superioridade do homem em relação à mulher) e culpa a democracia liberal e o comunismo – inimigo recorrente – pela decadência da humanidade ao dar espaço a castas mais sombrias, ou seja, negros, povos indígenas e a comunidade LGBTQIA+. Esses discursos radicalizados alimentam teorias conspiratórias que promovem o medo e a violência em relação a esses grupos entendidos como minorias (ESTEVÃO, 2021).

Com um discurso ultranacionalista e anti-iluminista, a extrema direita radicaliza ideias e linguagens para se distanciar da direita moderada e de centro direita que preservam os princípios da democracia liberal. A ideia central é de “reagir” contra a transformação da sociedade (que esses grupos entendem como tradicionalmente cristã, patriarcal e branca) e não apenas conservar a ordem predecessora. Pelo contrário, lutam para estabelecer uma nova base e agenda política que estejam completamente de acordo com suas crenças, que envolve o fim do estado de bem-estar social. Por isso, podemos considerar a nova direita ultraliberal como um movimento reacionário e não conservador, pois se trata de um grupo que tem como propósito a regeneração de uma forma tão radical e moderna quanto o revolucionário (LILLA, 2018. p. 11-14). Assim como os Tradicionalistas, muitos desses grupos enxergam a atualidade como processo de degeneração moral, política e social. O processo de regeneração para essa nova direita é buscar a experiência autoritária do nacionalismo de direita, como a idealização de um campo idílico da nacionalidade, da estrutura social, de um passado recente de maior valor moral. Não é apenas uma relação com a própria história, mas também com a memória de seus pais e a idealização de uma memória que eles não participaram, ou seja, uma falsa memória de um período que em teoria seria grandioso na sociedade brasileira. Quando olham essa ideia de ditadura militar estão buscando justamente o estabelecimento de um passado construído, um passado imaginário que inventa uma tradição para essa extrema direita. Para que a retomada desse passado idílico seja possível, torna-se necessário a existência de um projeto de regeneração na sociedade brasileira. Para Lilla (2018), os reacionários da nossa época descobriram que a nostalgia pode ser uma motivação política mais poderosa que a esperança, já que a esperança pode ser desiludida e a nostalgia é irrefutável (LILLA, 2018. p. 13-14).

Movido por paixões e suposições, o reacionário politicamente engajado cria teorias para explicar o curso da história e esclarecer o presente. A traição das elites é

a base de toda narrativa reacionária e é esse sentimento de traição histórica que atrai em torno das ideias reacionárias diferentes perfis em todo mundo. Desde a Revolução Francesa as narrativas de traição histórica são utilizadas pela produção intelectual reacionária e demonstram poder para influenciar resultados políticos (LILLA, 2018. p. 13-14).

O mito do complô ou da conspiração, um dos grandes conjuntos de mitos políticos estudados por Raoul Girardet (GIRARDET, 1987), é um dos alicerces da construção do imaginário da extrema direita. A narrativa desse mito é fundada a partir de uma explicação global para os problemas que afligem a sociedade. A possibilidade de encontrar respostas simples e reduzidas que ajude a minimizar medos e incertezas em um complexo contexto de crise econômica e social torna-se atrativa e sedutora, como é possível observar com a grande e intensa adesão às teorias conspiratórias de Olavo de Carvalho com reflexos em campanhas como “Olavo tem razão”. O pensamento conspiratório busca por uma hiper simplificação da realidade que apresente soluções fáceis à criação de inimigos, pelos quais se consegue localizar a origem de todo mal. Cria-se uma barreira moral que faz com que esses inimigos não pertençam à humanidade, não sejam dignos de direitos humanos, favorecendo o estabelecimento de retóricas do ódio⁹ (PEDRETTI, apud DIAS, 2022).

No imaginário da extrema direita, e principalmente no pensamento de Olavo de Carvalho (1994), o comunismo – que engloba todos os indivíduos que discordam de seus pensamentos neoliberais e neoconservadores – é o grande mal a ser combatido e idealmente exterminado. Contra o inimigo qualquer ataque é permitido. Em entrevista para o jornalista Pedro Bial em seu programa na TV Globo¹⁰, Olavo de Carvalho afirma que nada que se diga contra os comunistas pode ser considerado discurso de ódio, já que em sua visão os comunistas são, não só os “donos absolutos do discurso de ódio”, mas também responsáveis pela “prática do ódio assassino”. Segundo Olavo nem mesmo os nazistas superaram os comunistas na propagação e estímulo ao ódio.

O *complotismo* é um problema político que tem como estratégia contestar a versão oficial para atacar quem detêm saber e poder. É por isso que a extrema direita tem como foco o ataque às instituições como mídia, a política tradicional e as

⁹ Disponível em: <https://theintercept.com/2022/01/29/olavo-de-carvalho-teorias-militares-esquerda-lucas-pedretti/> Acessado em 20/01/2022, às 16h30

¹⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7531387/> A partir de 33'. Acessado em 06/08/2022

universidades. A intenção é colocá-las sob suspeita para que suas teorias passem a ser consideradas (DI CESARE, 2022, p. 11). A busca pela causa do complô parte de uma acusação e condenação moral, que não só denunciam um culpado, mas o estigmatizam e o demonizam como um inimigo político (DI CESARE, 2022, p. 48). Ao fazer da suspeita uma certeza, o complô se torna um elemento de distração que funciona para confundir a percepção da realidade (DI CESARE, 2022, p. 77). Para Di Cesare (2022) quem recorre ao complô o faz de um prisma sempre maniqueísta e tem dificuldade em lidar com o que é mutável e instável. Essas narrativas conquistam um enorme poder de influência na opinião pública por oferecer uma explicação para o que antes não havia resposta, compartilhar demandas atuais e mobilizar aspirações comuns (DI CESARE, 2022, p. 08-09).

O cidadão perplexo e desorientado que não consegue filtrar e interpretar o enorme fluxo de informações a que está exposto se torna um *complotista* em potencial. Di Cesare (2022) explica que esse cidadão honesto e ressabiado entende que é preciso ir além da “desinformação oficial” e vai buscar uma informação alternativa para decifrar a realidade. “A partir disso, assume uma visão policialesca do mundo e se sente parte de uma missão sagrada” (DI CESARE, 2022, p. 142-143).

Ao apelar para o afeto mais do que para a razão, a extrema direita se utiliza dos medos e ressentimentos das pessoas para gerar narrativas polarizadoras que produzem ódio e inventam inimigos. Tanto que uma estratégia da retórica que alimenta a construção do imaginário do inimigo é reforçar a ideia da perseguição com argumentos como “querem nos calar” ou “não nos dão o mesmo valor como dão a eles [os inimigos]” ou “vejam quantos aliados contra nós” (CUNHA, 2013. p. 70).

Complô e ressentimento estão estreitamente conectados pela mesma lógica mítica e pela mesma inversão dos valores. Ressentimento é a mistura de raiva e amargura que se sente quando achamos que o mundo nos deve alguma coisa, ou seja, o ressentimento é a manifestação de uma profunda impotência e é justamente essa condição de inferioridade que permite a reivindicação como vítima e à negação de qualquer responsabilidade (DI CESARE, 2022, p. 85). “Para o imaginário complotista, bater um inimigo não é meio para alcançar o objeto, mas é o objetivo em si” (DI CESARE, 2022, p. 114). A aglutinação e definição do grupo ressentido e vitimado se dá por meio da figura do inimigo. É a intolerância e repulsa em relação ao outro que molda a identidade dessa comunidade ressentida (DI CESARE, 2022, p. 114).

Cesarino (2019) identifica grande parte da força do bolsonarismo e da extrema direita brasileira a partir dessas relações grupais, em que cada parte busca a identificação com o coletivo e sua distinção de adversários e inimigos por meio de “uma política constante, tanto de diferenciação antagonística externa quanto de intensificação do pertencimento interno” (CESARINO, 2019).

Para mobilizar o povo contra o sistema, o populismo se utiliza da denúncia do complô, da tramoia e da corrupção do establishment contra as pessoas simples (DI CESARE, 2022, p. 120). Uma das narrativas de complô mais disseminadas por Olavo de Carvalho entre essa “nova direita” brasileira é o suposto poder do Foro de São Paulo, conferência criada em 1990 pelo PT para debater os rumos da esquerda latino-americana e que, segundo o escritor, deu ao partido o "comando estratégico da revolução comunista" no continente. Além, claro, da teoria já citada de que a esquerda exerce há décadas o controle da imprensa e das universidades brasileiras, como parte da estratégia que, segundo ele, segue o ideário de hegemonia cultural de Antonio Gramsci (1891-1937).

A história política recente da América Latina, com uma onda de vitórias eleitorais de direita na região, prova que o Foro de São Paulo não teve tanta influência para a geopolítica latina. Além disso, tanto a grande mídia quanto a academia sempre abraçaram, em maior ou menor intensidade, os valores conservadores e neoliberais.

As teorias conspiratórias que Olavo fez circular entre a nova direita ultraliberal têm como objetivo incitar o medo nas pessoas a partir de sua ideia nefasta sobre comunismo, marxismo cultural, ideologia de gênero e doutrinação ideológica.

Costa (2020) apresenta uma genealogia do termo “marxismo cultural e aponta que a origem da expressão data da Alemanha dos anos 1930, mais especificamente no contexto de domínio do partido nazista de Adolf Hitler e sua guerra cultural contra judeus, comunistas e socialistas. Segundo Costa (2020), o primeiro registro do termo consta na obra *Mein Kampf*, na qual o líder alemão declara guerra ao marxismo e à sua expressão cultural máxima que seria o bolchevismo. Uma vez no poder, o nazismo desencadeou uma guerra contra todas as manifestações culturais que rotulou de “bolchevismo cultural” ou “arte degenerada” (COSTA, 2020, p. 24). Hitler afirmava que as obras do bolchevismo – dadaísmo, cubismo e futurismo – eram produtos doentios de loucos degenerados e que o dever do nazismo seria impedir que o povo ficasse sob influência de tais loucuras (COSTA, 2020. p. 17).

Desde as primeiras menções no *Mein Kampf*, o marxismo sempre aparece associado ao judaísmo e ambos eram considerados as duas maiores ameaças ao povo alemão. Na visão de Hitler, a doutrina marxista, elaborada pelos judeus e inspirada pelo egoísmo e pelo ódio, é uma doença; “seus autores são verdadeiros demônios, monstros que planejam liquidar a civilização e transformar o mundo num deserto” (COSTA, 2020. p. 17)

Foi sob a retórica do marxismo cultural como símbolo da degeneração moral e ética que os nazistas declararam como inimigos pensadores e personalidades que seriam adeptas do tal marxismo cultural bolchevique, entre eles o psicanalista Sigmund Freud e o escritor Marcel Proust (COSTA, 2020 apud CUNHA, 2021).

Costa (2020) explica que, nos Estados Unidos, a origem desse processo se deu a partir da reação a revolução soviética de 1917 onde o chamado primeiro *red scare* (medo vermelho) foi alimentado com a aprovação do *Espionage Act* no contexto em que o país decidiu entrar na Primeira Guerra Mundial. Já o segundo *red scare* ficou conhecido pelo nome de macartismo – em alusão ao senador Joseph McCarthy – e data do período que vai dos anos 1930 (contexto do *New Deal*) até as lutas civis dos anos 1960 com o intervalo criado pela Segunda Guerra Mundial entre 1939 e 1945, onde o inimigo nazista passou a ser prioridade. Para Costa (2020), o macartismo trouxe como novidade uma intervenção mais focada na cultura e na arte a fim de combater a “infiltração comunista” na administração pública, no sistema educacional e, principalmente, na indústria cultural estadunidense. A paranoia da infiltração comunista no serviço público levou a criação, ainda em 1938, da Comissão Parlamentar para a investigação de atividades comunistas na esfera pública – *House Un American Activities Committee* (HUAC) – e, a partir daí, diversos artistas passaram a ser perseguidos pela suposta prática do comunismo no meio cultural (COSTA, 2020 apud CUNHA, 2021).

Encerrada a guerra, o anticomunismo estadunidense reemerge no ano de 1945, quando foi criado o *America First Party*, partido de nítida filiação nazifascista e que, não por acaso, virou um dos slogans da campanha do então candidato republicano e de extrema direita Donald Trump, em 2016. Esse partido retomou a campanha de denúncias de judeus, comunistas e simpatizantes da União Soviética em Hollywood.

Em 1947, quando foi declarada a Guerra Fria e a *Motion Picture Alliance for the Preservation of American Ideals* foi fundada por figuras relevantes da indústria cultural

americana, como Walt Disney, as palavras “socialismo”, “comunismo” ou “marxismo” se tornaram um tabu nos EUA e esse segundo *red scare*, que ficou mundialmente conhecido como macartismo, só se encerrou oficialmente em 1975. Costa (2020) destaca que o primeiro panfleto da *Motion Picture Alliance* alertava para o perigo da propaganda comunista subliminar e tinha como principais mandamentos: “1) não caluniar o sistema de livre iniciativa; 2) não caluniar empresários; 3) não caluniar a busca do lucro; 5) não divinizar os pobres; 6) não glorificar o coletivo” (COSTA, 2020, p. 33).

Segundo Costa (2020), foi no início dos anos 1990 nos Estados Unidos que o termo voltou a ganhar força, agora já com o nome de “marxismo cultural” (COSTA, 2020, p. 29). Os primeiros usuários da expressão marxismo cultural foram cristãos fundamentalistas, ultraconservadores e supremacistas que compõem a extrema direita estadunidense. Figuras renomadas da extrema direita mundial como Steve Bannon, o canadense Jordan Peterson e Olavo de Carvalho se posicionaram no cenário político como porta-vozes do combate ao marxismo cultural (COSTA, 2020, p. 37). Para Costa (2020), esse discurso reúne o que há de pior no nazismo e no macartismo e merece atenção por ter, inclusive, elegido presidentes como Donald Trump e Jair Bolsonaro. A expressão também passou a ganhar força em movimentos de supremacistas brancos, como o *Tea Party*, e também em movimentos ultraconservadores como Iluminismo sombrio e mais recentemente os tradicionalistas como conta Teitelbaum (2020).

Para movimentos reacionários como o *Tea Party*, a instituição precursora do marxismo cultural foi a Escola de Frankfurt que teria imigrado para os Estados Unidos ao fugir do nazismo, promovendo a arte moderna (combatida pelos nazistas) e contaminando o espírito da contracultura dos anos 1960 (COSTA, 2020, p. 38). O marxismo cultural seria a própria subversão da cultura ocidental e seus adeptos passaram a ser acusados de ensinar sexo e homossexualidade às crianças, promover a destruição da família, controlar os meios de comunicação e promover o engodo de massas, esvaziar as igrejas e incentivar o consumo de bebidas (COSTA, 2020, p. 40). Já o movimento “Iluminismo Sombrio” se trata de uma antítese assumida do Iluminismo, que prega a moral vitoriana do século XIX, uma ordem tradicionalista e teocrática que declara guerra aberta a todo conhecimento científico e, em primeiro lugar, ao marxismo cultural, direcionando sua fúria conservadora contra o feminismo,

as ações afirmativas, a liberação sexual, a igualdade racial, o multiculturalismo, os direitos LGBTQIA+ e o ambientalismo (COSTA, 2020, p. 38).

Steve Bannon, um dos principais articuladores da *alt right* e que assume sua simpatia pelas ideias Tradicionalistas, declarou para Teitelbaum (2021) que os conceitos essenciais do Tradicionalismo são a rejeição da modernidade, do iluminismo, do materialismo e a compreensão de que a “verdadeira cultura é baseada na imanência e na transcendência” (TEITELBAUM, 2021, p. 74). Para Durand (1984), a imagem de transcendência costuma estar acompanhada de métodos de distinção e de purificação (DURAND, 1984). Na visão de Bannon as “instituições, causas e valores pelos quais vivemos hoje são vazios e insignificantes”. É preciso se afastar de tudo isso e buscar o “verdadeiro sentido” de uma vida espiritualizada. As instituições e valores ligados à modernidade que esse discurso coloca sob suspeita são a democracia, o liberalismo e a ciência moderna. Com isso, o Tradicionalismo prepara um terreno místico para o sentimento antissistema (TEITELBAUM, 2021, p. 75). Teitelbaum (2021) alerta para o fato de que esse sentimento antissistema é utilizado para se chegar ao poder, mas ignorado uma vez que sejam alcançados os objetivos de domínio.

Esses pensadores e estrategistas da extrema direita transnacional investiram na criação de “contrapúblicos”, com escolas e canais de comunicação paralelos, para difundir um discurso alternativo ao público em geral, contra a “modernidade” e focado na religiosidade ou no esoterismo (SENNA, 2022).

Olavo entendeu que em um mundo de crescente complexidade e incertezas, as tradições e as religiões, neste caso o cristianismo, oferecem para o imaginário neoconservador e reacionário uma sensação de segurança, numa espécie de concretização do mito da “idade de ouro” ou da “idade de prata” onde a espiritualidade está no topo da hierarquia. Dessa forma, o domínio militar da sociedade também passa a ser desejado e entendido como um regime de elevação espiritual, onde predomina e se justifica a ordem hierárquica, a autoridade e a manutenção dos valores morais tradicionais. Composto por grupos saudosos da monarquia e da ditadura militar, a extrema direita brasileira entende que o período da ditadura representou anos dourados para o país justamente pelo seu caráter repressivo e anticomunista, que prioriza a “ordem” e os valores nacionais e da família tradicional cristã.

Por não conseguirem encontrar seus modelos ideais num futuro possível, esses indivíduos retornam à ideia do passado. Há um desejo de combater a mudança e o

novo, mas não só paralisando o tempo. “É necessário voltar ao passado, onde a religião e não a ciência oferece todas as respostas e propicia um mundo com menos incertezas” (FELINTO, 2020).

Para Olavo o pensamento e as ideias modernas enganam a sociedade com teorias subjetivas e relativistas. Correntes de pensamento como o iluminismo, kantismo, hegelianismo, positivismo, nietzscheanismo, freudismo, heideggerianismo e desconstrucionismo afundaram a contemporaneidade em uma decadência generalizada. Apesar de suas diferenças, todas as correntes teriam como característica comum o esvaziamento da civilização e de seus valores fundamentais, fazendo do mundo um lugar sem sentido e do ser humano um animal sem uma missão definida:

A pobreza do mundo seria, antes de tudo, então, uma pobreza de sentido, de espírito, de cultura. O sofrimento derivaria da deprimente corrupção da cultura ocidental – tornada destrutiva, negativa, individualista, hedonista, laica, atea e relativista. Contra os tormentos da época, Olavo reabilita uma filosofia que oferece certezas – senso de moralidade, conforto espiritual e formação clássica – em um mundo incerto, o que permite uma associação quase imediata, e servil, com o personagem.” (HUSNNE, 2018)

Com essa leitura exagerada e totalizante da filosofia moderna, reduzindo-a a uma revolta simplista contra a Tradição e a Verdade, Olavo invoca um retorno a formas antigas de filosofia com a justificativa de resgatar valores fundamentais como amor, família, verdade, sentido, espiritualidade, disciplina e autoridade (HUSNNE, 2018).

A principal crítica à sociedade brasileira que Olavo faz é de que tudo – inclusive os setores que deveriam aspirar valores transcendentais como patriotismo, cultura e espiritualidade – estaria infectado pelo materialismo, ou seja, a modernidade se trata da idade sombria do Brasil, dominada por uma mentalidade de castas de comerciantes e escravos. Para Teitelbaum (2021), é nessa etapa final da idade sombria que o Tradicionalismo e populismo podem se aproximar e é isso que nos permite traçar uma linha entre a astrologia, a alquimia e a extrema direita do Brasil. O discurso de Olavo vai focar na oposição que o Tradicionalismo faz à ciência moderna e acusar a mídia, o sistema educacional e o Estado brasileiro de estarem dominados pela esquerda e de serem provedores da ignorância por investir na ciência moderna em detrimento da espiritualidade.

Ao exaltar a espiritualidade, com ênfase no cristianismo, o discurso de Olavo conseguiu se aproximar de populações mais pobres e menos escolarizadas, distantes da educação institucionalizada e próximas de instituições religiosas. No Brasil, na

visão de Olavo, esses grupos seriam os guardiões da espiritualidade, pois alcançaram um modo de vida comunitário quase extintos em uma modernidade onde o individualismo predomina. Por isso, esses grupos excluídos pelas políticas modernas, mas fiéis à fé cristã seriam, na verdade, o núcleo principal da Tradição (TEITELBAUM, 2021, p. 231).

o populismo de direita estabelece uma oposição entre o sistema cosmopolita e as raízes do povo. O Tradicionalismo enxerga essa mesma divisão, mas a interpreta como um confronto entre mercantilistas tecnocratas e sacerdotes não ordenados que transcenderam o tempo. Além disso, ambos compartilham a convicção de que as divisões da política contemporânea não passam de ilusão: populistas alegam que todos os políticos são corruptos; Tradicionalistas, que a esquerda e a direita no Ocidente moderno são, as duas, progressistas e materialistas (TEITELBAUM, 2021, p. 232).

No Brasil, a relação cada vez mais intrínseca entre religião e sociedade inclui uma outra camada na construção de um imaginário que coloca o outro, ou seja, aquele que não compartilha de suas crenças, como o inimigo que ameaça corromper os valores morais da família tradicional cristã. O conservadorismo religioso reduz a percepção do mundo ao conflito maniqueísta entre “nós” e “eles”, bem e mal e, a partir disso, esses indivíduos “se sentem ameaçados pelo desmoronamento de seu mundo, sendo facilmente cooptados para a defesa de causas anti-igualitárias e soluções despóticas” (MESSENERG, 2017, p. 637 apud. FELINTO, 2020).

O brasileiro Benjamin A. Cowan, autor do livro *Moral Majorities across the Americas* pesquisou a trajetória do ultraconservadorismo cristão no continente americano, incluindo o Brasil. Partindo dos anos 1930, o historiador narra como grupos conservadores cristãos católicos e evangélicos encontraram formas de atuar conjuntamente e como essa parceria ajudou a produzir fenômenos reacionários como a extrema direita que ganhou força no país (FRANCO, 2021).

Cowan lembra que:

No Brasil a ascensão do cristianismo de direita se desenvolveu a partir dos últimos anos da ditadura militar (1964-1985). Os conservadores evangélicos se aliaram ao regime em razão de seu anticomunismo persecutório e moralista, e lucraram com essa visão comum política e financeiramente e também em termos de visibilidade. E os cristãos tradicionalistas, já insatisfeitos com décadas do ecumenismo [proposto por evangélicos progressistas], viram no cristianismo progressista um inimigo mais novo e mais perigoso, algo que eles procuravam ativamente marginalizar. O resultado foi um amplo consenso em torno de uma identidade cristã reacionária, que combinava anti-igualitarismo, antirracionalismo, antiestatismo, hierarquização e variações de antimodernismo,

anticomunismo, misticismo, antiecumenismo e uma sensação de que a cultura “tradicional” estaria ameaçada. Era uma política baseada em grande parte em ressentimentos culturais, com um gosto pelo hipercapitalismo [capitalismo agressivo] (COWAN apud FRANCO, 2021).

Nas democracias liberais contemporâneas, a ascensão do Tradicionalismo é resultado de uma insatisfação generalizada com a vida política e social. Nesse contexto, o Tradicionalismo permite a criação de um espaço ideológico e uma sanção divina para que figuras como Bannon e Olavo imaginem sistemas políticos totalmente novos. Suas teorias de inversão oferecem justificativas teológicas e escatológicas para a rejeição a instituições que forneçam conhecimentos sobre o mundo em que vivemos, ou seja, as universidades e a mídia (TEITELBAUM, 2021, p. 248).

Olavo foi uma das principais figuras que ajudou a gerar a sensação de crise e degradação moral no Brasil contemporâneo ao apostar na radicalização como técnica discursiva para atrair atenção pelo choque em tempos das mídias digitais. Com sua habilidade retórica, Olavo conseguiu oferecer respostas simples para questões complexas. Além disso, seus cursos e canais construíram um senso de comunidade e pertencimento entre seus admiradores. Em torno da figura de Olavo de Carvalho surgiu um grupo coeso de alunos e/ou admiradores, incluindo os sócios-fundadores e a maioria dos “especialistas” da Brasil Paralelo, que divulgam mutuamente seus trabalhos e ideias, criando uma câmara de eco que leva várias figuras a alcançar um status de “grandes pensadores” dentro das redes. Prado (2021) conta que as ideias trazidas das correntes radicais da extrema direita se popularizaram através desses influenciadores digitais, como se fossem bons exemplos de ideias políticas, modificando lentamente os parâmetros daqueles que os liam/assistiam e de muitos que não tinham conhecimento a respeito dos assuntos (PRADO, 2021).

A criação de microcomunidades dentro do ecossistema virtual da direita permitiu que laços de amizade fossem criados, aumentando o sentimento de pertencimento e validação a esses grupos. Essa configuração contribuiu para que a radicalização fosse legitimada e naturalizada, com pessoas deixando de repreender atos condenáveis em nome de uma suposta amizade. Além disso, as redes sociais proporcionam a possibilidade de reconhecimento; ser amigo virtual e/ou compartilhado por determinadas figuras que possuem muitos seguidores fornecem às pessoas uma espécie de status. Esta suposta ‘fama’ foi utilizada por muitos, posteriormente, para ser capitalizada (PRADO, 2021).

O legado que Olavo deixou no cenário social e político do país é da normalização e também monetização de discursos políticos que não eram aceitáveis

há tempos, naturalizando ataques a minorias e o desprezo pelas instituições. Além disso, conseguiu constituir em torno de sua figura e pensamentos um sistema público intelectual de consumidores de ideias da extrema direita. Se tornou uma referência de intelectual que passou a ser mimetizado por outras figuras que tentam imitar seu estilo público seja no uso do YouTube, no tom dos textos, no uso da retórica e na forma de debater publicamente. Em artigo escrito para o *The Intercept Brasil*, Horácio Neiva, um de seus ex-alunos, afirmou que se criava uma espécie de culto em torno da figura de Olavo:

O que fez a fama de Olavo nunca foi o valor de suas ideias, mas antes a combinação de barafunda de autores desconhecidos, o sentimento de comunidade, o clima de seita e a ideia de que estávamos resistindo a alguma ameaça (política, cultural, intelectual).

(...)

Olavo dizia que estava formando uma “nova geração de intelectuais”, mas, no fundo, estava formando uma nova geração de militantes. Isso se percebia pelos cacoetes introjetados nos alunos, pela constante emulação que muitos faziam até dos jeitos do Olavo. O que essa geração “formada” por ele buscava não era estudo e conhecimento, mas sim validação e, de certa forma, poder: poder para se afirmar em relação a amigos e professores e, no limite, poder para se afirmar em relação aos esquerdistas. Esquerdistas que, note-se, eram inimigos não só pelas ideias, mas porque ocuparam o lugar na cultura que deveria ser do Olavo. (NEIVA, 2022)

Em seus cursos, além de sugerir leituras, explicar teorias ou fazer análises políticas, Olavo também respondia a dúvidas sobre problemas da vida cotidiana, oferecendo caminhos e soluções, além de comentar sobre formas de evolução espiritual, psicológica e moral. Não por acaso, os alunos adotam práticas de vida que estão além da mera formação intelectual, passando a entender seu encontro com Olavo como um momento sagrado de renascimento. Husnne (2018) compara a conversão ao olavismo com o processo de adesão a uma espécie de culto, de compartilhamento de um modo de vida, e não apenas de mera filiação intelectual. Olavo não era só um professor, mas sim um mestre que apresentava uma nova forma de vida, educando a mente e a alma. (HUSNNE, 2018).

Olavo estimulava seus alunos a acreditar que no mundo moderno impera a degradação moral, o caos político e a miséria intelectual e a partir disso convocava seus seguidores para serem agentes da regeneração da sociedade. Muitos de seus discípulos consideram o encontro com o filósofo libertador. O discurso e as ideias de Olavo alimentavam um sentimento de honra e grandeza que precisavam ser reconquistadas por meio de uma inevitável guerra cultural, que nesse contexto passa a ser compreendida como uma guerra espiritual e santa.

Um dos objetivos de Olavo era criar uma nova elite intelectual conservadora que fosse capaz de combater a suposta dominação do ambiente cultural pela esquerda. Influenciados e incentivados por Olavo, seus alunos e admiradores passaram a utilizar as mídias alternativas para replicar seu discurso por meio de blogs, canais no YouTube, páginas no Facebook, grupos no WhatsApp e Telegram, formando assim um ecossistema midiático influente capaz de ampliar o alcance e popularizar as ideias do filósofo, antes restritas aos iniciados. Ao replicar a mesma estrutura de pensamento desenvolvida por seu mestre, seus ex-alunos investiram em uma pedagogia à margem das grandes universidades para descredibilizar a academia e servir de contraponto ao que Olavo afirmava ser um ensino universitário decadente. Para Olavo, a modernidade estaria carregada de ideologias com inclinações puramente destrutivas, que tornariam a sociedade mais frágil, fazendo-a padecer diante de uma elite global cada vez mais ávida por poder, abrindo caminho para a tirania (HUSNNE, 2018).

Sem esse simulacro de erudição praticado por Olavo a manutenção da hegemonia cultural da extrema-direita pelo culto da ignorância, da enganação e da desinformação não seria possível. Tiburi (2022) afirma que Olavo usava a cultura para destruir a cultura, a linguagem para destruir a linguagem, assim como tantos usam hoje a política para destruir a política. A filósofa acredita que Olavo de Carvalho era um estrategista da linguagem, cujo método conduziria a morte da linguagem “através da destruição da lógica que dá base ao pensamento humano em nome de vencer um debate sem precisar ter razão”. Tiburi levanta a hipótese de que o objetivo de Olavo não era simplesmente vencer um debate, mas sim aniquilar a própria chance de existir um debate pela destruição completa da linguagem (TIBURI, 2022).

A *alt right* influenciada por Steve Bannon e a extrema direita brasileira que segue as ideias de Olavo compartilham a crença de que a educação no Ocidente estava impedindo a criação de um futuro conservador e que, por isso, era necessário criar sistemas de educação alternativos como uma contramedida. Com isso, recorreram à metapolítica para introduzir ideias conservadoras na sociedade por meio de canais alternativos via internet, como a Brasil Paralelo (TEITELBAUM, 2021, p. 153).

Teitelbaum (2021) explica a metapolítica¹¹ como uma estratégia de se fazer uma campanha política por meio da cultura – “das artes, do entretenimento, do intelectualismo, da religião e da educação”. Ou seja, alterar a cultura de uma sociedade é também criar uma oportunidade política já que os valores do ser humano são formados nessas esferas. Andrew Breitbart, fundador de um dos principais portais de notícias da *alt right* americana, o Breitbart News, já declarou que “a política move-se com a cultura” (TEITELBAUM, 2021. p. 63).

A luta não é mais só contra um partido político, mas contra o consenso. De acordo com os Tradicionalistas o consenso é o sentimento característico da idade sombria como a que estamos vivendo agora, onde uma maioria tenta impedir que a política de extrema direita seja considerada no debate público (TEITELBAUM, 2021, p. 62).

Para Olavo, a chegada do PT ao governo federal aumentou os riscos e perigos que a classe política representa, já que em sua visão o partido faz parte de uma organização criminosa que está mancomunada com o que existe de mais perigoso na política latino-americana: o Foro de São Paulo, as Farc, além de ligações com o narcotráfico internacional. (HUSNNE, 2018)

1.3 A manipulação das informações e das emoções na guerra cultural da nova extrema direita

Assim como a *alt right* americana, a extrema direita no Brasil se organizou essencialmente on-line e influenciou forma e conteúdo de se fazer política no país. Na guerra cultural proposta por Olavo de Carvalho as batalhas são travadas, principalmente, no terreno das mídias sociais. Por isso, a comunicação desses grupos segue um modelo de rede, ou seja, uma forma mais horizontalizada e orgânica que se distancia da comunicação política tradicional.

Com uma lógica algorítmica que prioriza mensagens que apelam para emoções como ódio, medo e ressentimento, a arquitetura das plataformas digitais de mídias

¹¹ Associada a pensadores de matriz conservadora, como Bruera, Benoist e Riedel, a metapolítica tem cobrado notoriedade nos últimos anos como fundamentação teórica de governos de extrema direita na América e na Europa, ao providenciar um arcabouço teórico que se centra na nacionalidade como essência do político, desconsiderando clivagens como a classe social, a etnia e o gênero, comumente usadas nas ciências sociais como variáveis explicativas das hierarquias sociais. Essa preocupação pelo “fundamento último” faz que as produções metapolíticas se aparam em referentes metafísicos, mais do que em pesquisas em campo.

sociais oferece um palco para a extrema direita transnacional, além de permitir que estes grupos se conectem entre si, formando redes e mobilizando outros atores sociais ao intensificar a proliferação dos afetos e *moods*.

Pesquisadores como Sara Ahmed (2004), Rocha (2021) e Richard Grusin (2010) desenvolveram estudos para compreender como corpos e afetos, individuais e coletivos, se acoplam aos ambientes midiáticos, atuando na proliferação de discursos de medo, ódio, intolerância e campanhas de desinformação. Esses estudos apontam que a produção de conteúdos desinformativos utiliza táticas de manipulação emocional que são potencializadas pela arquitetura das mídias digitais para influenciar e alterar opiniões e comportamentos.

Sara Ahmed (2004), por exemplo, chama atenção para o poder agregador do ódio, que constrói coletivos e noções de violência como soluções contra qualquer força que pareça ameaçadora. É essa forma imaginária de resistência que cria uma relação íntima entre quem odeia e quem é odiado, ou seja, é como se o ódio construído de forma coletiva se tornasse o motor para manter esses grupos unidos. A autora pensa no afeto do ódio como algo perigoso porque ele pode ser distribuído já que não reside em um sujeito ou objeto determinado. O ódio circula entre significadores, sempre em relações de diferença e deslocamento e é essa circulação que produz uma diferenciação entre “nós” e “eles”, onde “eles” são a causa ou justificção do “nosso” sentimento de ódio (AHMED, 2004 apud LARGENT, 2021).

A hipótese de Rocha, por sua vez (2021), é de que essa batalha cultural da extrema direita no Brasil se beneficia de uma técnica discursiva – a retórica do ódio, ensinada nas últimas décadas por Olavo de Carvalho –, e essa estratégia política conduzirá o país ao caos social paralisando a administração pública e alimentando um déficit cognitivo que define o analfabetismo ideológico – conceito que o autor apresenta para descrever a negação da realidade e o desprezo pela ciência que estruturam o bolsonarismo e a extrema direita no Brasil (ROCHA, 2021, p. 15).

Para Rocha (2021), a retórica do ódio é uma técnica discursiva que:

propõe a eliminação (inicialmente) simbólica do outro; favorece o surgimento do analfabetismo ideológico; propicia a irrupção de uma constrangedora idiotia erudita; alimenta um excêntrico anti-intelectualismo com base num excesso mal digerido de referências bibliográficas secundárias; mescla autodidatismo e autoengano; confunde a tarefa do pensamento com a ginásiana “lógica da refutação”, reduzindo o diálogo a uma esgrima adolescente de memes e de “lacrações”; e, por fim, transforma a dissonância cognitiva na mola mestra do sistema de crenças Olavo de Carvalho. (ROCHA, 2021, p. 155)

Como técnica discursiva que pode ser ensinada e transmitida, a retórica do ódio pretende reduzir o outro ao papel de inimigo a ser eliminado. No caso do discurso de Olavo, aprendido e multiplicado pelos influenciadores e especialistas da extrema direita brasileira, destacam-se duas táticas para atingir esse objetivo: a desqualificação nulificadora e a hipérbole descaracterizadora (ROCHA, 2021).

Rocha (2021, p. 157) explica que a desqualificação nulificadora tem a função de reduzir o adversário ideológico ao nada e assim desumanizá-lo. Nos conteúdos da Brasil Paralelo é possível identificar a recorrência do uso do *argumentum ad hominem* contra seus alvos, ou seja, muitas vezes as produções direcionam suas críticas de forma depreciativa aos autores das ideias e não seus argumentos. Para criticar o movimento feminista, acusam Simone de Beauvoir de “defender pedófilos condenados” e “relativizar os pederastas e o incesto” (QUEM...2023).

Já a hipérbole olavista é descaracterizadora pois tende a eliminar as mediações implicadas nos argumentos (ROCHA, 2020, p. 172). Essa técnica persuasiva constrói os discursos com extremos, ineditismos sem paralelos, generalizações que esvaziam o enunciado, afirmações falsas, mas cuja veracidade ao mesmo tempo não pode ser facilmente questionada. Esse tipo de retórica pretende dificultar a análise de premissas e, sobretudo, a contestação das conclusões. *Pátria Educadora* (2020), por exemplo, foi divulgada como “a maior denúncia já feita sobre a educação brasileira”¹².

Ao suprimir as mediações, a hipérbole descaracterizadora atende aos objetivos da política da extrema direita que é estabelecer uma associação direta entre lideranças políticas/econômicas e massa, impedindo que instituições como imprensa, academia e justiça interfiram como mediadores nesses discursos. Os filmes da Brasil Paralelo geralmente são divulgados como “as maiores denúncias ou investigações” já feitas no país, ou seja, revelam algo além do que essas instituições tradicionais nos apresentam.

Grusin (2010) alerta que numa era de elevada securitização, a sociedade em rede busca *premediar* as percepções coletivas de antecipação e conectividade de forma a perpetuar baixos níveis de apreensão e medo. A *premediação* trabalha na produção de uma afetividade que antecipa a remediação de eventos futuros ou ocorrências que podem ou não acontecer (GRUSIN, *apud* CORRÊA, 2013). Com

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EU5sAWPKgMc> A partir de 1’28”. Acesso em: 03/08/2022.

apoio dos algoritmos das redes, canais como a Brasil Paralelo conseguem endereçar seus conteúdos a grupos e pessoas que, de alguma forma, interpretam que determinadas propriedades das mensagens apresentadas refletem como causa de problemas que afetam suas realidades. Dessa forma, as notícias falsas e teorias conspiratórias viram instrumento político porque reforçam as convicções prévias desses grupos e apresentam uma solução simplificada para o problema. A construção de “mitos” com poder de comover a audiência também cumpre um papel importante para definir os alvos a serem atacados e mobilizar grupos em direção a objetivos políticos a serem conquistados, ativando e aumentando preocupações que já existiam nas pessoas e apresentando o projeto político da extrema direita como solução para esses problemas (ROCHA, 2021). Como por exemplo, o armamento da população para combater a violência defendido pela trilogia *Entre Lobos* (2022) da Brasil Paralelo e o *homeschooling* contra a doutrinação ideológica da esquerda nas escolas e universidades.

A extrema direita transnacional soube se apropriar com habilidade dessa característica do universo digital onde há o predomínio do campo dos afetos e da manipulação sentimental. Dessa forma, as redes sociais se tornaram um dos canais mais eficientes para a disseminação de informações falsas, contraditórias e distorcidas que apelam às emoções e paixões cultivadas por diferentes setores da sociedade. Essa tática que ajuda a instaurar o caos cognitivo, confundindo a audiência para conquistar uma parte do eleitorado, é um ponto em comum em países onde se observa a ascensão da extrema direita, como EUA, Hungria e Brasil.

O uso sistemático de contranarrativas que dissimulam o real teor e propósito de suas ideias é uma marca registrada da *alt right* americana nesses ambientes digitais, que passou a ser reproduzida pela extrema direita brasileira (PRADO, 2021, p. 224). A ação mimética, a mídia alternativa com notícias que são meias verdades (uma pequena verdade envolta de grandes mentiras) e o uso massivo do *clickbait* (tática que utiliza iscas através de anúncios enganosos e sensacionalistas para gerar tráfego on-line na publicação) são modelos de atuação política que inspiraram a nova direita brasileira (PRADO, 2021, p. 66).

Outras táticas descritas no *Media Manipulation Casebook*¹³, projeto que reúne e classifica campanhas de manipulação de discursos on-line, elaborado pela

¹³ Disponível em: <https://mediamanipulation.org/> Acesso em 31 jul. 2022

professora Joan Donovan no Technology and Social Change project (TaSC) do Shorenstein Center de Harvard adotadas, podem ser identificadas na atuação da extrema direita brasileira nas redes, como o *trolling*, que são ataques pessoais aos adversários, incluindo ministros do STF e TSE; desinformação em formato de memes; *cloaked science* e *misinfographics*, que são falsos documentos e dossiês pretensamente científicos que sugerem uma interpretação contrária ao fatos, como os citados em *Cortina de fumaça* (2021); *viral sloganeering*, como campanhas de hashtags #olavotemrazão #maismisesmenosmarx; "*recontextualized media*", ou seja, uso intencional de notícias antigas e em contextos diferentes para influenciar a percepção da opinião pública sobre os fatos, tática frequentemente adotada nas produções da Brasil Paralelo.

A extrema direita transformou as redes digitais em poderosas máquinas de produção de ignorância, manipulando informações e conhecimentos, produzindo mentiras e notícias falsas que influenciam a opinião pública e alimentam o caos cognitivo na sociedade. O ecossistema midiático digital se tornou um ambiente propício para a construção e circulação de mitos que conectam política e irracionalidade. As imagens geradas nesse ambiente, como os memes, vídeos de Youtube, *tweets* e mensagens de WhatsApp compõem um espaço digital favorável para disputas políticas articuladas em torno da captura do imaginário popular (FELINTO, 2020). Nas redes sociais, polêmicas e controvérsias são utilizadas como recursos para alcançar novos públicos.

Cesarino (2021) aponta que, além das facilidades geradas pelas novas tecnologias, o avanço das *fakes news* e desinformação faz parte da estratégia de alguns grupos de direita, que envolve "manter a entropia" virtual, ou seja, contribuir constantemente com o caos informacional. Esses grupos se aproveitaram desse ambiente com pouca regulação das novas mídias para estabelecer um plano de comunicação em várias camadas onde suas crenças e pontos de vista individuais são reforçados em ecossistemas relativamente fechados em si mesmos. O discurso adotado por esses novos canais midiáticos promete um "acesso à verdade que a mídia anterior não oferecia, já que ela está em conchavo com as elites" (CESARINO, apud PACHECO, 2021). A Brasil Paralelo, com seu viés ultraliberal, entende essa oportunidade de empreender por meio de ideologia política, fazendo da defesa do imaginário da nova direita ultraliberal um negócio lucrativo.

Por meio da manipulação de notícias falsas e de teorias conspiratórias, a extrema direita transnacional estimula um colapso da interpretação ao produzir de maneira deliberada a dissonância cognitiva através de uma midioesfera própria que possui um sistema de desinformação programática e de criação de realidade paralela. Desse modo, monta-se uma usina de narrativas polarizadoras, cuja finalidade é gerar desconfiança e inimigos em série, a fim de manter as massas digitais em permanente estado de mobilização. São construídos espaços onde a desinformação passa a ser veiculada sem nenhum contraponto e, com isso, as mentiras são normalizadas e aceitas como verdade paralela.

Esse ecossistema midiático, que inclui grupos no WhatsApp e Telegram, redes sociais, canais do YouTube e emissoras de rádio e TV forma um sistema de comunicação que dá sustentação ao projeto político da nova direita ultraliberal por meio de uma guerra cultural que posiciona críticos e adversários políticos da extrema direita nacional como inimigos.

Em diferentes países do mundo as guerras culturais se tornaram uma das principais ferramentas utilizadas para transformar o cenário social e político. Para James Hunter (1991), as guerras culturais se caracterizam pelo conflito de visões morais do mundo que acontece na esfera pública e são protagonizadas por grupos que possuem acessos privilegiados aos instrumentos de influência e poder. Temas relacionados à raça, religião, sexualidade, gênero, educação, cultura e política são abordados com premissas moralistas e a favor de um pensamento nacionalista e conservador que provocam antagonismo e hostilidade entre conservadores e progressistas (HUNTER, 1991). Esse fenômeno vem ganhando terreno no ambiente cultural brasileiro, impulsionado pelo sucesso eleitoral de candidatos de extrema direita que se utilizam dessas pautas, muitas vezes radicalizando o discurso para atrair a atenção dos eleitores e engajá-los.

Na ascensão internacional da extrema direita, as guerras culturais se apresentam como autênticas batalhas ideológicas pelo estabelecimento de modelos normativos e muitas vezes reacionários de família, arte, educação, lei e política. A guerra cultural sempre implica a disputa de valores, com base na alegada superioridade dos princípios que este ou aquele grupo defendem. No cenário político brasileiro, a forte presença da bancada evangélica no parlamento e o aparelhamento

dos ministérios da Educação e Cultura no governo Bolsonaro por seguidores de Olavo de Carvalho¹⁴ são indissociáveis desse conflito de valores.

Na guerra cultural olavista não existe a possibilidade de um espectro do campo político ser habitado por correntes diversas, eles buscam uma homogeneidade de pensamento. É a pretensão de afirmar a essência das coisas, a manutenção de uma ideia de verdade absoluta. Todo aquele que não esteja de acordo com essa percepção de uma verdadeira essência se torna inimigo e, por isso, deve ser eliminado, a princípio simbolicamente. Mas na história da humanidade a violência simbólica sempre precedeu a violência física (ROCHA, 2021).

Solano¹⁵ identifica nessa retórica uma radiografia dos medos das pessoas:

A extrema direita pega os elementos fundantes da lógica conservadora – a família, sexualidade, a infância–e transforma isso em um ecossistema que está ameaçado. A ideia de que se você votar no outro, tudo isso que é a âncora da sua vida está sob ameaça. (SOLANO, apud BRANDINO, 2022).

Ao se consolidar como porta-voz do conservadorismo reacionário da extrema direita contemporânea no Brasil, Olavo de Carvalho popularizou a ideia de que o “marxismo cultural” havia se apossado das instituições. Por isso, era preciso se opor a universidades, ícones culturais, mídia e instituições educacionais, já que todas estão supostamente dominadas pelo ideário de esquerda. Olavo teve um papel importante na disseminação desse imaginário conspiratório que, até então, estava restrito aos quartéis.

O historiador Lucas Pedretti¹⁶ (apud DIAS, 2022) lembra que a Doutrina de Segurança Nacional formulada nos anos 1950, a partir de ideias que circularam entre os militares dos EUA durante a Guerra Fria, enxergava como inimigos internos todos os setores da sociedade que carregavam quaisquer perspectivas sobre o Brasil, – sociais, econômicas, políticas e morais – que fossem distintas daquelas que os formuladores da doutrina entendiam como a correta. A atualização que a DSN teve em 1969 é um exemplo da “cultura da morte” citada por Jesi (2021) como um elemento marcante da cultura de direita. Nessa versão da DSN a palavra “morte” aparece 32 vezes (PEDRETTI, apud DIAS, 2022). Rocha (2021) chama atenção de

¹⁴ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/ministerios-guiados-por-ideologias-muito-barulho-e-poucos-resultados/> Acesso em: 13 jun. 2021.

¹⁵ Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/07/panico-moral-e-vies-de-confirmacao-entenda-uso-das-emocoes-nas-eleicoes.shtml?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=newsia Acesso em: 15 ago. 2022.

¹⁶ Disponível em: <https://theintercept.com/2022/01/29/olavo-de-carvalho-teorias-militares-esquerda-lucas-pedretti/> Acesso em: 20 jan. 2022.

que não há outro exemplo na jurisprudência brasileira e por isso considera a Lei de Segurança Nacional um culto à morte, onde 15 artigos prescrevem a pena de morte. “A própria palavra “morte” estrutura a lei e determina a sua essência” (ROCHA, 2021).

Segundo Pedretti (2022), a Doutrina de Segurança Nacional partia da premissa de que o Brasil fazia parte do Ocidente cristão, por conta de sua tradição histórica, desde o contexto bipolar da Guerra Fria onde ficou ao lado do mundo ocidental capitalista. Pedretti aponta que esse pensamento parte da criação de um inimigo responsável por todo o mal e que essa doutrina influenciou os militares ao longo de toda a ditadura e depois da abertura política, quando passaram a reposicionar o lugar do inimigo. Para o historiador, os militares passaram a identificar seus inimigos internos não mais necessariamente pela força das armas, como foi com a guerrilha de esquerda, mas pela força da hegemonia cultural (PEDRETTI, apud DIAS, 2022).

Essas ideias, que estavam circulando no pensamento político americano conservador desde o início dos anos 80, chegam no debate brasileiro via militares, mas é Olavo que a populariza para fora dos quartéis a partir dos anos 1990 e, com isso, se torna uma das figuras mais influentes da extrema-direita nacional (PEDRETTI, apud DIAS, 2022)¹⁷.

As novas mídias foram fundamentais para que a nova direita ultraliberal criasse seu próprio ecossistema midiático com o objetivo de alimentar um imaginário a partir de ideias difundidas por Olavo de Carvalho como a teoria de que a educação e cultura do país estão dominados pelo “marxismo cultural” e que, para o projeto de poder da extrema direita ser bem-sucedido, é necessário obter, para além da hegemonia política, uma hegemonia cultural. Em uma mensagem postada na sua página do Facebook em 2016, Olavo deixa claro que é preciso ir além da vitória da eleição de Bolsonaro em 2018:

Tantos, hoje, dizem querer o Brasil de volta, e em vista disso gritam: "Bolsonaro 2018". Não quero ser estraga-prazeres, mas os comunistas não começaram a nos tomar o Brasil pela Presidência da República. Tomaram primeiro as universidades, depois a Igreja Católica e várias das protestantes, depois os sindicatos, especialmente de funcionários públicos, depois a grande mídia, depois o sistema nacional de ensino, depois o sistema judiciário, depois os partidos políticos todos, e por fim, depois de quarenta anos de esforços, a cereja do bolo: Presidência da República. Vocês acham

¹⁷ Disponível em: <https://theintercept.com/2022/01/29/olavo-de-carvalho-teorias-militares-esquerda-lucas-pedretti/> Acesso em: 20 jan. 2022.

REALMENTE que tomando a cereja de volta o bolo inteiro virá junto?
(CARVALHO, 2018)

No ecossistema midiático alimentado pela nova direita ultraliberal esse pensamento ganha musculatura e passa a ser reproduzido com frequência em diferentes canais, levando sua audiência a acreditar que faz parte de um grupo especial que compreende o “verdadeiro problema do país”, ou seja, a ameaça do “marxismo cultural” e, conseqüentemente, do temido comunismo. A repetição constante desses argumentos em diferentes histórias e usados por diversas personalidades também faz parte da tática. O excesso de mensagens, áudios e vídeos difundidos sobre globalismo, guerra cultural, ideologia de gênero, para citar alguns temas, não é por acaso. A bolha informacional criada por esse ecossistema midiático alimenta uma realidade paralela onde o STF, a esquerda, a imprensa, a academia, os movimentos identitários e as ONGs ambientais estão no centro de uma conspiração para defender políticos corruptos e/ou valores anti-família enquanto impedem que o país seja governado para os “cidadãos de bem”.

Kalil (2018) aponta em sua pesquisa que essa persona de “cidadão de bem”, que passa a servir de referência de boa índole para a nova direita e que se posiciona como contra todas as formas de corrupção, é uma espécie de repositório que consegue captar e atrair para si uma série de dimensões críticas a respeito de como sociedade e poder funcionam. Essa figura, com o passar do tempo, conseguiu captar tendências “antissistema” (“contra todos os partidos”, “contra todos os políticos”, “contra tudo e contra todos”), para depois atrair dimensões da crítica anticorrupção (tanto em seu sentido estrito financeiro, quanto na sua forma moral, quanto em sua forma religiosa). Com o tempo, o “cidadão de bem” passou a se distinguir também de categorias, grupos e pessoas ligadas à esquerda. A força da categoria “cidadão de bem” vem de que ela se presta a tipificar uma espécie de barreira moral e política encarnada nas pessoas que resistem ao “avanço do comunismo”, à “ideologia de gênero”, às ameaças ao Estado de direito e à liberdade religiosa. Sendo assim, a figura do “cidadão de bem” é ao mesmo tempo central e caleidoscópica, pois se adequa com facilidade a contextos e dinâmicas heterogêneas. (KALIL, 2018).

A figura de Bolsonaro moldou-se perfeitamente ao perfil do imaginário social que vê a necessidade de encontrar um “salvador” da nação, que “coloque ordem na casa” e retome a “autoridade perdida”. A agenda de direitos humanos passa a ser considerada como a responsável pela decadência “moral” e “cívica” da nação, se

tornando responsável também por um problema de segurança pública, passando a ser associada a criminosos. Políticas a favor da defesa irrestrita para ampliação do porte e da posse de armas de fogo ganham maior adesão¹⁸. Em um trailer de *Entre Lobos* trilogia sobre segurança pública lançada pela Brasil Paralelo em 2022, a expressão “bandidolatria” é usada para o que consideram como heroísmo às avessas. Eles acreditam que desde Lampião e ainda hoje na sociedade contemporânea, “bandidos são tratados como vítimas, ídolos ou heróis” e têm mais regalias que os policiais. Acusam a mídia de inverter os papéis ao apresentar policiais como criminosos e os bandidos como vítimas. Anunciam *Entre Lobos* como uma trilogia que mostra o ponto de vista das “verdadeiras” vítimas, diferente da imprensa que “mostra o lado do bandido”. *Entre Lobos* é divulgado como o “maior filme sobre o combate ao crime desde Tropa de Elite”¹⁹. Aqui também é possível identificar a presença da religião da morte ou uma religião dos mortos exemplares, com uma retórica militar que ao mesmo tempo que celebra o extermínio do bandido faz apologia à morte heróica do policial como soldado (JESI, 2021, p. 62).

A mentalidade da nova direita ultraliberal é alimentada por um imaginário de guerra que mobiliza seus apoiadores como “soldados” contra a depravação moral da família e autoriza a ideia de eliminação do outro, já que em uma guerra é “preciso” matar, eliminar o inimigo.

Essa ideia de extermínio do outro alimenta um imaginário composto por símbolos e códigos que exaltam uma cultura da morte, evidenciada pela persistente defesa da violência policial e da ampliação do acesso a armas de fogo entre a população, da devastação ambiental justificada para o avanço do agronegócio e de uma necropolítica intensificada pelo negacionismo científico durante a pandemia de Covid.

Assim como nas seitas, a lógica da extrema direita tenta reescrever a história e revisar o conhecimento científico, já que as instituições que deveriam ensinar tal conhecimento, como as escolas e universidades, não são mais confiáveis por estarem dominadas por comunistas, pelo marxismo cultural e pelo método de Paulo Freire. Tudo que não se encaixa em sua visão de mundo passa a representar uma ameaça e por isso deve ser combatido (FELINTO, 2020). Para a extrema direita os que

¹⁸ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-roteiro-do-golpe/> Acesso: 24 jul. 2021

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Rwx9dQF8yl> Acesso 31 jul. 2022

questionam ou relativizam suas certezas se tornam os inimigos, que passam a ser produzidos em série. A partir de símbolos e arquétipos específicos, produzem uma imagem negativa sobre seus inimigos, com uma descrição que torna uniforme aquilo que não é e que tem como objetivo criar e identificar o inimigo comum. Por exemplo, consideram que toda pessoa de esquerda é comunista e tem o pensamento dominado pelo marxismo cultural, tornando-se assim um inimigo da pátria, da família e da igreja (Deus).

O imaginário da extrema direita consegue estabelecer conexões entre símbolos e códigos inicialmente inusitados e até mesmo conflitantes que alimentam um ambiente de dissonância cognitiva, onde uma pessoa apresenta simultaneamente opiniões contraditórias entre si. Como, por exemplo, a associação de armas, com Deus e família ou um discurso “pró-vida” que serve como base argumentativa para criminalizar o aborto ao mesmo tempo em que se defende pena de morte e extermínio de quem consideram marginais, que vão de pretos pobres periféricos a adversários políticos.

Para Rocha (2021), a dissonância cognitiva é o motor das massas digitais dessa nova direita e pode ser compreendida quando se identifica uma distância entre uma crença e um ato, como por exemplo o fumante que fuma mesmo sabendo sobre os malefícios do cigarro. O ecossistema midiático da nova direita ultraliberal, composto por empresas como a Brasil Paralelo, tem como missão promover o *bolsolavismo*, esse “poderoso sistema de crenças, dotado de coerência interna paranoica” (ROCHA, 2021, p. 359) e construir um imaginário imune à realidade. Na visão de Rocha (2021), esse efeito é possível porque a guerra cultural alcançou um novo patamar, convertendo-se numa forma de vida. “O resultado é a criação de estruturas autocentradas e imunes a críticas, pois toda ressalva exterior somente confirma o acerto das premissas internas ao sistema de crenças” (ROCHA, 2021, p. 359). O que não serve aos interesses da nova direita passa a ser considerado como em favor do inimigo a ser combatido.

A manipulação da informação de acordo com os interesses políticos de um grupo ganha novos contornos nas dinâmicas das redes sociais e na era da pós-verdade. Lierner (2020) diz que no Brasil essa tática também está associada a uma tática militar conhecida como “guerra híbrida”, que é formada por “um conjunto de ataques informacionais em instrumentos não convencionais, como as redes sociais,

para fabricar “operações psicológicas com grande poder ofensivo, capazes de ‘dobrar a partir de baixo’ a assimetria existente em relação ao poder constituído”.

Para Lierner (2020), a guerra cultural faz parte do conjunto de dispositivos que são acionados pelo fenômeno da guerra híbrida, ou seja, a guerra cultural é um pedaço específico da artilharia da guerra híbrida que em geral está acontecendo em diferentes frentes de batalha (LIERNER, 2020).

Referenciando Korybko em *‘Hybrid Wars: The indirect adaptive approach to regime change’* (2018), Leirner (2020) diz que a doutrina de guerra híbrida partiu de um grupo de militares do Pentágono que passaram a enxergar as redes sociais como equivalente bélico do que era o terreno nas guerras tradicionais. Outra interpretação vem do texto do coronel Richard Szafransky da *US Marine Corps*, intitulado de *‘Neurocortical Warfare’*, o qual diz que a chave mais importante para se ganhar a guerra nos dias de hoje é um ataque à cognição de operações que visam impor reações no córtex do alvo (populacional) (SZAFRANSKI, 1994). Sendo assim, as redes sociais são ambientes perfeitos para a execução dessa estratégia por conta da análise de parâmetros que elas permitem – como ficou explícito depois do escândalo da Cambridge Analytica²⁰ – e pela possibilidade de disseminação de “bombas cognitivas” através de um padrão de enxame ou manada (KORYBKO, 2018, p. 79).

No embate assimétrico que acontece nas redes sociais, mais especificamente na mídiõesfera bolsonarista, mensagens partem de um “núcleo exemplar” (canais hiper partidários de direita como a Brasil Paralelo e *think tanks* ultraliberais) e chegam a “estações de repetição” (autônomas ou não, como grupos de WhatsApp) que ampliam o alcance das mensagens. O ecossistema criado é descentralizado e estimula voluntários a produzir em rede seus próprios conteúdos, interagir com outros grupos e legitimar práticas. Esse ecossistema midiático permitiu a popularização de um determinado estilo de intelectual público que, inspirados em Olavo de Carvalho, passam a adotar uma retórica violenta e um uso intenso das redes sociais, que passam a ser utilizadas para mobilizar apoiadores e atacar adversários.

²⁰ O escândalo de dados do Facebook – Cambridge Analytica foi um escândalo envolvendo a coleta de informações pessoalmente identificáveis de até 87 milhões de usuários pelo Facebook, que a Cambridge Analytica começou a recolher em 2014. Os dados foram utilizados por políticos para influenciar a opinião de eleitores em vários países. Ver mais em “Manipulados: como a Cambridge Analytica e o Facebook invadiram a privacidade de milhões e botaram a democracia em xeque” (KAISER, 2019).

Uma das principais características dessa nova dinâmica e que também é muito perceptível nos discursos da nova direita ultraliberal é aquilo que Lerner (2020) chama de Grande Inversão. Trata-se de um método dialético: uma constante projeção que certos agentes realizam nos seus inimigos invertendo suas posições. Marx viu que a ideologia tem essa característica de projetar interesses particulares como universais e, com isso, inverter os sinais do real. (LERNER, 2020, p. 18).

Militares chamam essa tática de operação de bandeira falsa (ou *false flag*), ou seja, quando o inimigo carrega a culpa que se projetou nele. (LERNER, 2020, p. 19). A expressão é uma referência às antigas guerras navais, quando navios levantavam bandeiras de outras nações para culpá-las por certos ataques.

Essa tática pode ser observada no método discursivo de Olavo, que se apropriou convenientemente de ideias e pensamentos de autores que recrimina, como fez nas últimas décadas de sua vida em relação a Antônio Gramsci. Olavo se posicionava como um antigramscista, mas que na verdade se apropriou do que Gramsci produziu acerca da ideia de hegemonia cultural para fabricar sua própria guerra cultural (FELINTO, 2020).

No capítulo 3 veremos que essa estratégia de comunicação também foi utilizada pela Brasil Paralelo com o lançamento de *Cortina de fumaça*, já que o filme consiste em acusar o outro (ONGs ambientais, academia, imprensa e governos internacionais) daquilo que está fazendo: criando uma cortina de fumaça para esconder os danos que os interesses e as intervenções do agronegócio nas florestas da Amazônia causam ao meio ambiente e aos direitos dos povos indígenas.

1.4 Liberal na economia, conservador nos costumes

Para Brown (2021) o neoliberalismo se propõe a destruir conceitual, normativa e praticamente a ideia de sociedade e do social como espaços de justiça e do bem comum. Grandes nomes do neoliberalismo como Friedrich Hayek e Margaret Thatcher acreditavam que o termo “sociedade” não fazia sentido e por isso a expressão se tornou pejorativa entre a direita. Com o objetivo de dismantelar o Estado social, os neoliberais denunciam os “guerreiros da justiça social” e os acusam de minar a liberdade com uma agenda tirânica de igualdade social, de direitos civis, de ação afirmativa e de educação pública (BROWN, 2021, p. 39). A racionalidade neoliberal descredibiliza a justiça social ao ponto de reduzir as reivindicações críticas desses

grupos a lamúrias infundadas e as leis de igualdade e inclusão como tirania do politicamente correto (BROWN, 2021, p. 54).

Para Rocha (2021) a direita atuante desde a época da redemocratização era pautada até então pelos marcos do pacto democrático progressista de 1988, baseado em uma nova Constituição que ficou conhecida como Constituição Cidadã, e pelo “presidencialismo de coalisão”, ou seja, um arranjo de governabilidade que previa a necessidade de governar a partir de grandes coalizões políticas. Além de marcar a ruptura com o período da ditadura militar, esse modelo adotado pelos partidos políticos da época permitiu a ampliação de direitos para grupos que antes eram sub-representados, como mulheres, negros, indígenas e comunidade LGBTQIA+, alterando as dinâmicas existentes na esfera pública brasileira (ROCHA, 2021, p.17/18).

Com o passar do tempo, e principalmente durante os anos de governo do PT, grupos diversificados, tanto de direita quanto de esquerda, começaram a não se sentir representados na esfera pública tradicional e passaram a circular seus discursos em fóruns alternativos que começavam a se proliferar nas novas mídias digitais. Como aponta o filósofo Marcos Nobre (apud ROCHA, 2021, p. 18), ao mesmo tempo que o pacto permitia uma série de demandas democráticas, ele também as limitava por meio de uma blindagem institucional que apartava o sistema político da sociedade (NOBRE, apud ROCHA, 2021, p. 18).

Rocha (2021) afirma que a grande novidade no campo da direita no Brasil foi a demanda pelo fim do pacto democrático de 1988 provocando um curto-circuito na esfera pública. Por isso, Rocha (2021) considera que a nova direita brasileira que surgiu nos anos 2000 foi uma reação ao pacto democrático de 1988 e suas consequências sociais e institucionais, que passaram a ser compreendidas por esse grupo como a consolidação de uma “hegemonia cultural esquerdista”, já que, com a abertura política do país, vários atores de direita que possuíam poder de interlocução com o regime militar perderam a influência política e social que possuíam durante a ditadura. O grande empresariado que tinha contato direto com os altos escalões dos governos militares, por exemplo, precisou encontrar novas formas de participação política para se aproximar dos partidos e eleitorado (ROCHA, 2021, p. 20).

Rocha (2021) explica que a partir da redemocratização, se dizer de direita passou a ser algo desconfortável, já que tal posicionamento político era facilmente associado à ditadura militar. Para se distanciar da ideia do autoritarismo militar, a

autodenominação direita foi substituída por “centro”. O cientista político Timothy Power apelidou esse fenômeno de “direita envergonhada”. Enquanto a direita conservadora perdia a influência política, grupos que antes eram sub representados como feministas, negros, LGBTQIA+, passaram a ter maior penetração na esfera pública (ROCHA, 2021, p. 19).

Com a denúncia do mensalão que atingiu a cúpula do PT, comunidades do Orkut, blogs e fóruns da internet abriram novos espaços de debate e discussão de ideias no campo da direita. A novidade desse discurso era o rompimento com o pacto de 1988 e para isso a nova direita emergente passou a apostar na substituição de seu substrato progressista por novas ideias que vão compor o que Rocha chama de “ultraliberalismo-conservador” (ROCHA, 2021, p. 20).

Para apontar qual foi o processo político e social que possibilitou o surgimento de novos atores, a reorientação de atores antigos e a resignificação de determinadas ideias em um sentido novo, Rocha (2021) busca compreender as ideologias políticas adotadas pelas direitas em tempos recentes e como se difundiram internacionalmente nos últimos anos (ROCHA, 2021, p. 20). O cientista político britânico, Michael Freedman (apud ROCHA, 2021, p. 21) entende as ideologias políticas como

um conjunto de ideias, crenças, opiniões e valores que: 1) possui um padrão recorrente; 2) é sustentado por grupos relevantes; 3) é utilizado nas disputas em torno da adoção de planos para políticas públicas; e 4) procura justificar, contestar ou mudar arranjos sociais e econômicos” (FREEDEN, apud ROCHA, 2021, p. 21)

Durante o século XX certas ideologias políticas se destacaram mais em relação a outras, passando a ser consideradas como “macroideologias”, ou seja, “redes inclusivas de ideias que se consolidaram como tradições mais amplas de pensamento como o conservadorismo, o liberalismo, o socialismo e o fascismo”. As macroideologias não se limitam a movimentos políticos ou partidos. Essas tradições mais amplas também disputam espaço ou são agregadas a outras ideologias políticas denominadas como modulares, que são menos desenvolvidas em relação ao alcance e às ambições em fornecer respostas a uma gama mais ampla de problemas. Rocha (2021) chama atenção para o fato de que muitas vezes, é o surgimento de novas ideologias modulares, ou sua combinação com macroideologias, que possibilita a formação de novas esquerdas ou de novas direitas (ROCHA, 2021, p. 22).

Rocha (2021) lembra que, por muitos anos, conservadores e liberais eram adversários, já que o conservadorismo tem sua origem em uma reação moderna às grandes mudanças provocadas pela Reforma Protestante e pelo Iluminismo (ROCHA, 2021, p. 22).

Tendo como referência os Estados Unidos na era Bush, Brown (2021) faz uma análise da aproximação de uma racionalidade baseada na desregulação e na amoralidade (neoliberalismo) com uma racionalidade baseada na regulação e na moralidade (neoconservadorismo). Ou seja, o neoliberalismo e o neoconservadorismo são duas racionalidades distintas, mas quando combinadas materializam um imaginário onde a luta contra o comunismo, o pior inimigo, e contra a “ideologia de gênero”, que vai acabar com as famílias, torna-se necessária para preservar uma sociedade “livre” para ser capitalista e conservadora (BROWN, apud KALIL, 2018). Essa combinação entre racionalidades com poucas afinidades vai produzir sujeitos indiferentes à veracidade, à liberdade política e à igualdade, resultando em posições anti-democráticas (KALIL, 2018). Em sua pesquisa intitulada “Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro”, Kalil (2018) chamou atenção para a necessidade de compreender a nova direita ultraliberal brasileira a partir de suas conexões com movimentos como a alt-right nos Estados Unidos.

A demonização neoliberal do “estatismo” e da “velha política” também preparou o terreno para alianças improváveis entre libertários econômicos, plutocratas, anarquistas armados de direita, opositores ao aborto e praticantes do *home schooling*. Essa ideia de que é necessário “tirar o governo das nossas costas” foi se transformando em uma animosidade generalizada em relação ao político e impulsionou um movimento a favor do liberalismo autoritário em alguns domínios e do moralismo autoritário em outros (BROWN, 2021, p. 72-73). Com isso, o autoritarismo político ganha legitimidade para forjar mercados liberalizados (BROWN, 2021, p. 82).

Para Friedrich Hayek (apud BROWN, 2021), um dos maiores representantes da Escola Austríaca de pensamento econômico e que tem suas ideias frequentemente exaltadas pela nova direita ultraliberal, inclusive pelos sócios da Brasil Paralelo, a moralidade tradicional e mercados competitivos são os pilares gêmeos da civilização que estão sendo atacados pelos “guerreiros da justiça social”, que possuem um entendimento equivocado da igualdade e recorrerem a uma “ilusão fatal” de sociedade (BROWN, 2021, p. 47). A racionalidade neoliberal descredibiliza a justiça social ao ponto de reduzir as reivindicações críticas desses grupos a lamúrias infundadas e as

leis de igualdade e inclusão como tirania do politicamente correto. (BROWN, 2021, p. 54). O desejo de Hayek é que uma ordem organizada pelo mercado e pela moralidade tradicional substitua a democracia e o Estado social (BROWN, 2021, p. 195).

Dessa forma, a família, além de uma rede de proteção, passa a ser considerada uma estrutura disciplinar e de autoridade que deve se contrapor aos “excessos” democráticos e a autoridade do Estado Social, incluindo principalmente as instituições de ensino superior público. Ou seja, para que os indivíduos sejam capazes de alcançar a desejada autoridade, moralidade e disciplina econômica, é preciso voltar a depender totalmente da família e não do Estado Social (BROWN, 2021, p. 114).

A privatização por meio da familiarização é especialmente importante para a geração psíquica e política da formação de uma cultura política liberal autoritária. As coordenadas da religião e da família - hierarquia, exclusão, homogeneidade, fé, lealdade e autoridade - ganham legitimidade como valores públicos e moldam a cultura pública conforme se juntam ao mercado para deslocar a democracia. (BROWN, 2021, p. 142)

No Brasil, o *homeschooling* se tornou uma das principais pautas de grupos conservadores religiosos, principalmente entre os evangélicos, em oposição à laicidade e à proibição do proselitismo religioso, que são diretrizes estabelecidas pela Lei Geral de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que regulamenta o ensino no país desde 1996” (SOUZA, apud SOUZA, LEVY, CORREIA, CARIBONI, 2022).

A modalidade *homeschooling* tem origem estadunidense e foi fomentada pela direita cristã e direita libertária ultraliberal, ambas com forte influência para extrema direita no Brasil. A consolidação da direita cristã como grupo político tem sua relevância no processo que busca a implementação de tal prática no Brasil. Com base em uma argumentação fundamentalista religiosa e ultraliberal, essa nova direita pretende reduzir a função do Estado, sobretudo na educação, que passa a ser compreendida como uma área essencial para mudar “mentes e corações” de uma sociedade decadente e depravada. Albuquerque (2022) explica que a educação é o principal tema de confluência dos interesses desses agentes para a implementação de um outro projeto societário essencialmente individualista, meritocrático e com a prevalência de um fundamentalismo religioso (ALBUQUERQUE, 2022). Instituições conservadoras e ultraliberais atuam no fomento dessa prática por meio de *think tanks* como os Institutos Mises Brasil e Instituto Millenium, além da produtora Brasil Paralelo, como veremos no capítulo 2.

Para Albuquerque (2022), esses *think tanks* de direita e extrema direita têm servido de incubadoras, propagadoras e incentivadoras de movimentos e organizações que têm em suas linhas gerais o antiprogressismo, anticomunismo, o ultraliberalismo e uma propensão reacionária, deixando evidente os dois canais de influência nesta relação (Brasil e EUA), a direita cristã e a direita libertarista ultraliberal (LIMA, 2020; LACERDA, 2018 apud ALBUQUERQUE, 2022).

A preocupação com a educação da população se tornou uma pauta da extrema direita. Não por acaso a Brasil Paralelo tem dedicado especial atenção à cultura e a educação brasileira. Em seu site há um longo artigo sobre *homeschooling* explicando o que é, como funciona e suas vantagens em relação à escola²¹.

A Brasil Paralelo atua como um relevante instrumento na produção de consenso em favor da desescolarização. Somada aos movimentos “Escola Sem Partido”, contra a “ideologia de gênero” e “pró-vida”, que desde o início dos anos 2000 têm tecido uma rede de apoio e interlocução a favor das demandas conservadoras e ultraliberais, a produtora potencializa e populariza o discurso contra o sistema educacional brasileiro. Albuquerque (2022) explica que o movimento pelo *homeschooling* é mais uma etapa da guerra cultural que está em curso no Brasil e que visa por em xeque as instituições e o próprio Estado a fim de que as normas ultraliberais sejam consideradas determinantes para as relações sociais (ALBUQUERQUE, 2022).

Uma forma que o neoliberalismo encontrou para atacar a democracia é de alterar seus significados, distanciando-a da ideia de liberdade e reduzindo-a a um “método” de estabelecer regras em vez de uma forma de governo (BROWN, 2021, p. 76). A palavra “sociedade”, por exemplo, se torna um termo pejorativo para essa nova direita ultraliberal. Para esse grupo os “guerreiros da justiça social”, ou seja, os defensores dos direitos humanos, querem impor uma “agenda tirânica” de igualdade social e ações afirmativas que, na verdade, pretende acabar com o que eles entendem como “liberdade” (BROWN, 2021. p. 39).

Ao se utilizar desses códigos invertidos, como associar a ideia de igualdade social à tirania, à extrema direita brasileira adota o slogan da defesa da liberdade de expressão como uma forma de “autorizar” os ataques que faz à democracia e as mensagens de ódio que propaga. Trata-se de uma ideia de liberdade de expressão

²¹ Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/o-que-e-homeschooling> Acesso em: 07 jan. 2022.

fetichizada, falsa e opressora, que serve para preservar privilégios e uma certa visão da sociedade. Para Nunes²² (2022) a defesa dos valores tradicionais pela extrema direita nada mais é que a defesa de privilégios: "o homem tem o direito de mandar na sua mulher, o cidadão de bem tem o direito de atirar e potencialmente matar quem o ameaça". Brown (2021) afirma que os neoliberais conservadores possuem ódio do mundo percebido como aquele que deseja o fim do seu (BROWN, 2021, p. 147).

Na lógica neoconservadora brasileira, as políticas sociais liberais atribuíam ao Estado papéis que deveriam ser assumidos pelos familiares, pela Igreja e pela comunidade. Ao destinar recursos para os programas sociais ao invés de incentivar a livre iniciativa e o emprego, o Estado se torna condescendente com a criminalidade, uma vez que abandona a sua verdadeira função, a manutenção da ordem pública, em nome de outras atividades utópicas. Como consequência, as famílias se desestruturam, os jovens perdem as esperanças, passam a valorizar a leniência e o consumo de drogas e a sociedade se fragiliza diante da criminalidade. Os neoconservadores criminalizam os programas sociais, as políticas públicas e os pobres. As pessoas, principalmente mulheres, negros e os LGBTQIA+, que participam dos programas sociais passam a ser classificados como desajustados socialmente, dependentes, vagabundos, drogados, criminosos e destruidores de lares (CESARINO, 2020).

Aqui temos um traço essencial do imaginário neoconservador, que qualifica o mundo em dualismos maniqueístas, como bem e mal, pessoas de "bem" e "desajustados". E nessa expressão simbólica chegamos também ao pânico com a diferença, traço estruturante da visão de mundo da nova direita.

²² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/06/quem-acha-que-bolsonaro-foi-um-soluco-esta-em-negacao-diz-rodrigo-nunes.shtml> Acesso em: 18 jul. 2022.

2 **THINK THANKS E A EXTREMA DIREITA NO BRASIL: O CASO DA BRASIL PARALELO**

2.1 **Think thanks e a disseminação do imaginário conservador e ultraliberal**

Reconhecidos como centros e organizações de pesquisa, produção e articulação do conhecimento, os *think tanks* exercem funções diversificadas, dentre elas o objetivo de pautar o debate político por meio da publicação de estudos, artigos de opinião e da participação de seus membros na mídia. Para Hayashi e Rigolin (2012) a mistura entre pesquisa e *advocacy*²³ faz deles a ponte entre conhecimento e poder (HAYASHI; RIGOLIN, 2012).

Essas organizações se utilizam do que Hayashi e Rigolin (2012) chamam de poder *soft*, ou seja, a habilidade de alcançar objetivos por meio da influência, ao invés da coerção.

Originalmente cunhado no âmbito da Teoria das Relações Internacionais, na década de 1980, o termo refere-se às formas de poder baseadas em instrumentos de persuasão, em oposição aos meios de pressão que caracterizam o poder *hard* (poderio militar, sanções comerciais etc.) (HAYASHI; RIGOLIN, 2012).

Para Nogueira (2004), o emprego do poder *soft* está diretamente associado ao exercício do poder ideológico, que tem como principal instrumento a expressão de ideias através da palavra (NOGUEIRA, 2004). Dessa forma, o estudo da natureza e do papel dos *think tanks* também remete à discussão sobre o lugar de intelectuais, especialistas e figuras públicas na formação do imaginário da sociedade.

Os *think tanks* têm sua origem no início do século XX, com o objetivo pragmático de buscar profissionalismo na política estadunidense e “despolitizar” o processo decisório por intermédio do estímulo à formação de especialistas nos mais diversos assuntos (HAYASHI; RIGOLIN, 2012). A expressão *think tanks* remonta às salas seguras e secretas onde se discutiam planos e estratégias militares durante a guerra (ROCHA, 2021, p. 27).

Ao mesmo tempo em que a sociedade clamava por reformas sociais e políticas, essas organizações passaram a difundir a ideia de que para tornar a gestão pública

²³ Advocacy, na atualidade, é utilizado como sinônimo de defesa e argumentação em favor de uma causa. É um processo de reivindicação de direitos que tem por objetivo influir na formulação e implementação de políticas públicas que atendam às necessidades da população. Leia mais em: <https://www.politize.com.br/advocacy-o-que-e/>

mais eficiente e politicamente “neutra”, o Estado deveria se pautar em modelos gerenciais e meritocráticos, incorporando técnicos selecionados entre os mais bem formados e capacitados (HAYASHI; RIGOLIN, 2012).

A partir das mudanças no ambiente político no final dos anos 60 e início dos anos 70, foi possível observar um aumento no número de *think tanks* conservadores, associados a uma posição antiestatista, ao financiamento por indivíduos ou corporações específicas, fazendo com que a atuação de seus representantes ficasse mais próxima de lobbyistas do que de técnicos ou especialistas (HAYASHI; RIGOLIN, 2012). Rocha (2021) entende que os *think tanks* foram as principais organizações responsáveis por disseminar a defesa da propriedade privada e a liberalização da economia entre a nova direita brasileira (ROCHA, 2021, p. 27).

Essa “nova direita brasileira”, que possui as características da extrema direita, é composta por uma rede ampla e capilarizada que reúne simpatizantes, militantes e lideranças distribuídas por todo o país. Em sua pesquisa para investigar as raízes do êxito da nova direita brasileira nos últimos 10 anos, Rocha (2021) identificou que os *think tanks* foram pioneiros na disseminação em massa do pensamento ultraliberal do país, fazendo dessa nova direita liberal-conservadora uma poderosa força política e ideológica do Brasil atual. Rocha (2017) define os *think tanks* como “instituições permanentes de pesquisa e/ou divulgação de ideias que procuram informar e influenciar instâncias governamentais e a opinião pública no que tange à adoção de determinadas políticas públicas” (ROCHA, 2017).

De acordo com Secchi e Ito (2016), os primeiros *think tanks* brasileiros surgiram entre a década de 40 e 50, com a criação da FGV em 1944, o Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (IBRI) em 1954, o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-econômicos (DIEESE) e o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) em 1955 (SECCHI; ITO, 2016).

Rocha (2021) lembra que os *think tanks* do início da redemocratização, nos anos 1980, reuniram empresários e intelectuais com formação em universidades americanas que tinham a intenção de influenciar os rumos da Nova República. Um dos principais legados da atuação dos *think tanks* durante as décadas de 1980 e 1990 foi a formação de quadros e a institucionalização de uma rede de divulgadores do ideário pró-mercado (ROCHA, 2021, p 81).

Esses *think tanks* neoliberais englobam as diferentes correntes de pensamento liberal (liberalismo clássico, neoliberalismo, ordoliberalismo e o ultraliberalismo) e

ascenderam junto com a nova direita brasileira. A partir dos anos 2000, essas organizações se expandiram no Brasil e no mundo, tornando-se importantes ferramentas da extrema direita transnacional para persuadir a opinião pública pela construção e fortalecimento de um imaginário neoliberal e conservador. Com a expansão dos meios digitais e conectados via internet, esses grupos passaram a ser formados política e ideologicamente a partir da segunda metade dos anos 2000, época em que *think tanks* ultraliberais começaram a ser fundados com o objetivo de produzir arsenal teórico e treinamento político para conseguir conquistar cada vez mais adeptos para seu ideário. Um artigo publicado pelo Instituto Milenium com o título “A vez dos *think tanks*”, aponta que em 2016, 1.028 centros de pensamento estavam catalogados no relatório *Global Go To Think Tank Index Report* produzido pelo Instituto Lauder da Universidade da Pensilvânia, e que em 2019 o número de instituições inscritas saltou para 8.248 em todo o mundo, um crescimento de 702%²⁴. O relatório do ano seguinte revelou que em 2020 o Brasil já contava com 190 *think tanks*, ocupando a nona posição entre os países com mais institutos no mundo e segundo na América Latina e na América do Sul²⁵ (MCGANN, 2021). Para Ribeiro (2021) não há dúvidas de que os *think tanks* são instrumentos de disputa territorial e paradigmática e que esses dados nos permitem refletir sobre a intencionalidade, dimensão e impacto da expansão de *think tanks* no Brasil, um país reconhecido pela riqueza de recursos naturais e de uma economia emergente (RIBEIRO, 2021).

Para Medvetz (2012) é impossível definir precisamente os *think tanks* devido às particularidades de cada instituto (MEDVETZ, 2012). Hauck (2015) explica que as primeiras instituições passaram por tantas transformações e hibridizações causadas pelos específicos contextos nacionais, que tornaram suas formas de organização e atuação ainda mais complexas (HAUCK, 2015 apud. RIBEIRO, 2021).

O Orkut, rede social criada em 2004, facilitou o surgimento de comunidades liberais e o encontro de pessoas de diferentes lugares do Brasil que frequentavam fóruns de discussão na internet sobre ideias liberais, tornando-se um espaço onde jovens universitários e profissionais de diversas áreas passaram a debater o liberalismo econômico e se tornaram entusiastas dessa ideologia. Nessas comunidades os grupos foram se radicalizando e elegeram como seu principal

²⁴ Disponível em: <https://www.institutomillennium.org.br/a-vez-dos-think-tanks/> Acesso em: 25 fev. 2023.

²⁵ Disponível em: https://repository.upenn.edu/think_tanks/18/ Acesso em: 24 fev. 2023.

símbolo o economista austríaco Ludwig Mises, tido como o defensor mais radical do capitalismo de livre mercado. Os ultraliberais, assim como os frequentadores das comunidades de Olavo de Carvalho, não encontravam representatividade na esfera pública tradicional, onde a defesa da ampliação da lógica de livre mercado era realizada em grande medida por neoliberais alinhados em maior ou menor grau a partidos mais moderados como o PSDB (ROCHA, 2021, p. 101).

Por isso, muitos desses grupos que surgiram no Orkut passaram a criar novos *think tanks* ultraliberais para se diferenciar do discurso neoliberal defendido pelos institutos existentes até então. A nova direita ultraliberal foi ganhando força à medida que novas organizações, mais conectadas com o tipo de engajamento que vinha surgindo no Orkut, foram fundadas. Hélio Beltrão Filho e Rodrigo Constantino, figuras ativas e conhecidas nas comunidades do Orkut e que tinham contato direto com a rede de organizações pró-mercado existente na época, participaram da fundação do Instituto da Realidade Nacional em 2005, mais tarde rebatizado como Instituto Millenium e lançado oficialmente em 2006 durante o Fórum da Liberdade, organizado pelo Instituto de Estudos Empresariais (IEE) (ROCHA, 2021, p. 112). Com a intenção de difundir o ideário pró-mercado para públicos mais amplos, o Instituto Millenium contou com o financiamento de vários grupos empresariais e de grandes veículos de mídia, como Grupo Abril, Organizações Globo, Grupo Ultra, Grupo Gerdau, Grupo Évora, entre outros (ROCHA, 2021, p. 113).

Em busca de atender os anseios dos frequentadores das comunidades do Orkut que defendiam um capitalismo de livre mercado de modo mais radical, os ultraliberais passaram a somar esforços para fundar novas organizações que pudessem representá-los de fato. Rocha (2021) conta que Hélio Beltrão Filho acreditava que era preciso criar um horizonte utópico para conseguir ganhar corações e mentes das pessoas, já que debates complexos sobre políticas públicas não teriam o mesmo poder de mobilização das audiências.

De acordo com Beltrão, a ideia de que a adoção da lógica de mercado é sempre a melhor solução para quaisquer problemas sociais e econômicos porque é moralmente superior seria muito mais simples, coerente e facilmente compreensível por qualquer pessoa do que as discussões excessivamente técnicas realizadas por intelectuais tecnocratas neoliberais. Assim, imbuído de tal propósito, no dia 02 de junho de 2006, Beltrão criou uma das principais comunidades para discussão do liberalismo econômico no orkut, a comunidade "Liberalismo (verdadeiro)", com a intenção de

buscar pessoas para fundar um novo think tank inspirado no Mises Institute²⁶ norte-americano (ROCHA, 2021, p.114)

Hélio Beltrão Filho, sócio-herdeiro do Grupo Ultra e ex-executivo do Banco Garantia, é um engenheiro com experiência no mercado financeiro que tem se dedicado a divulgar o que ele chama de anarcocapitalismo no Brasil. Os dois *think tanks* fundados por Beltrão, IML e IMB, são entidades ligadas a Atlas Network, organização financiada pelos irmãos Koch e pelo Departamento de Estado dos EUA, cuja missão é espalhar o libertarianismo empresarial pelo mundo²⁷.

Beltrão se mostra alinhado ao olavismo e se sente orgulhoso de ter sido, junto de Olavo de Carvalho, um dos primeiros a confrontar o “marxismo cultural” no Brasil. O empresário também compartilha da mesma teoria revisionista de Olavo e afirma que em 1964 não houve golpe, mas um “contragolpe”. Vale ressaltar que seu pai, Hélio Beltrão, foi ministro do Planejamento durante a ditadura militar e signatário do AI-5. “Havia uma disputa de golpes, e os militares fizeram um golpe antes que a esquerda o fizesse”, afirmou numa entrevista²⁸ para a Folha de S. Paulo em que comemorou a vitória de Bolsonaro, a quem considerava um “político genial” (ANDRADA FILHO, 2019).

Em 2007, o Instituto Mises Brasil (IMB) foi fundado e se tornou o primeiro *think tank* ultraliberal do país, sendo presidido por Hélio Beltrão Filho, com apoio dos irmãos Cristiano e Fernando Chioca. O IMB foi considerado pela Forbes o *think tank* liberal mais influente na internet fora dos Estados Unidos (ROCHA, 2021, p. 114) e se projetou como o maior divulgador da Escola Austríaca no país, vendendo ou disponibilizando em seu site livros, vídeos, podcasts e artigos que promovem os princípios liberais, como o livre mercado e a defesa da propriedade privada e redução do Estado na educação e economia. Vale ressaltar que muitos dos artigos são traduções de textos publicados pelo *Ludwig von Mises Institute* (EUA), evidenciando a influência que esses movimentos estadunidenses têm entre os ultraliberais (e

²⁶ Fundado em 1982 por Llewellyn H. Rockwell Jr., com o apoio de Margit von Mises, Murray N. Rothbard, Henry Hazlitt e Ron Paul, o Mises Institute defende uma ordem baseada na propriedade privada e na economia capitalista de livre mercado que rejeita a tributação, a degradação monetária e o monopólio estatal coercitivo dos serviços de proteção.

²⁷ Disponível em: <https://theintercept.com/2019/05/05/anarcocapitalismo-bolsonaro-folha-ancaps/> Acesso em: 15 mar. 2023.

²⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/antes-consideradas-inviaveis-ideias-liberais-agora-sao-aceitas-diz-presidente-do-instituto-mises.shtml> Acesso em: 15 mar. 2023.

movimentos de extrema direita brasileiros) e também a forma que essas organizações atuam, conectadas em uma rede transnacional que reverbera as ideias ultraliberais em diferentes canais e formatos midiáticos. Beltrão assume o rótulo ultraliberal e o diferencia do neoliberalismo por defender a abolição de políticas e instituições advogadas pelos neoliberais, como o monopólio da moeda; o Banco Central; órgãos de defesa da concorrência (antitruste); agências reguladoras estatais; investimentos estatais em infraestrutura essencial como estradas e portos; educação e saúde básicas públicas; políticas de renda mínima (MARQUES; VARGAS, 2022).

A partir de 2008, as ideias e discursos produzidos por esses *think tanks* passaram a traduzir em esfera mundial a reação das classes dominantes à grave crise financeira da época. Além disso, no campo ideológico as ideias libertárias de fundo ético e moral, e até mesmo as ideias negacionistas ganharam mais força e alcance com a divulgação e reprodução dos conteúdos desses institutos que buscam a reafirmação e a massificação do pensamento liberal (MARQUES; VARGAS, 2022).

É importante destacar que alguns grupos ultraliberais defendem pautas liberalizantes também na esfera dos costumes, como a liberação do porte de armas, do aborto e da união homoafetiva, que eventualmente podem gerar conflitos com os conservadores. Mas apesar dessas possíveis divergências, Rocha (2021) lembra que os conservadores se uniram aos ultraliberais na defesa do livre mercado e combate à “hegemonia cultural esquerdista” (ROCHA, 2021, p. 115). Essas forças políticas não homogêneas se uniram politicamente no movimento pró-*impeachment*, estimuladas pela guerra cultural contra a esquerda e o “marxismo cultural”.

Para Ribeiro (2021), essas redes de organizações liberais foram determinantes para o processo de reorganização política da direita no Brasil ao contribuir para a construção de um imaginário ultraliberal e neoconservador, que forma a base argumentativa da extrema direita brasileira. Esse imaginário, cada vez mais fortalecido e enraizado nas bases da nova direita ultraliberal, influencia a opinião pública nos pensamentos liberais a favor de retrocessos em políticas sociais e do bem-estar social, como a defesa ou perpetuação da desigualdade social ao banalizar a extrema pobreza e a desterritorialização dos povos originários, que ficam cada vez mais subalternos ao consenso hegemônico (RIBEIRO, 2021). Além disso, esse imaginário, muitas vezes alimentado com desinformação e negacionismo, reforça a ideia de uma necessária guerra cultural que potencializa a radicalização da política nas redes

sociais e nas ruas, com ódio e perseguição de pessoas, grupos, partidos, organizações e movimentos de esquerda (RIBEIRO, 2021).

Rocha (2021) aponta para a relevância da atuação dessa militância organizada em diversos grupos políticos e entidades civis no processo que “culminou na formação de um amálgama ideológico inédito no Brasil: o ultraliberalismo-conservador” (ROCHA, 2021, p. 175).

Esses novos *think tanks* ultraliberais conseguiram atrair um público mais jovem, normalmente universitários de classe média, com um perfil militante, que passaram a atuar de forma mais horizontal e descentralizada, sem possuir ligação direta com as elites que circulavam nessas organizações. As formas de financiamento também se modificaram, com a maior parte das organizações ultraliberais angariando recursos por meio de editais disponibilizados nos sites de fundações e *think tanks* libertarianos estrangeiros, como as estadunidenses Cato e Atlas. Mas grande parte dos *think tanks* ultraliberais não possuem sede nem profissionais contratados, apenas militantes engajados na divulgação de suas ideias e prontos para “disputar hegemonia na sociedade brasileira conquistando corações e mentes” (ROCHA, 2017).

Ao contrário do que ocorria com os primeiros *think tanks* pró mercado no Brasil, que atuavam de forma mais centralizada, as novas organizações criadas a partir de 2006 passaram a operar de forma mais horizontal e descentralizada, com exceção do Instituto Millenium. Essa nova característica dos *think tanks* foi resultado da mobilização de uma parcela da classe média, representada por pequenos e médios empreendedores, estudantes ou profissionais liberais que começaram a fundar novos institutos liberais em suas cidades de uma forma mais autônoma e espontânea em comparação com as décadas de 1980 e 1990 (ROCHA, 2021, p. 128).

Para ilustrar como os *think tanks* contemporâneos se proliferam e criam essas novas redes de atuação, Hélio Beltrão Filho se utiliza da metáfora da estrela-do-mar, que com sua alta capacidade de regeneração, pode gerar um braço perdido e até mesmo esse braço perdido gerar outra estrela-do-mar. Ou seja, ao contrário do que acontecia com a rede de *think tanks* pró-mercado que existia até a metade dos anos 2000, onde a atuação das organizações era centralizada e dependia de empresários específicos para funcionar, os militantes desta 3ª onda passaram a se organizar de modo descentralizado e a se mobilizar de forma mais autônoma, sem depender de muitos recursos iniciais, apenas fazendo uso intensivo de suas redes na internet e fora dela (ROCHA, p.129).

O próprio Instituto Mises Brasil gerou outros *think tanks*, como o Instituto Rothbard, fundado pelos irmãos Chioca e que, com uma perspectiva do autor que lhe dá o nome, se posicionou como uma dissidência ainda mais radical do IMB, sendo contra o ensino obrigatório e crítico da escola pública, identificando um viés doutrinador no Estado ao mesmo tempo que assume uma defesa explícita do ensino domiciliar.

Essas organizações buscam estimular um sentimento de ojeriza em relação a participação do Estado na educação, associando a escola pública como algo com baixo ou nenhum benefício para o indivíduo, incompatível com a ética da liberdade. A narrativa construída é de que a atuação do Estado na educação é uma estratégia rumo ao socialismo, e a educação obrigatória e os Sistemas Nacionais de Educação são ferramentas socialistas e totalitárias. Tanto o IMB como o Instituto Rothbard seguem uma racionalidade ultraliberal que visa marginalizar a educação pública e legitimar a privatização extrema, naturalizando no imaginário de sua audiência o mercado e a família como substitutos do político e do social (MARQUES; VARGAS, 2022).

Esses institutos defendem que as famílias escolham forma e conteúdo da educação que acham mais adequada para seus filhos, definindo se ministrado em casa ou na escola, determinando qual conteúdo desejam, de acordo com os valores da própria família, e também se desobrigando de pagar impostos para financiar a educação pública. A família como esse espaço exclusivo para a formação de valores é uma defesa recorrente desses *think tanks*, que desejam fazer da educação uma atividade parental ou uma mercadoria que tem como consumidores os pais que não têm tempo ou recursos para prover um ensino domiciliar. O papel do Estado passa a ser apenas de garantir a liberdade da família e do indivíduo. "Caberia à família, só a ela, estabelecer os valores para os filhos e, à escola, no máximo, ministrar um ensino técnico, isento de valores ou com base em valores escolhidos pelos pais" (MARQUES; VARGAS, 2022).

Neste modelo educacional proposto, os *thinks tanks* e seus especialistas, alinhados aos valores das famílias, se destacam como ferramentas mais adequadas e seguras, tornando-se as opções mais desejadas para conduzir o aprendizado dos filhos em contraste com a desvalorização da educação pública. A expectativa é que "técnicos e especialistas" conduzam os debates, mas nessas redes da nova direita ultraliberal são os próprios *think tanks* que definem quem são os especialistas no tema

em questão. Na visão de Paulo (2021) trata-se da efetivação de um circuito consagrador:

o intelectual eleito empresta parte de seu prestígio ao *think tank*, que retribui o favor. O avesso do processo é a desvalorização da participação popular na definição dos rumos da sociedade e do Estado – participação excluída desses circuitos pelo movimento que, ao selecionar o que é conhecimento técnico, institui o grupo que dele é despojado”(PAULO, 2021)²⁹.

Uma das estratégias dos *think tanks* para conseguir patrocínios e financiamentos é alinhar suas atuações aos interesses e valores de empresas e setores em potencial. Ou seja, nesse circuito de consagração não são apenas *think tanks* e um determinado grupo de especialistas que são beneficiados, mas também seus financiadores que, com apoio dos conteúdos e estudos produzidos por essas organizações, conseguem fazer com que seus interesses e posições sejam defendidos com argumentos validados como saber técnico. Por isso, Paulo (2021) considera que os *think tanks* são aparelhos da classe dominante no capitalismo (PAULO, 2021).

Partindo do conceito de hegemonia de Antônio Gramsci e entendendo os Aparelhos Privados de Hegemonia (APHs) como “organismos sociais coletivos voluntários e relativamente autônomos em face da sociedade política, porém articulados a esta, dialeticamente, no sentido da edificação e dominação” (CASIMIRO, 2018, p. 21), Casimiro (2018) identifica que a burguesia brasileira, como sociedade civil, atua como aparelho privado de hegemonia (APHs) que constitui a chamada nova direita e argumenta que os *think tanks* ultraliberais, enquanto APHs, atuam como “sustentáculos para construção da hegemonia burguesa [...] que universalizam seus interesses de classe como consenso” (CASIMIRO, 2018, p. 259-260).

Essa nova direita é entendida como os grupos, organizações, políticos e empresas brasileiras que defendem os interesses da extrema direita e de uma elite burguesa, que misturam ideias do conservadorismo, libertarismo e do reacionarismo, a partir de 1980. Os *think tanks* são parte de uma ampla rede de agentes influenciadores da nova direita que ajuda a produzir consensos alinhados a um imaginário ultraliberal e conservador (CASIMIRO, 2018 apud RIBEIRO, 2021)

Ribeiro (2021) compreende que “a nova direita utiliza os *think tanks* para legitimar sua posição hegemônica, persuadindo a opinião e as políticas públicas para

²⁹ Disponível em: https://diplomatie.org.br/o-problema-da-politica-como-tecnica-think-tanks/#_ftn7
Acesso em: 24 fev. 2023.

a radicalização política como em junho de 2013, no *impeachment* Dilma Roussef e na eleição de 2018, que elegeu um governo de extrema-direita” (RIBEIRO, 2021).

2.2 A Brasil paralelo: *think thank* de extrema direita

O contexto político polarizado em 2016, alimentado pelo processo de *impeachment* de Dilma Roussef, potencializou o consumo de canais no YouTube que produziam narrativas alternativas à mídia tradicional e que discutiam o cenário social, político e econômico do país e do mundo por um viés ultraliberal e conservador. Enquanto novas vozes começavam a se destacar no ambiente digital ao reproduzir discursos e ideias de *think thanks* como Instituto Mises Brasil e de Olavo de Carvalho, os sócios da Brasil Paralelo perceberam que, assim como eles, existia um público ávido por esse tipo de conteúdo. A partir de uma lógica de demanda e oferta surge a ideia entre os “sócios empreendedores” de “conectar a falta de conhecimento das pessoas com aqueles que sabiam o que falar e ainda não tinham a oportunidade de fazê-lo”³⁰. Em seu site, a empresa explica que seu objetivo era conectar o público que tinha uma “interpretação superficial do fenômeno político do momento” com um conjunto de influenciadores que possuíam “um profundo entendimento desta questão, mas que não tinham espaço na grande mídia, nem estrutura profissional para falar sobre o assunto”.

Com a ascensão dos *think tanks*, grupos, movimentos e organizações da extrema direita no país nos últimos anos, a Brasil Paralelo conseguiu organizar suas formas de atuação em diferentes espaços e direcionar suas produções a um amplo público. A atuação da Brasil Paralelo se enquadra na definição que Rocha (2021) faz dos *think tanks*, já que com seus conteúdos divulgam ideias que procuram informar e influenciar a opinião pública no que tange à adoção de determinadas políticas públicas. As produções audiovisuais e diversos formatos de conteúdo posicionam a empresa como uma organização com atuação híbrida (MEDVETZ, 2012), voltada não só para educação, mas também para o entretenimento. Para o sociólogo Pablo Ornelas Rosa, a Brasil Paralelo é o maior exemplo de mix de entretenimento audiovisual e formação política para a direita³¹.

³⁰ Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/brasil-paralelo> Acesso em: 15 jan. 2023.

³¹ Disponível em: <https://theintercept.com/2021/12/09/brasil-paralelo-lanca-ofensiva-judicial-para-calar-criticos-e-reescrever-a-propria-historia/> Acesso em: 21 jan. 2023.

Diferentemente do MBL (Movimento Brasil Livre) e outros grupos da nova direita ultraliberal, a Brasil Paralelo não surgiu nas ruas, por isso, precisou se posicionar como um projeto diferenciado e pensado a longo prazo.

A empresa nasce com o propósito de gerar uma série de narrativas alternativas (*paralelas*) àquelas que, segundo eles, vêm dominando a paisagem moral nas últimas décadas: a hegemonia da esquerda apoiada no marxismo cultural. A estratégia das novas direitas de posicionar a esquerda como uma ameaça à sociedade e em especial às famílias fica evidente nas produções da Brasil Paralelo, seja pela forma que os temas são abordados, pelo viés ideológico dos “especialistas” entrevistados ou pelas constantes acusações aos inimigos de seu projeto cultural conservador e ultraliberal. Declarando confronto a historiadores, intelectuais, universidades e à mídia tradicional, a Brasil Paralelo se coloca como uma “caixa de ressonância” que vocaliza e oferece um espaço profissionalizado à intelectuais, youtubers, ativistas e ciberativistas “*anti-establishment*” (BALESTRO; MIRANDA, 2020).

O primeiro registro institucional ligado a Brasil Paralelo foi realizado no dia 09 de agosto de 2016, cadastrado com o CNPJ 25.446.930/0001-02 com a “razão social” (empresa) “BRASIL PARALELO ENTRETENIMENTO E EDUCAÇÃO S/A.”, curiosamente, no mesmo dia em que o Senado seguia na penúltima etapa do processo para o impeachment de Dilma Roussef. Fundada em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a iniciativa partiu de três jovens estudantes dos cursos de Administração e Marketing da ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing) Henrique Viana, Filipe Valerim e Lucas Ferrugem que viam nessa empreitada a possibilidade de realizar o que chamaram de “missão”. Em sua situação cadastral a sua principal atividade econômica é descrita como “Portais, Provedores de Conteúdo e Outros Serviços de Informação na Internet”. Chama atenção a variedade de atividades secundárias contempladas em seu cadastro, como edição de livros e jornais; produção de filmes, publicidade e programas de TV; desenvolvimento e licenciamento para programa de computador; tratamento de dados, provedores de serviços de aplicação e serviços de hospedagem na internet; *holdings* de instituição não financeira; atividades de consultoria em gestão empresarial (exceto consultoria técnica específica); agenciamento de espaços para publicidade (exceto em veículos de comunicação); promoção de vendas; serviços de organização de feiras, congressos, exposições e festas; treinamento em desenvolvimento profissional e

gerencial; outras atividades de ensino não especificadas anteriormente³². A partir dessas informações é possível compreender a Brasil Paralelo como uma organização que atua de forma muito mais ampla do que somente a produção de filmes e cursos, contando com serviços ligados à tecnologia, vendas e consultoria de negócios.

Com a estreia da BP Select (hoje chamada apenas de BP) em setembro de 2021, a empresa passou a ter sua própria plataforma de *streaming*, com conteúdos exclusivos apenas para assinantes e longas-metragens feitos por outras produtoras. No mesmo ano a empresa acertou contrato com a Sony Pictures, um quadro na TV Jovem Pan News e uma iniciativa com o G10 Favelas com a disponibilização de 500 bolsas para moradores das maiores favelas do país – uma parceria que “une propósitos e desperta esperança”, nas palavras do empresário Gabriel Kanner, presidente do *think thank* Instituto Brasil 200 e herdeiro da Riachuelo³³.

A parceria com a Sony é um investimento para aumentar a oferta de entretenimento na plataforma de streaming, onde são oferecidas aos assinantes produções hollywoodianas. Um diferencial apresentado são vídeos extras produzidos pela equipe da Brasil Paralelo que analisam o filme e debatem sua importância histórica, sempre pelo viés conservador e ultraliberal da empresa.

Em entrevista para o site Boletim da Liberdade (2018), um dos sócios da Brasil Paralelo, Filipe Valerim, explica como surgiu a ideia de criar a empresa:

A história começou com um grupo de jovens empreendedores, hoje sócios do projeto, que entendiam que o país estava passando por um momento novo. Diante do cenário político de 2014, com a reeleição de Dilma Roussef, um despertar de consciência política ganhava cada vez mais força a partir do sentimento de revolta da maioria da população.

Após o impeachment da ex-presidente, ficou claro que havia uma parcela significativa da população com o potencial de se mobilizar e gerar mudanças efetivas na rota que seguíamos. Isso nos entusiasmou (VALERIM, 2018)³⁴.

A inspiração para o nome Brasil Paralelo veio do filme *Interestelar*, do cineasta Christopher Nolan. Segundo o site da empresa, o nome é uma “referência a uma forma de agir, totalmente independente do Estado. Afinal, duas retas paralelas nunca se encontram”. O logotipo da empresa tem o formato de um buraco negro para dar a

³² Disponível em: <https://www.situacaocadastral.info/cnpj/brasil-paralelo-entretenimento-e-educacao-sa-25446930000102> Acesso em: 27 fev. 2023.

³³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gabriel-kanner/2021/10/parceria-entre-brasil-paralelo-e-g10-favelas-une-propositos-e-desperta-esperanca.shtml> Acesso em: 15 mar. 2023.

³⁴ Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/> Acesso em: 14 jan. 2023.

ideia de que a marca é a conexão com uma realidade paralela. Nesse caso, “paralela ao que as pessoas estavam acostumadas a ver na mídia convencional”.

Um artigo institucional que explica as crenças e valores da empresa indica o alinhamento ideológico com *thinks tanks* ultraliberais ao reforçar que a interpretação dos sócios-fundadores é rígida no fato de que a cultura brasileira decaiu por causa da interdependência com o Estado. Isto é exatamente o que limita a liberdade dos meios de comunicação

(...)

O conteúdo produzido (pela BP) quebra a hegemonia das perspectivas de mundo instrumentalizadas por partidos e ideologias que querem ir contra a verdade, contra a realidade, a fim de sustentar sua própria visão. (BRASIL PARALELO, 2022)³⁵.

Jorge e Salgado (2021) acreditam que a "busca pela verdade", defendida como um valor pela Brasil Paralelo e outros *think tanks* ultraliberais como o IMB, carregam implicitamente a ideia de uma verdade moral universal, sobre a qual essas organizações seriam detentoras. Ao produzir um grande volume e diversidade de materiais com o objetivo de denunciar as "más interpretações" ocorridas no decorrer da humanidade, essas instituições fornecem uma série de revisionismos históricos e científicos, silenciando, simplificando ou deturpando intencionalmente fatos, evidências, reflexões ou racionalizações para fazer valer a sua versão da história, ou seja, aquela que esteja alinhada com seu projeto de mundo, combatendo tudo aquilo que ameaça suas crenças, espaços e privilégios. Dessa forma, valores como a democracia, a responsabilidade civil, a justiça social, a igualdade e a solidariedade são desvalorizados, enquanto a liberdade individual operada pela racionalidade mercadológica é exaltada (JORGE; SALGADO, 2021).

Percebe-se na estratégia da Brasil Paralelo um exemplo daquilo que Pollak (1989) identifica como o fenômeno do “enquadramento” a que a memória social é submetida – os recortes que editam aquilo que será lembrado e aquilo que será esquecido. A opção consciente por produzir certos “enquadramentos” tem como objetivo propagar uma série de revisionismos na história do Brasil. A história não só do governo militar, mas também do passado colonial, dos conflitos militares internos e externos, dos regimes monárquico e republicano passa a ser submetida a recortes que sugiram outras memórias e imponham esquecimentos.

³⁵ Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/brasil-paralelo> Acesso em: 15 jan. 2023.

Jorge e Salgado (2021) pontuam que a adjetivação dos valores a serem resgatados como "bons" já compromete a imparcialidade ou independência e apontam para uma tentativa de impor suas próprias perspectivas da realidade, com o objetivo de consolidar uma hegemonia da extrema-direita na guerra cultural proposta por Olavo de Carvalho. O pavor com a "tirania da igualdade", que teria sido acentuada pela democracia, está cedendo lugar para uma "tirania da liberdade", como a exaltada pelas produções da Brasil Paralelo (JORGE; SALGADO, 2021)

Clamando não aderir a relativismos, afirmam batalhar pela redenção somente daquilo que é "bom" e que contribui para uma leitura "correta" do Brasil, não se furtando em se apropriar de noções com forte viés revolucionário, como a arte e a liberdade, para torná-las instrumentos de novos aprisionamentos morais a serviço do capital. Há claramente, aqui, um lugar e uma visão de mundo muito específicos e pouco abertos à alteridade, ao dissenso e à argumentação (JORGE; SALGADO, 2021)

Assim como outros *think tanks* ultraliberais, como o IMB, a Brasil Paralelo defende a ideia de que o Estado não deve ter responsabilidade em "resgatar a cultura" porque essa seria uma busca individual de cada pessoa. Um artigo institucional publicado no site da Brasil Paralelo³⁶ explica que os governos não conseguem solucionar os problemas e, por isso, é preciso que cada pessoa, cada família e a sociedade civil organizada assumam suas responsabilidades. Não por acaso, em seu discurso e peças de propaganda, a empresa se coloca como uma ferramenta que pode ajudar essas pessoas a "encontrar e perseguir o que é bom, seja conhecimento, padrões morais ou o sentimento pelo país em que se vive". Dessa forma a Brasil Paralelo se posiciona para sua audiência como uma empresa com um nobre objetivo, a missão de "recuperar valores, ideias e sentimentos e difundi-los para o maior número de brasileiros".

Para Revista Esmeril³⁷, Henrique Viana, confirma que ele e os outros sócios sempre tiveram a "dupla referência, conservadora e liberal"³⁸. Viana também confessa que só a partir de 2013 eles "começaram a estudar" para entender o que estava acontecendo e com isso perceberam o quanto eram "ignorantes da situação". Os sócios afirmam que inicialmente esses estudos tinham como referência o Instituto Mises Brasil, de Hélio Beltrão Filho. Ao declarar que foi o IMB que, com "artigos sobre

³⁶ Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/brasil-paralelo> Acesso em: 15 fev. 2023.

³⁷ Disponível em: <https://revistaesmeril.com.br/perfil-%E2%94%82-henrique-viana-abre-as-portas-da-brasil-paralelo/> Acesso em: 14 jan. 23.

³⁸ Disponível em: <https://revistaesmeril.com.br/perfil-%E2%94%82-henrique-viana-abre-as-portas-da-brasil-paralelo/> Acesso em: 14 jan. 23.

economia e filosofia, fáceis de se absorver " que o ajudou a "sair um pouco da Matrix", Viana (2013) exemplifica em seu depoimento o *modus operandi* e o poder de influência dos *think tanks* ultraliberais entre os jovens durante a crise política acentuada com os protestos de 2013. Apesar da empresa oficialmente negar possuir um viés olavista, os sócios já afirmaram que o COF (Curso On-line de Filosofia) e os vídeos de Olavo de Carvalho no YouTube também fizeram parte das principais fontes de informação para se pensar os rumos da Brasil Paralelo. Aliás, em uma palestra sobre jornalismo e liberdade em 2017, realizada na Câmara de São Paulo e publicada no canal do Youtube Parlatório Livre, Henrique Viana afirma que Olavo não só os inspirou, mas também orientou a forma que deveriam se posicionar como empresa, incentivando-os a assumir uma "militância":

No fim, a gente seguiu num modelo bem tradicional de vender produto, a gente vende a extensão para o cara assistir os conteúdos extras. Aí a gente teve uma conversa com o professor Olavo. Nós estávamos indo 'total' para vender produto e ele falou: 'não, não, não, [espera] só um pouquinho; é importantíssimo, vocês não podem perder [de vista] a questão da militância, vocês estão cumprindo um papel para o país, um serviço para a causa; então, não percam isso, o pessoal tem que ser militante'. Aí a gente, então tá, então esse pessoal vai ser fundador do Brasil Paralelo³⁹ (VIANA, 2017)

Nas palavras de Viana, a Brasil Paralelo surgiu "quase como um movimento", mas preferiu se constituir juridicamente como empresa. Ele explica que a forma mais eficiente de participar dessa "batalha cultural" alertada por Olavo é utilizar dos símbolos mais fortes que existem, ou seja, os mitos. "É a linguagem emocional que vai direcionar o sentimento das pessoas (VIANA, 2017)⁴⁰ .

Com esse discurso de que está fazendo uma "revolução cultural no país ao resgatar os bons valores da família", a Brasil Paralelo se tornou um dos canais mais relevantes do ecossistema midiático da nova direita ultraliberal e uma ferramenta poderosa na propagação de ideias e discursos que alimentam o caos cognitivo com um conteúdo direcionado a atacar alvos políticos, quase sempre a esquerda e adversários da extrema direita. Ao "revelar a verdade", como alegam não fazer os veículos tradicionais, a Brasil Paralelo se firma como um canal de informação "seguro", cuja credibilidade está fundada tão somente na propagação dos valores nos

³⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6BF83wbervl&t=857s> em 14'20". Acesso em: 15 jan. 2023.

⁴⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6BF83wbervl&t=857s> em 14'20". Acesso em: 15 jan. 2023.

quais acreditam os seguidores de extrema direita, já que a mensagem quase sempre refuta dados e fatos amplamente divulgados e comprovados. Ao dar visibilidade às mais polêmicas vozes conservadoras e ultraliberais a Brasil Paralelo busca legitimar o projeto político da extrema direita brasileira ao produzir e disseminar conteúdos sobre o que entendem ser a “verdadeira” história do país e como ela deve ser apresentada.

Sem deixar de reconhecer as diferenças históricas, Rocha (2021) considera que a Brasil Paralelo representou para a chegada ao poder do bolsonarismo o papel que o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) desempenhou na preparação do golpe civil-militar de 1964. Na visão do autor, os conteúdos da Brasil Paralelo, com informações estrategicamente selecionadas e muitas vezes distorcidas, aprimoram uma versão revisionista da história brasileira que domina a militância bolsonarista e a extrema direita, contribuindo para o analfabetismo ideológico e a idiotia erudita que definem o cenário nacional (ROCHA, 2021, p. 270). Casimiro (2020) aponta que a Brasil Paralelo tem como principal escopo de atuação a "ressignificação de processos históricos brasileiros como forma de legitimação de um projeto de hegemonia da extrema direita no presente" (CASIMIRO, 2020, p. 16).

Apesar das tentativas de emplacar um discurso de que são livres de “amarras ideológicas”, um dos requisitos para entrar na empresa é se alinhar com os valores da equipe. No processo seletivo, a empresa testa os posicionamentos dos candidatos com afirmações como “cientificamente falando, é impossível nascer homossexual” ou “Jesus é a verdade revelada e sobre isso não há discussão”. O interessado deve declarar se concorda, discorda ou não tem opinião sobre as frases. De 19, duas delas abordaram a temática ambiental: “Não se pode confiar nas corporações para proteger voluntariamente o meio ambiente, elas precisam de regulação” e “é um absurdo que em pleno século XXI a humanidade ainda não tenha se unido para salvar o meio ambiente”⁴¹ (OLIVEIRA; RUDNITZKI; SCOFIELD, 2021).

Filipe Valerim confirma que os valores adotados para a cultura interna da empresa estão diretamente relacionados com a linha editorial e com o critério de seleção dos colaboradores. Segundo Valerim esses valores são: liberdade (impedir a ação e a escolha das pessoas é abuso de poder; ter a consciência de ser responsável pelos resultados é lucidez diante da vida); verdade (nosso propósito é enriquecer a

⁴¹ Disponível em: <https://apublica.org/2021/07/a-boiada-invade-a-tela/> Acesso em: 15 jan. 2023.

sociedade por meio da comunicação eficiente da verdade; a verdade não é relativa, é o bem maior e uma meta inesgotável); arte (tudo que não for possível assimilar pela linguagem racional, será comunicado e sentido pela arte bem-feita); ambição (meritocracia; todos nós queremos o melhor da vida e o melhor do mundo, e a única forma legítima de conquistar isso é através do mérito; toda conquista sem mérito é instável e passageira)⁴²

A Brasil Paralelo tenta mudar sua imagem de empresa bolsonarista e olavista e para isso vem buscando estabelecer algum diálogo com a imprensa profissional e estreitar seus laços institucionais com o YouTube para evitar que seus vídeos sejam retirados nas ações de combate à desinformação. A produtora também busca formas de mudar seu verbete na Wikipédia, onde é associada à extrema direita, ao negacionismo e ao bolsonarismo. Como o verbete da Brasil Paralelo na Wikipédia é protegido e só pode ser atualizado por editores autorizados, a produtora quer capacitar funcionários para obterem essa credencial e refazerem a descrição. Porém, todos os verbetes da enciclopédia virtual são escritos de forma colaborativa, e uma atuação desse tipo, visando a manipular a informação, é caracterizada como “vandalismo” pela política editorial da Wikipédia. Viana, entretanto, acha que vandalismo é a versão atual do verbete, insinuando que foi escrito por editores que agiram de má-fé (COSTA, 2021).

2.3 *Modus operandi* Brasil Paralelo: teias de organizações das novas direitas e estratégias de comunicação e marketing para influenciar a opinião pública

Tanto o Instituto Mises Brasil (IMB) quanto a Brasil Paralelo (BP) refletem a ação política de uma nova geração de ativistas de direita e de extrema direita no Brasil. Cada organização abre seu espaço para outros liberais, demonstrando que apesar de terem estruturas e organizações diferentes, eles mantêm uma rede de colaboração na difusão de ideias ultraliberais. Essa rede de relações entre os institutos, organizações, lideranças, intelectuais, movimentos sociais e os *think tanks* ajudam a construir e fortalecer o imaginário da nova direita, formando um contrapúblico ultraliberal e neoconservador no Brasil (RIBEIRO, 2021). Rigolin e Hayashi (2012, p.

⁴² Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/> Acesso em: 15 jan. 2023.

22) avaliam que “se as ideias importam, é natural que o estudo dos *think tanks* seja igualmente importante, porque estas são as instituições que ajudam a propagá-las” (Rigolin; Hayashi, 2012).

As ideias de livre mercado como a redução de impostos sobre os mais ricos, enxugamento do setor público e privatizações sempre tiveram um problema de popularidade. Os defensores dessa corrente ultraliberal de pensamento perceberam que as pessoas entendiam que essas ideias só favoreciam as camadas mais ricas. Por isso, era preciso antes de tudo criar uma estratégia de persuasão em massa para reposicionar o libertarianismo econômico como uma ideologia de interesse público (FANG, 2017). Hélio Beltrão Filho é uma figura recorrente em produções da Brasil Paralelo e em entrevista para o programa Contraponto agradeceu a empresa por “valorizar a história do país e sempre divulgar a historiografia liberal”⁴³.

A ideia de *soft power* (poder brando), compreendida como a capacidade que um país tem para influenciar ou persuadir outros países através de sua cultura, valores políticos e políticas externas (NYE JR, 2004 apud RIBEIRO, 2021), nos ajuda a compreender uma das estratégias de *think tanks* para propagar e defender discursos que atendem aos interesses das elites econômicas e de valores culturais e políticos de um país (RIBEIRO, 2021). Em estudos mais recentes, Nye Jr (2010) classificou um novo poder geopolítico que foi denominado de *cyber power* (o poder cibernético). Esse poder é medido pela difusão da informação pelo uso de eletrônicos e da infraestrutura cibernética (NYLE JR apud RIBEIRO, 2021).

Os *think tanks* se tornaram poderosos instrumentos de poder brando e cibernético ao influenciar o pensamento das pessoas e reproduzirem o ultraliberalismo como consenso. Além disso, essa rede potencializa a radicalização da política com a (re)produção de desinformação, negacionismo, a cultura do ódio e perseguição, sobretudo, de intelectuais, grupos, partidos, organizações e movimentos de esquerda (RIBEIRO, 2021).

Balestro (2021) reforça que a expansão dessas organizações das novas direitas brasileiras não se trata de um movimento “espontâneo”, mas sim de um movimento organizado, com táticas e operações que atuam para difusão do pensamento reacionário-conservador-ultraliberal (BALESTRO, 2021). Em relação à Brasil Paralelo em específico, Balestro (2022) também chama atenção para o alto

⁴³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xHEkX4zCVrk> em 53'50". Acesso em: 15 mar. 2023.

investimento da empresa em estratégia de marketing em redes sociais como Facebook, Instagram e no YouTube, se projetando nessas redes não apenas como uma empresa, mas como um projeto político, orgânico, relacionado diretamente com a direita empresarial (BALESTRO apud SANZ, 2022).

Em 2019, a trilogia *Pátria educadora*, orçada em R\$ 2 milhões, contou com uma agressiva campanha publicitária no Facebook, com um recorte ambicioso para os anúncios, tendo como público-alvo qualquer pessoa com mais de 18 anos em todo o Brasil que tenham demonstrado o mínimo interesse em educação ou política. Segundo o Facebook⁴⁴, anúncios desta magnitude podem custar até US\$ 50 mil por semana, embora os valores variem de acordo com a escolha do anunciante.

Em 2020, quando o Facebook passou a divulgar quem eram seus maiores anunciantes de propaganda política, a Brasil Paralelo apareceu como recordista de gastos, superando as de todos os demais candidatos daquela eleição, como apontado pela revista Piauí⁴⁵. De agosto daquele ano a maio de 2021, a produtora tinha desembolsado R\$ 3,3 milhões de reais em propaganda no Facebook (MAZZA, 2021).

Em 2021, um anúncio de *Cortina de fumaça* que lançava dúvidas sobre o aquecimento global foi visto por uma audiência estimada de 100 mil a 500 mil pessoas⁴⁶.

De agosto de 2020 – primeira data em que o Relatório de Biblioteca de Anúncios da Meta mostra os gastos da página do Brasil Paralelo – a 30 de janeiro de 2023, a Brasil Paralelo gastou pouco mais de R\$ 16,3 milhões em 48.843 anúncios que são classificados pela Meta sobre “temas sociais, eleições ou política”. A empresa também é a maior anunciante do país ao aplicar o filtro “todas as datas” na página de anúncios da Meta. Em segundo e terceiro lugar estão os principais produtos da própria Meta como o WhatsApp (R\$ 14,1 milhões em 75 anúncios) e Facebook (R\$ 3,4 milhões em 26 posts). O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) apareceu como o quarto maior anunciante do Brasil (R\$ 2,7 milhões em 188 publicações)⁴⁷.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/business/help/201828586525529?id=629338044106215>
Acesso em: 21 jan. 2023.

⁴⁵ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/no-facebook-brasil-paralelo-e-recordista-de-gastos-com-propaganda-politica/> Acesso em: 22 jan. 2023.

⁴⁶ Disponível em: <https://theintercept.com/2021/12/18/facebook-lucrou-anuncio-brasil-paralelo-associa-simone-de-beauvoir-a-pedofilia/> Acesso em: 21 jan. 2023.

⁴⁷ Disponível em: <https://www.nucleo.jor.br/especiais/2023-01-31-a-maquina-do-brasil-paralelo/>
Acessado em 26 fev. 2023.

Regattieri (apud ALMEIDA, MARTINS, SPAGNUOLO, 2022) explica que a quantidade significativa de anúncios rodados pela Brasil Paralelo faz parte de uma estratégia conhecida como "funil de vendas". Essa estratégia de campanha, captação, aquisição e persuasão/conscientização funciona como um clássico funil de vendas do marketing digital que tem o objetivo de atrair, converter, relacionar, vender e analisar. Segundo Regattieri (2022), que classifica a empresa como uma "*think-tank* de extrema-direita", anunciantes costumam usar a mesma imagem, vídeo e texto para criar campanhas com datas de início, localizações ou orçamentos diferentes. Isso significa que a Brasil Paralelo está testando 'criativamente' uma mesma peça variando orçamento, público-alvo e plataforma, mexendo com a segmentação de anúncios (REGATTIERI apud ALMEIDA, MARTINS, SPAGNUOLO, 2022).⁴⁸

Não por acaso, a produtora também foi a maior anunciante de propaganda política no Google, investindo R\$ 368 mil para impulsionar 647 conteúdos de novembro de 2021 até junho de 2022, segundo dados do Relatório de Transparência de Assuntos Políticos divulgados pelo Google. O segundo colocado na lista é o PSDB, que gastou R\$ 208 mil para impulsionar 27 anúncios no mesmo período analisado. Em terceiro vem o diretório do PSB no Rio de Janeiro, com R\$ 186 mil em 368 anúncios. É importante ressaltar que esses R\$ 368 mil investidos em publicidade com viés político não levam em conta outros anúncios feitos pela Brasil Paralelo que não são categorizados pela anunciante como políticos, ou seja, o orçamento da Brasil Paralelo em publicidade digital ultrapassa o valor divulgado no relatório⁴⁹. Essa foi a primeira vez que o Google mapeou todos os anúncios de suas plataformas, incluindo o YouTube, que mencionam partidos ou candidatos e o dinheiro desembolsado por eles.

Os conteúdos impulsionados (ou pagos) são aqueles que surgem na tela como resposta a alguma busca no Google ou como sugestão após a pessoa assistir a um vídeo no YouTube. Ao impulsionar seus anúncios nessas janelas a Brasil Paralelo está aumentando consideravelmente o alcance de seus conteúdos já que o Google é a principal ferramenta de buscas do mundo e o YouTube a segunda. Em 2021, 105 milhões de brasileiros acessaram o Google pelo menos uma vez por mês

⁴⁸ Disponível em: <https://www.nucleo.jor.br/interativos/2022-05-27-brasilparalelo-anuncios-facebook/> Acesso em 21 jan. 2023.

⁴⁹ Disponível em: <https://www.bloomberglinea.com/br-pt/brasil-paralelo-e-a-maior-anunciante-de-propaganda-politica-no-google/> Acesso em: 22 jan. 2023.

(COMSCORE, 2021). Além disso, desde as eleições de 2018 podemos observar que a televisão e as mídias tradicionais perdem relevância e poder de influência na política em relação as plataformas digitais. Quando foi eleito em 2018, Jair Bolsonaro teve pouco tempo de TV e focou sua campanha vitoriosa nas redes sociais.

Um dos anúncios mais caros da produtora, que custou entre R\$ 35 mil e R\$ 40 mil, foi um vídeo com um pedido de assinatura dos serviços da Brasil Paralelo em que o narrador acusa a “mídia” de esconder a “verdade” sobre a causa ambiental da Amazônia e sobre a situação dos indígenas na região. O vídeo foi exibido 7 milhões de vezes e foi o segundo anúncio mais caro das plataformas do Google em gastos com impulsionamento⁵⁰.

A estratégia de marketing é profissional, agressiva e se utiliza do uso intenso de promoções, *teasers* e “iscas”. Os anúncios da produtora sempre oferecem algum conteúdo gratuito que serve de amostra para a venda de planos de acesso à plataforma de vídeos.

A Brasil Paralelo virou uma marca quase onipresente na internet brasileira, com propagandas apelativas prometendo revelar a verdade sobre as eleições, sobre a ditadura, sobre o Brasil, sobre o PT ou qualquer assunto importante que possa ser distorcido sob o viés da extrema direita. Uma investigação conduzida pela equipe do Núcleo, revelou parte da estratégia digital da Brasil Paralelo, como os termos comprados pela empresa no Google e as palavras usadas para melhorar o ranqueamento do site, entre outros dados sobre o domínio, mostrando que essa recorrência dos anúncios da BP em sites de busca é resultado de um alto investimento em compra de espaços publicitários e domínios digitais.

Durante a campanha eleitoral de 2022, relatos no Twitter⁵¹ sinalizaram que a empresa havia comprado muitos termos para aparecer sempre no topo de buscas e redes sociais. Considerando apenas o mês de novembro de 2021, a Brasil Paralelo atraiu um tráfego massivo de busca orgânica que custaria R\$45 milhões caso fosse comprado, segundo estimativa do SemRush. Valor maior do que o orçamento anual de muitas empresas e da própria BP, segundo os especialistas ouvidos pelo Núcleo (ALMEIDA; GRANJEIA, 2023).

⁵⁰ Disponível em: <https://www.bloomberglinea.com/br-pt/brasil-paralelo-e-a-maior-anunciante-de-propaganda-politica-no-google/> Acesso em 22 jan. 2023.

⁵¹ Disponível em: https://twitter.com/danilicia_/status/1588207424548347906 Acessado em 26 fev. 2023.

Entre as palavras-chaves compradas pela produtora estão: "Brasil Paralelo história do Brasil", "TSE censura Brasil Paralelo", "Brasil Paralelo 1964", "comunismo na Venezuela hoje", "Brasil Paralelo farsa", "características do fascismo", "miliciano significado", "quem foi Olavo de Carvalho" e "feminismo Brasil Paralelo" (ALMEIDA; GRANJEIA, 2023). É possível perceber o investimento em um mix de palavras e expressões que podem atrair a atenção tanto de militantes da extrema direita quanto de pessoas que só estão em busca de informações sobre esses temas que se tornam cada vez mais presentes no debate político nacional.

Temas aleatórios como Família Addams e "quantas favelas tem no Rio de Janeiro", "Manfred Albert Von Richthofen", "séries policiais" e "filmes brasileiros comédia" também aparecem na lista de palavras-chaves compradas pela empresa. Ao associar às palavras ao período de consulta ao SemRush e aos conteúdos da produtora é possível deduzir que faz parte da estratégia digital o monitoramento constante do Google Trends, que identifica os termos e assuntos que estão em alta e permite usar em suas campanhas os termos exatos de como as pessoas estão fazendo a pergunta no buscador. Os termos que foram comprados retornam no Google com link direcionado a um conteúdo específico. No caso da Família Addams, um texto sobre a origem do filme postado em setembro de 2022, dois meses antes da estreia da série Wandinha no Netflix (ALMEIDA; GRANJEIA, 2023).

"Hannah Arendt", "Hannah Arendt banalidade do mal" e "Hannah Arendt frases" foram outros termos comprados pela produtora. Em dezembro de 2022 e janeiro de 2023 um dos destaques da home do site da Brasil Paralelo era um texto com o título "Quem foi Hannah Arendt? Biografia completa, principais obras e frases marcantes". Neves (apud ALMEIDA; GRANJEIA, 2023) explica que a forma desse título é intencionalmente pensada para que seja priorizada nas buscas do Google. Como as pesquisas de Hannah Arendt geralmente estão ligadas aos estudos sobre nazismo e fascismo, Neves (2023) acredita que a Brasil Paralelo usa a autora para chegar na pessoa que está procurando essa informação e que a intenção da empresa com essa estratégia é garantir que a pessoa aprenda sobre a Hannah Arendt do ponto de vista do Brasil Paralelo e não pelo ponto de vista de um outro site antifascista, por exemplo (NEVES, apud ALMEIDA; GRANJEIA, 2023).

Outra estratégia que chama atenção é o alto custo por clique. Quando alguém paga por uma palavra-chave, o custo por clique dela vai encarecendo. Se ninguém compra um termo, se não há concorrência, o custo será bem mais baixo. Neves opina

que como a BP paga por muitas palavras-chaves relacionadas ao nome do site, o custo de Brasil Paralelo no Google é caro e passa uma sensação de ser mais competitivo. Mas na verdade é a mesma empresa comprando tudo o que é relacionado ao seu domínio. Vale ressaltar que não há irregularidade nessa prática. De acordo com especialistas, ilegal seria comprar uma palavra-chave relacionada a um concorrente. Essa estratégia de marketing digital utilizada pela Brasil Paralelo envolve muita inteligência e, sobretudo, um alto investimento financeiro, como os anúncios no Google que utilizam o próprio nome da plataforma para elevar o custo por clique e inviabilizar que um “concorrente” anuncie com a mesma palavra-chave (o nome da plataforma) para questionar seu conteúdo. Dias (2021) aponta que, sem citar sua fonte de financiamento, a empresa se utiliza de estratégias de milícia digital muito bem pensadas e construídas⁵² (DIAS, 2021).

Outro grande investimento que ajudou a impulsionar os conteúdos da Brasil Paralelo nessas plataformas digitais foi em SEO (*Search Engine Optimization*), ou seja, a otimização de mecanismos de busca a partir de um conjunto de estratégias para alcançar bom posicionamento de páginas de um site no Google e em outros buscadores, gerando tráfego orgânico. É o bom uso dessas táticas que faz com que a Brasil Paralelo esteja sempre bem ranqueada nas buscas nesses sites.

Ferrari explica que o Google é uma inteligência artificial, que vai aprendendo e sendo mais assertivo com as buscas que as pessoas fazem. Por isso, quanto mais conteúdo proprietário dentro de um site ou de um blog, mais ele vai aparecer. O site da Brasil Paralelo, por exemplo, é um formato de blog que permite a geração intensa de conteúdos em formatos que se destacam no Google, como fotos, vídeos, links e hiperlinks (FERRARI apud ALMEIDA; GRANJEIA, 2023).

O conjunto de técnicas de SEO geralmente é dividido entre conteúdo, tecnologia e autoridade. Não por acaso a estratégia digital da Brasil Paralelo se fundamenta nesses três pilares. O conteúdo é o principal atrativo da Brasil Paralelo, que investe em formatos diversos, como textos, artigos, cursos, podcasts, programas de humor, investigação e entrevistas, filmes documentais e a novidade divulgada este ano: seu primeiro filme de ficção. Todo lançamento de uma nova produção da BP é acompanhado de uma grande estratégia para vender assinaturas e da compra de palavras-chaves no Google, como foi o caso de *Entre Lobos*, uma série sobre

⁵² Disponível em: <https://theintercept.com/2021/12/18/facebook-lucrou-anuncio-brasil-paralelo-associa-simone-de-beauvoir-a-pedofilia/> Acesso em: 22 jan. 2023.

criminalidade e que por isso o termo estava entre as compras do site (ALMEIDA; GRANJEIA, 2023).

A empresa também investe em tecnologia própria para hospedar seus conteúdos, já que desde 2020 foi banida da plataforma Hotmart que resolveu suspender "serviços de cunho político ideológico". Para garantir o primeiro lugar nas buscas é necessário ter os códigos de construção bem-feitos, o que não é um processo simples e exige um conhecimento técnico elaborado (FERRARI apud ALMEIDA; GRANJEIA, 2023).

Para o Google, a autoridade de um site é medida de acordo com o volume de repercussão e compartilhamentos que ele tem em outros sites. Todo compartilhamento com o link de um conteúdo – mesmo que seja para criticar –, aumenta a credibilidade e autoridade desse domínio para o Google. A partir dessa lógica, a teia de relações entre os *think tanks* e organizações da nova direita liberal que reverberam os conteúdos da empresa contribui para elevar o domínio da Brasil Paralelo a essa posição de destaque (ALMEIDA; GRANJEIA, 2023).

Entre dezembro de 2016 (ano de criação do site) e novembro de 2021, existiam 12 mil *backlinks* (link feito de um site para outro) sobre a Brasil Paralelo. Em janeiro de 2023, esse número saltou para 234 mil *backlinks* em 1100 domínios diferentes no somatório. Sendo que o pico se deu em agosto de 2022, início da campanha eleitoral, quando o número de referências externas chegou a pouco mais de 400 mil em apenas um mês (ALMEIDA; GRANJEIA, 2023).

O maior número de visitantes do Brasil Paralelo é direto, ou seja, são pessoas que já conhecem o site e voltam a acessá-lo digitando diretamente o domínio. Entre junho e dezembro de 2022, de acordo com o SemRush, a porcentagem de visitantes diretos foi sempre acima dos 59% e da busca orgânica variou entre 18,10% e 33,50%. Outro número do SemRush sobre a Brasil Paralelo que impressiona é o tempo médio de duração da visita ao site: 10min58s. Esses números indicam que a produtora conseguiu conquistar um público fiel e muito interessado em seus conteúdos, reflexo de sua construção de marca nos últimos anos. A busca paga (quando a origem da visita é por meio de palavras-chaves compradas no Google) representou, no máximo, 7% da origem das visitas entre junho e dezembro de 2022. A porcentagem de visitantes que vieram das mídias sociais (inclusive de posts patrocinados) variou entre 1,3% e 4,4% apenas (ALMEIDA; GRANJEIA, 2023).

Essa boa classificação da Brasil Paralelo na busca orgânica é resultado do entendimento de como funciona o SEO e de uma análise constante do desempenho de seu site para fazer os ajustes finos necessários para maximizar sua pontuação de forma recorrente. O resultado orgânico é referente aos resultados que não foram patrocinados para estarem na página do Google. Além da capacidade financeira, a empresa possui uma visão estratégica a longo prazo.

Usando a estratégia de diversidade de temáticas, a produtora cria polêmicas para virar notícia/referência e aumentar sua credibilidade com o Google. Não é por acaso a escolha de temáticas que geram debates acalorados como aborto, ideologia de gênero, feminismo etc.

Eles investem em posts pagos nas redes sociais e criam uma polêmica, que acaba virando até reportagem em outros sites e também aumenta o engajamento deles nas redes. Tudo isso acaba sendo direcionado para o site Brasil Paralelo e aumenta a autoridade deles com o Google, aumentando seu ranqueamento. Essa é a lógica que me parece que a empresa segue (NEVES, ano apud ALMEIDA; GRANJEIA, 2023)

Outra técnica simples que bem aplicada faz muito efeito é o uso de *mailing*. Na linguagem do marketing digital é a gestão de relacionamento com o cliente, onde os e-mails chegam com diversos links do site. A Brasil Paralelo dispara de três a quatro e-mails por dia com textos do site, link para suas produções e venda de assinaturas.

A partir desses números podemos destacar que a Brasil Paralelo é uma iniciativa robusta, bem estruturada e em franca expansão com potencial para influenciar a opinião pública ao defender pautas ultraliberais e conservadores ao mesmo tempo que dá munição e retroalimenta sistematicamente a rede de *fake news* e desinformação que mobilizam a extrema direita brasileira nas redes sociais.

2.4 De onde vem o dinheiro da Brasil Paralelo?

Em um vídeo disponível no canal da empresa no YouTube intitulado “De Onde Vem o Dinheiro da Brasil Paralelo?” (2022)⁵³, Henrique Viana reforça que a produtora se sustenta única e exclusivamente das assinaturas dos membros, sem receber dinheiro público, verba do Youtube ou patrocínio. Pelo depoimento de Viana é possível perceber que esse modelo de negócios está sendo muito bem-sucedido,

⁵³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A6P4S-b9npA> Acesso em: 22 jan. 2023

impressionando até mesmo estúdios de Hollywood que ficaram surpresos ao descobrirem outra empresa no país, além do Grupo Globo, com capacidade de fazer compras relevantes de títulos para um serviço de *streaming*. Além disso, Viana (2022) destacou que a Brasil Paralelo emprega mais de 250 funcionários e que em 2022 receberam 6000 aplicações de candidatos para suas vagas de emprego. Outro ponto destacado no vídeo para corroborar com a ideia de engajamento dos membros e público da empresa é a taxa de "satisfação da audiência" que, segundo Viana, em uma amostra de 26 milhões de interações que abrange todos os tipos de vídeos que a Brasil Paralelo produz, 98,7% são de likes e apenas 1,3% de dislikes, ou seja, quase 100% da audiência da Brasil Paralelo aprova seus conteúdos (VIANA, 2022).

A Brasil Paralelo se orgulha de ser uma empresa de “entretenimento e educação 100% financiada pelos membros” e de nunca ter recebido dinheiro público, em contraposição a produções financiadas pela Ancine e outros órgãos de incentivo. Segundo seus sócios, todas as suas produções são pagas por assinaturas de conteúdo que recebem. A estratégia para fazer com que sua audiência se envolva com suas produções de uma maneira proativa é por meio de uma narrativa missionária que convoca os “verdadeiros patriotas” a transformarem o país através da cultura e assim “resgatar os bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros”⁵⁴. A mensagem passada é de que ao ser assinante, o membro não será apenas um doador, mas também fará parte de algo “grande”, isto é, da transformação do país pela difusão de ideias que vão “despertar a consciência de milhões de brasileiros” (FIRMINO, 2020).

Antes de ser financiada a partir de um plano de membresia, a empresa investiu no modelo *crowdfunding*⁵⁵ para custear as primeiras produções, assim como o apoio financeiro dos primeiros "membros fundadores". Em todos os anúncios da empresa em busca de novos membros apoiadores é dado ênfase ao fato de que a produtora não recebe dinheiro público, e, portanto, seria “mais confiável”, diante de intelectuais e das universidades, que recebem o financiamento estatal. Objetivo e as formas de

⁵⁴ Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/sobre> Acesso em: 01 maio 2022.

⁵⁵ O modelo de financiamento seguido pela empresa inicialmente era o de *crowdfunding*, que segundo as definições do Sebrae, “ (...) é o financiamento de uma iniciativa a partir da colaboração de um grupo (pode ser pequeno ou muito grande) de pessoas que investem recursos financeiros nela. Se você pegar essa definição, a vaquinha também se encaixa. (...) Já o termo *crowdfunding* foi criado recentemente, em 2006, e, apesar de poder representar esse conceito mais amplo, é muito mais utilizado quando falamos sobre projetos/empresas financiados de forma coletiva (várias pessoas contribuindo) por meio de uma plataforma on-line.”

atuação da produtora também são sempre reforçados em suas campanhas: transformar a cultura do país, sem receber verba pública, tentando chegar a milhares de brasileiros, para fazer reviver o patriotismo e recuperar a história “de sacrifício, virtude e coragem” que foi negada (FIRMINO, 2020).

Olavo de Carvalho foi um dos principais divulgadores dos filmes e campanhas de financiamento da Brasil Paralelo, inclusive publicando anúncios patrocinados em página do Facebook. A influência do “guru da extrema-direita” contribuiu para que as campanhas de *crowdfunding* da produtora fossem bem sucedidas, já que grande parte das empresas doadoras pertence a alunos de Olavo⁵⁶ (RUDNITZKI; OLIVEIRA, 2019).

Rudnitzki e Oliveira (2019) apontam que a Brasil Paralelo é responsável pela maior campanha de financiamento coletivo do cinema brasileiro⁵⁷. Em 2019, a empresa lançou *crowdfunding* para transformar em filme uma de suas séries documentais, "Brasil: a última cruzada", que revisita o período imperial brasileiro para enaltecer os laços com os portugueses colonizadores. A campanha arrecadou R\$ 489 mil, batendo a meta estipulada para produção do longa metragem⁵⁸.

Não é comum no país que produtoras de audiovisual consigam arrecadar cifras milionárias em campanhas de *crowdfunding* ao ponto de conseguir ter retorno financeiro suficiente para investir mais de trezentos mil reais só de publicidade no Google. Sendo assim, podemos considerar a Brasil Paralelo como um ponto fora da curva no mercado de filmes documentais.

Afirmar-se como um grupo que não aceita dinheiro público é fundamental para a defesa ideológica feita pela Brasil Paralelo que projeta em seu posicionamento a narrativa liberal clássica, onde um grupo de jovens comuns triunfa por oferecer ao mercado um produto “que atenda necessidades dos consumidores”. A encarnação do mito é a própria empresa e a mensagem tem o objetivo de defender o autofinanciamento e a iniciativa privada contra o Estado, posicionando o mercado como eficiente em detectar as necessidades dos consumidores enquanto o Estado é entendido como estruturalmente ineficiente e corrupto. Essa discussão contra o Estado fortalece a ideia de que é necessário construir uma nova ordem e a construção mítica de sua história que valoriza uma trajetória de crítica imanente ao “sistema”

⁵⁶ Disponível em: <https://apublica.org/2019/08/nasce-o-cinema-olavista/> Acesso em: 01 maio 2022.

⁵⁷ Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/vem-ai-com-muita-grana-o-cinema-governista/> Acesso em: 01 jan. 2023.

⁵⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2YzEx4XAgFQ&t=2s> Acesso em: 21 jan. 2023.

coloca a empresa como a evidência de que é possível fazer diferente. Rocha (2022) aponta que a monetização da política é uma característica comum na midioesfera da nova direita ultraliberal e dá o nome de MEI (Microempreendedor Ideológico) às pessoas que vivem da monetização da ideologia e da política⁵⁹ (ROCHA, 2022).

Um outro vídeo postado em 2018⁶⁰ no canal da produtora no Youtube e com título de “Quem Financia a Brasil Paralelo” , Filipe Valerim, sócio-fundador da produtora, agradece aos assinantes, com uma retórica missionária, por ajudarem a Brasil Paralelo em sua “revolução cultural”. O vídeo tem o objetivo de divulgar os pacotes de assinatura e reforçar a importância do investimento para contribuir com a “mudança cultural que a Brasil Paralelo está empregando no país”:

Você fez a sua parte, nos dando um voto de confiança e o seu financiamento. Por causa desse ato de coragem, nós estamos aqui hoje dando um grande passo na retomada da nossa verdadeira cultura, da nossa verdadeira missão como brasileiro. Nós queremos que você sinta orgulho pois o investimento que você fez já causou muitas mudanças. Por sua causa despertamos a consciência de pessoas que jamais teriam acesso a uma visão sistêmica dos problemas que o Brasil enfrenta e da revolução cultural que passamos⁶¹. (VALERIM, 2018)

Esse discurso tem a intenção de convencer seus apoiadores de que eles fazem parte de um grupo seletivo que compreende qual o “verdadeiro problema do país”. As narrativas polarizadoras, que investem na ideia de uma “ameaça”, têm a função principal de manter as bases das massas digitais em permanente mobilização. A retórica se mostra eficaz e lucrativa para a Brasil Paralelo já que, segundo os fundadores, sua receita vem de assinantes que pagam um dos três planos que a empresa oferece, R\$ 19 mensais pelo Plano Básico (antigo plano Patriota) que dá acesso aos conteúdos originais da produtora, conteúdo infantil e catálogo de filmes em HD, R\$ 39,00 o plano intermediário que oferece acesso multitelas e imagem Full Hd e R\$ 59,00 pelo acesso total, que oferece cursos e o Núcleo de Formação⁶². Em 2021, a empresa faturou R\$ 30 milhões, tendo apresentado um crescimento de 335%

⁵⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=81zD-RPm60w> Acesso em: 03 maio 2022.

⁶⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OgRmdlosfdc> Acesso em: 01 maio 2022.

⁶¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OgRmdlosfdc> Acesso em: 03 maio 2022.

⁶² Disponível em: https://bp.brasilparalelo.com.br/seja-membro?src=976eb0c246534065924f6c49bbdc5ae6&utm_source=search&utm_medium=ads&utm_campaign=ppt_geral&utm_term=00%20-%20%5BKW%5D%20Brand&utm_content=Responsivo&gclid=CjwKCAiA5Y6eBhAbEiwA_2ZWIUzh6Ljhn-temdXjl-qXnHXYjiSiGEgucxQp9gRgZ1pPVLBpjcVj8RoCr0IQAvD_BwE

se comparado a 2019⁶³ (ZANINI, 2021). Em 2022 alcançou o número de 377 mil membros assinantes ativos e se tornou a empresa de mídia mais assinada no país, superando grandes nomes do meio jornalístico, como o jornal *O Globo* (367,9 mil assinantes, somadas as versões impressa e digital. Considerando somente o segmento digital, esse número cai para 302,6 mil), *Folha de S. Paulo* (352,4 mil assinaturas, sendo 296,6 mil digitais) e *Estadão* (com 209,1 mil assinantes, sendo 145,3 mil na esfera digital)⁶⁴.

É importante destacar que os sócios do Brasil Paralelo negam veementemente o uso de dinheiro público, mas nada falam sobre dinheiro de empresas. É possível vislumbrar a existência de relações políticas entre eles e *think tanks* formados e sustentados pelo capital nacional e internacional. Parte dos especialistas ouvidos pelas produções da Brasil Paralelo são de intelectuais de *think tanks* como Instituto Liberal, Instituto Millenium, Instituto Mises Brasil, Instituto Liberdade e Instituto Atlas. Mesmo que alguns destes institutos tenham em seu quadro de colunistas e colaboradores figuras de centro ou centro-esquerda, todos defendem a pauta liberal e sua incorporação pelo Estado. Em entrevista ao Boletim da Liberdade, Valerim (2018), confirma que a empresa procura sempre estar em contato com *think tanks* que promovam "ideias de liberdade"⁶⁵.

Além disso, a empresa também já declarou que não monetiza vídeos no YouTube⁶⁶. A Brasil Paralelo diz que não tem investidores e que os atuais acionistas são os três sócios fundadores. Ao *The Intercept* declararam que a venda de assinaturas representa 98% do faturamento, as receitas financeiras representam 1% e o programa da *partnership* que estava sendo estruturado ("compra e venda de ações entre pessoas engajadas na construção do negócio, de acordo com as melhores práticas de *compliance* e que será auditada") representará 1% da receita. Em nota de resposta ao jornal a empresa afirmou que a independência editorial sempre será prioridade em seu modelo de negócio⁶⁷ (SAYURI, 2021).

⁶³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/05/produtora-brasil-paralelo-vive-crescimento-meteorico-e-quer-ser-netflix-da-direita.shtml?origin=folha> Acesso em: 07 maio 2022.

⁶⁴ Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/brasil-paralelo-e-a-empresa-de-midia-mais-assinada-do-pais> Acesso em: 15 jan. 2023.

⁶⁵ Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/> Acesso em 21 jan. 2023.

⁶⁶ Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/09/guerra-de-edicoes-a-disputa-politica-de-narrativas-na-wikipedia.htm> Acesso em: 21 jan. 2023.

⁶⁷ Disponível em: <https://theintercept.com/2021/12/09/brasil-paralelo-lanca-ofensiva-judicial-para-calar-criticos-e-reescrever-a-propria-historia/> Acesso em: 21 jan. 2023.

Mas essa narrativa de “case de sucesso”, de uma produtora que teve um crescimento meteórico por mérito de seus fundadores, deixa de fora questões sobre o investimento ou apoio da iniciativa privada. Segundo a revista Piauí, empresários como Jorge Gerdau, da gigante produtora de aço Gerdau, integram o grupo de conselheiros da Brasil Paralelo, formado por pessoas que possuem uma participação simbólica no capital da produtora e têm ideias convergentes. Desse grupo também fazem parte Pedro Englert, sócio da StartSe, startup de educação, e Roberto Dagnoni, sócio da Mercado Bitcoin, uma bolsa de ativos digitais⁶⁸.

Balestro (apud SANZ, 2022) afirma que é importante levar em consideração a relação orgânica que a Brasil Paralelo tem com esses *think tanks* para entender o *modus operandi* da empresa. O contato direto com empresários como o Hélio Beltrão Filho, do Instituto Mises Brasil, fortalece a empresa e atrai o apoio do empresariado. Essa operação em conjunto, que se estabelece como uma teia nessas organizações da direita, é muito importante para legitimar esse projeto e levá-lo a um público maior. A partir disso, a Brasil Paralelo consegue se projetar para além dos espaços dos institutos e suas comunidades (BALESTRO apud SANZ, 2022).

Balestro (apud SANZ, 2022)⁶⁹ lembra que a primeira produção como empresa não foi necessariamente um conteúdo autoral, mas sim um serviço prestado para o Fórum da Liberdade, que ocorre anualmente em Porto Alegre e é organizado pelo Instituto de Estudos Empresariais (IEE) desde 1988, tornando-se um importante evento catalizador das ideias e organizações liberais, no Brasil e na América Latina, auxiliando na ampliação da rede de *think tanks* e disseminando o liberalismo junto ao empresariado e a segmentos da sociedade brasileira. O Instituto Mises Brasil também foi uma das instituições lançadas pelo Fórum da Liberdade (BALESTRO apud SANZ, 2022).

Apesar de não haver uma comprovação do quanto a BP recebe desses empresários, Balestro (apud SANZ, 2022) destaca que existe uma operação conjunta em que conseguem se projetar a partir da relação com os empresários e institutos da chamada “nova direita” ultraliberal, além de uma significativa estratégia de marketing digital, que projeta a Brasil Paralelo nas redes sociais como Facebook e Youtube não

⁶⁸ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/distanciamento-social/> Acesso em 21 jan. 2023.

⁶⁹ Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2022/9/4/por-dentro-do-brasil-paralelo-modus-operandi-da-produtora-de-extrema-direita-122713.html> Acesso em: 21 jan. 2023.

apenas como uma empresa, mas como um projeto político, orgânico, relacionado diretamente com a direita empresarial (BALESTRO apud. SANZ, 2022). Dessa forma, o projeto ideológico da Brasil Paralelo se fortalece a partir desses institutos, ganhando força em espaços onde se discutem políticas públicas e econômicas que podem impactar toda sociedade.

3 AS PRODUÇÕES DA BRASIL PARALELO NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO DA EXTREMA DIREITA E SUA ATUAÇÃO COMO ARMA DE PROPAGANDA PARA AS POLÍTICAS ULTRALIBERAIS

3.1 As produções da Brasil Paralelo

Em entrevista ao programa Pânico na Jovem Pan⁷⁰, Lucas Ferrugem (2022) conta que o objetivo inicial da Brasil Paralelo era de passar uma mensagem e de que só posteriormente perceberam que a melhor forma de passar essa mensagem seria por meio de documentários. Essa declaração é mais uma evidência de que o viés ideológico e político sempre esteve à frente do artístico e de que a atuação da empresa ao divulgar ideias que procuram informar e influenciar instâncias governamentais e a opinião pública (ROCHA, 2017) está mais próxima de um *think tank* do que de uma produtora de audiovisual.

O primeiro projeto da empresa foi a série documental *Congresso Brasil Paralelo* (2016) dividida em capítulos e divulgada como o "maior diagnóstico já feito sobre a situação econômica, política e cultural do Brasil". Podemos perceber a forte predominância de figuras relevantes da extrema direita brasileira e de *think tanks* ultraliberais entre os nomes que contribuíram já para a primeira produção da Brasil Paralelo, o que indica uma rápida adesão dessas figuras às ideias dos jovens empreendedores. São nomes como Olavo de Carvalho, Jair Bolsonaro, Rodrigo Constantino, Beatriz Kicis, Hélio Beltrão, Alexandre Borges, Luiz Philippe de Orléans e Bragança, Joseita Ustra, Flávio Morgenstern, Eduardo Bolsonaro, Leandro Narloch, Carlos Andreazza, Diego Casagrande, Felipe Moura Brasil, Flávio Gordon, Olavo Mendonça, Hélio Bicudo, Leandro Ruschel, Claudio Castro, entre outros.

A proposta inicial da Brasil Paralelo era organizar um congresso virtual e disponibilizar na internet "entrevistas com os especialistas sobre o cenário atual", mas na primeira gravação identificaram que o formato não teria tanto apelo, já que os entrevistados abordavam diferentes pautas que não necessariamente se conectavam e as entrevistas com mais de duas horas poderiam ficar maçantes ao telespectador. Diante disso, optaram por mudar o formato da produção para conseguir atingir um público jovem e com acesso à internet, principalmente à plataforma YouTube.

⁷⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JrT6bZcyONc> aos 3'30. Acesso em: 01 mar. 2023.

Segundo Valerim: “foi aí que surgiu a ideia de transformar essas entrevistas em uma série de documentários que conectam as diferentes pautas sobre a situação política do Brasil, em uma narrativa didática, mas que também fossem comoventes”⁷¹

Para a *Folha de S. Paulo* em 2021⁷², Henrique Viana revelou que os planos para o crescimento da empresa são ambiciosos: querem criar um serviço análogo à Netflix e se tornar a “empresa de mídia mais influente no ecossistema cultural brasileiro”:

A Netflix tem quase 40 milhões de assinantes. É esse mercado que a gente está mirando. As famílias se preocupam com estar assistindo algo na Netflix e, de repente, surgir uma pauta LGBT. Não tem nenhum problema a Netflix ter suas pautas. Mas existe um público que quer ter confiança de que a empresa que oferece o conteúdo está preocupada com o resgate da tradição. (VIANA, 2021)

O alto investimento em uma elaborada estratégia digital também posiciona a Brasil Paralelo como uma *mediatech*, ou seja, uma empresa de mídia alinhada a transformação digital do mercado e seus negócios, como a exploração de um nicho específico e o uso intensivo da tecnologia para monitorar o comportamento do público e auxiliar na captação e manutenção de assinantes. Para empresas como a Brasil Paralelo, que se fundamentam em um senso de comunidade, a curadoria dos conteúdos que vão para o site ou plataforma se torna o principal diferencial e valor para seus clientes/assinantes (RODRIGO, apud MONTEIRO, 2022)⁷³.

Em 2021, a Brasil Paralelo entrou no *streaming*, e passou a oferecer um pacote mais amplo de conteúdo e com formatos mais variados, incluindo filmes, séries, programas e desenhos animados. Com a “Nova BP” o que antes se resumia a um site e um canal no YouTube se tornou uma plataforma com diversas opções de conteúdo “seguro para toda família”. A proposta é oferecer conteúdo selecionado para o público conservador nos costumes e alinhado a uma direita liberal.

O catálogo de plataforma BP se divide em cinco categorias: programas, filmes, cursos, cortes e lives. Os programas possuem similaridades com formatos de TVs lineares, com apresentadores, episódios lançados em temporadas, gêneros diversos como humor, notícias, entrevistas, policial. A lista de programas disponíveis em março

⁷¹ Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/brasil-paralelo> Acesso em: 06 mar. 2023.

⁷² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/05/produtora-brasil-paralelo-vive-crescimento-meteorico-e-quer-ser-netflix-da-direita.shtml> Acesso em: 01 mar. 2023.

⁷³ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/brasil-paralelo-surfa-na-polarizacao-e-tem-crescimento-exponencial/> Acesso em: 01 mar. 2023.

de 2023 conta com cinco produções originais da Brasil Paralelo: 1) “Rastanews”, é um programa que tem como influência “ Paulo Francis, Tião Macalé e Hermes e Renato”, onde o personagem Rasta repercute notícias do país com humor e ironia”; 2) “Investigação Paralela” programa que explora elementos do gênero policial e investigativo ao apresentar teorias alternativas para casos policiais e fatos de grande repercussão. O episódio que investigava a facada em Jair Bolsonaro em 2018 foi proibido pelo STF de estrear antes do 2º turno das eleições de 2022, por contrariar investigação da PF e podendo interferir nos resultados eleitorais. O programa alimenta novas teorias conspiratórias sobre o caso ao levantar a hipótese de que a ordem para o crime tenha partido de um grupo chamado “PSL raiz”, que incluiria nomes como Gustavo Bebianno, ex aliado no bolsonarismo e falecido em 2020, e Joice Hassaleman. Outros episódios dessa série abordaram o sequestro do empresário Abílio Diniz, em 1989, no qual o PT foi acusado falsamente de participação, além dos assassinatos da vereadora Marielle Franco e de Celso Daniel; 3) “Red Pill cinecast” é um podcast que comenta filmes e cultura pop e faz referência a um mundo paralelo do filme *Matrix* que é bastante usada pela direita. “Feminismo e Princesas da Disney” e “Globalismo e distopia no cinema” são alguns dos temas dos episódios; 4) “Insights BP” são vídeos didáticos e rápidos, com o objetivo de “enriquecer a qualidade das suas ideias e levar clareza acerca de temas importantes” e que se utiliza de títulos apelativos para seus episódios, como “Como eles implantam ideias na sua cabeça?”, “Como identificar um falso conservador” e “O mínimo que você precisa saber sobre Olavo de Carvalho”; Formatos de entrevistas como o programa 4) “Contraponto” e o podcast 5) “Conversa Paralela” dão voz as figuras mais variadas do espectro da direita ultraliberal e conservadora do país, como Nikolas Ferreira, Luciano Hang, Leandro Narloch, Augusto Nunes, Eduardo Bolsonaro e Hélio Beltrão.

Na área infantil, por enquanto, há desenhos animados e produções mainstream de outros estúdios, como “Caillou” e “Bob, o Construtor”, mas a empresa tem interesse em investir em conteúdo próprio também direcionado a esse segmento.

Além das produções originais da BP, a plataforma de *streaming* da empresa, em parceria com grandes estúdios como Sony e MGM, também passou a disponibilizar filmes hollywoodianos para os assinantes, como *Clube da Luta* (1999), *Gangues de Nova York* (2002), *Lawrence da Arabia* (1962), toda a franquia *Rocky* com Sylvester Stallone e vários outros filmes populares e premiados. Além disso, a plataforma também disponibilizou filmes e cursos de importantes influenciadores e

pensadores da extrema direita mundial, com Jordan Peterson. Um diferencial do *streaming* da Brasil Paralelo são os vídeos curtos apresentados pelos especialistas e sócios da empresa que analisam e indicam os principais motivos para assistir a cada um dos filmes. Esse material complementar a filmes de sucesso conduz a audiência a interpretar essas histórias de acordo com a visão de mundo e valores da empresa.

Para o site Exame⁷⁴, Viana contou que a meta de longo prazo é se tornar a Disney brasileira. "Eles contaram a história de Hamlet com o *Rei Leão*. É isso que queremos fazer" (VIANA, 2022). Aliás, já anunciaram seu primeiro filme de ficção *Oficina do Diabo*, uma adaptação de *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*, de C.S. Lewis. O diretor é Filipe Valerim, outro sócio-fundador da Brasil Paralelo. Viana (2022) declarou que eles acreditam que uma obra de ficção é uma ferramenta ainda mais poderosa para engajamento e construção de imaginários⁷⁵

Quando falamos do lema da BP, os documentários exercem papéis fundamentais para resgatar os bons valores e ideias, mas para os sentimentos, a ficção é mais eficaz. A ficção cria uma realidade na qual as pessoas podem se espelhar, o filme passa a trabalhar com o desenrolar da vida de pessoas comuns. "Eu acho que só isso consegue ocupar um espaço no imaginário, uma certa presença na vida da pessoa que é mais difícil com os documentários. Por isso, sempre pensamos em trabalhar com ficção. Nós já buscamos trabalhar com esse lado nos documentários, mas é diferente" (VALERIM, 2022)⁷⁶

O foco no entretenimento e na diversificação de produtos não elimina sua atuação no campo da educação. A plataforma da Brasil Paralelo disponibiliza 4 categorias de cursos: 1) Núcleo de Formação, anunciado como "a principal iniciativa educacional" da empresa, com mais de 40 cursos conduzidos por professores e especialistas parceiros da empresa; 2) Escola da Família, que promete ensinar a "construir um legado" e "cultivar os bons hábitos e virtudes para manter uma família feliz e superar os principais desafios da vida domiciliar"; 3) Clube da música, que promete fazer o aluno "amadurecer e evoluir culturalmente" por meio de aulas, cursos e curiosidades; 4) Sociedade do livro, que oferece um curso novo por mês e com

⁷⁴ Disponível em: <https://exame.com/negocios/com-500-mil-assinantes-brasil-paralelo-quer-evitar-polemicas-e-sonha-ser-a-disney-brasileira/> Acesso em: 01 mar. 2023.

⁷⁵ Disponível em: <https://exame.com/negocios/com-500-mil-assinantes-brasil-paralelo-quer-evitar-polemicas-e-sonha-ser-a-disney-brasileira/> Acesso em: 03 mar. 2023.

⁷⁶ Disponível em: https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/cartas-de-um-diabo-ao-seu-aprendiz-vai-virar-filme-na-bp?utm_medium=%2Fnoticias%2Fveja-as-primeiras-imagens-de-oficina-do-diabo-a-nova-ficcao-da-brasil-paralelo Acesso em: 04 mar. 2023.

auxílio dos professores ajuda a “visualizar os grandes temas da humanidade por múltiplos ângulos” .

A aba de “cortes” da plataforma disponibiliza vídeos curtos, sendo grande parte trechos de suas produções originais. Esse formato que conta com a opção de compartilhar diretamente nas redes sociais contribui para a propagação desses discursos em grupos de WhatsApp, Facebook, Telegram e demais redes sociais. Já na aba de “lives” a plataforma reúne as frequentes lives feitas pela empresa em seus diferentes canais midiáticos, como o YouTube.

Ainda que a Brasil Paralelo insista em se autoafirmar como uma empresa apartidária e livre de “amarras ideológicas”, sua linha editorial mostra um alinhamento com pautas valorizadas pela extrema direita brasileira, seja na agenda econômica ou de costumes. Temas ligados à história, arte, economia e política são abordados com uma roupagem conservadora e ultraliberal.

Em suas últimas produções que estrearam após a derrota do candidato de extrema direita Jair Bolsonaro em 2022, a Brasil Paralelo buscou se descolar um pouco de figuras e temas ligadas ao bolsonarismo para tentar se estabelecer como uma empresa conservadora, independentemente da conjuntura política.

De olho no potencial da Copa do Mundo, a plataforma lançou em novembro de 2022, “A Camisa Mais Pesada do Mundo”, documentário futebolístico com participações do ex-jogador Zico e dos jornalistas esportivos Mauro Beting e Rica Perrone. Para o lançamento do filme, a Brasil Paralelo realizou duas ações de merchandising em “Os Donos da Bola RS”, programa de mesa-redonda mais assistido de Porto Alegre exibido pelo canal da TV Bandeirantes RS. A aposta na publicidade da TV aberta, mais generalista e custosa que a oferecida pelas redes sociais, aponta para o interesse da plataforma em furar a bolha ideológica para ampliar a base de assinantes. O investimento em esportes foi uma novidade⁷⁷. No mês seguinte, em dezembro de 2022, lançou o documentário *Varig – A Caixa Preta do Brasil*, que investiga os motivos que provocaram falência da maior empresa aérea do país e propõe que a instabilidade do Estado brasileiro foi um dos fatores que contribuiu para a extinção da Varig. “O fim trágico da precursora – e promissora – empresa Varig representa bem o nosso país: um Brasil que promete ser potência, sem jamais

⁷⁷ Disponível em: <https://teleguiado.com/televisao/a-ultima-jogada-do-brasil-paralelo/> Acesso em: 03 mar. 2023.

decolar”, afirmou a BP, em nota divulgada à imprensa. “Assistimos à queda da ‘estrela brasileira’ e à falência (ou sabotagem?) de nossa primeira multinacional”.⁷⁸

Mas esse novo posicionamento que investe em entretenimento e na diversificação de produtos não deverá eliminar a produção de documentários num fluxo contínuo de lançamentos sobre temas da atualidade, com viés conservador e ultraliberal.

No catálogo de mais de 100 obras originais, os principais sucessos da Brasil Paralelo se baseiam em temas que provocam polêmicas e alimentam a guerra cultural proposta pela extrema direita brasileira, como aborto, feminismo, críticas ao STF, as políticas sociais e ambientais, a arte e cultura modernas e, claro, ao comunismo e à esquerda em geral.

Firmino (2020) chama atenção para os diversos léxicos político-ideológicos que a Brasil Paralelo mobiliza, tanto em sua forma de apresentação como em suas produções, com narrativas que criam quadros que influenciam o imaginário da extrema direita e a percepção do mundo desses grupos como:

i) o conservadorismo moralista (SALLES, 2017); **ii)** as tomadas de posição antimodernas e antirrepublicanas; **iii)** as posições ultraliberais (ROCHA, 2018); **iv)** o conservadorismo Guerra Fria (SALLES, 2017); **v)** o conservadorismo cristão e o **vi)** conservadorismo monarquista (QUADROS, 2017). (FIRMINO, 2020, p.181)

O conservadorismo moralista dialoga e pode se fundir com o conservadorismo cristão. A camada religiosa passa a ser utilizada de forma estratégica para tentar refundar mitos nacionais e desqualificar o presente e, conseqüentemente, o sistema democrático atual. Assim como a proposta de pensamento Tradicionalista (TEITELBAUM, 2021) e reacionário (LILLA, 2018), que rejeita e marginaliza a modernidade enquanto glorifica o passado. Os discursos antimodernos e antirrepublicanos partem da premissa de que, ao se separar do divino, a modernidade – e também a democracia – romperam com um sistema político estável como a monarquia e também divino, criando um mundo que caminha para a decadência moral, política e espiritual, e, por isso caótico e instável (FIRMINO, 2020).

O conservadorismo monarquista, que tem ganhado menos atenção dos estudiosos, também está presente nas produções na BP. O elogio à monarquia não se dá apenas no discurso ou em sua estética, mas também está presente de forma

⁷⁸ Disponível em: <https://revistaoeste.com/brasil/brasil-paralelo-revela-verdadeira-historia-do-fim-tragico-da-varig/> Acesso em: 04 mar. 2023.

corpórea com participações recorrentes de “especialistas” como Luiz Phillipe de Orleans Bragança e Dom Bertrand, descendentes da família real portuguesa (FIRMINO, 2020).

Nas produções da Brasil Paralelo podemos perceber a construção de uma narrativa que valoriza um passado supostamente “glorioso” do país e de seu processo de colonização, exaltando, por exemplo, o período do Império no país, como em *Brasil: a última Cruzada* (2017), que em sua sinopse sugere que “Aprendemos que o Brasil é fruto de uma invasão portuguesa e que, na nossa história, nada há de virtuoso, nada há de bom. E se disséssemos que o Brasil foi construído com muito sacrifício, honra e coragem?”. Ao mesmo tempo que exhibe um saudosismo do passado, as produções da BP fazem uma análise pessimista do presente e, principalmente, dos avanços em políticas sociais no ocidente pós-moderno, como em *Pátria educadora* (2020), *A face oculta do feminismo* (2022) e *As grandes minorias* (2020). A partir do mecanismo de ameaça, acusam o “establishment do politicamente correto”, movimentos como *Black Lives Matter*, estudos de gênero, feminismo, as universidades e o “método Paulo Freire” de serem parte de um projeto de destruição do mundo ocidental, da moral cristã e das famílias (FIRMINO, 2020). Em *Era uma Vez Carnaval* (2023) reforçam esse pensamento de que a modernidade está mais promíscua ao sugerir que liberdades que antes ficavam restritas aos dias de folia agora fazem parte do dia a dia da sociedade.

As narrativas da Brasil Paralelo apontam para propostas que se contrapõem ao sistema político atual, assim como à mídia tradicional e às universidades. O presente está corrompido, sem as virtudes, estabilidade e paz, garantidos pela tradição (FIRMINO, 2020, pp. 181-185).

Com estreia em 21 de agosto de 2018, *O Teatro das Tesouras* abordou bastidores de sete eleições presidenciais do Brasil após o fim da ditadura militar, partindo da tese defendida por Olavo de Carvalho de que “não há oposição entre os grandes partidos” do país.

A crise dos 3 poderes, lançado em setembro de 2022 em 3 partes, reúne depoimentos de ex-ministros do STF, como Ayres Britto e Nelson Jobim, e de figuras como Michel Temer em uma análise que “promete dissecar o momento de turbulência do país, às vésperas das eleições de outubro”.⁷⁹

⁷⁹ Disponível em: <https://revistaoeste.com/politica/brasil-paralelo-estreia-filme-sobre-crise-dos-tres-poderes/> Acesso em: 05 mar. 2023.

No segundo semestre de 2020, durante a pandemia, a Brasil Paralelo lançou dois documentários que indicaram a adesão da empresa à "tropa de choque digital" do governo de extrema direita de Bolsonaro (ZANINI, 2020). Lançado em 17 de agosto de 2020, *Os donos da verdade* trata de liberdade de expressão e usa trechos da reunião ministerial de 22 de abril para defender o ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub, em que ele dizia querer prender os "vagabundos do STF" na cadeia e odiar o termo "povos indígenas"⁸⁰. *7 denúncias: as consequências do caso Covid-19*, estreou em junho de 2020 direcionando críticas à medida do distanciamento físico no combate à pandemia de Covid-19 e seus formuladores e disseminadores. O documentário é dividido em sete partes, cada uma sendo uma "denúncia" quanto a algum aspecto da crise. Mas nenhuma delas é sobre a inépcia do governo Bolsonaro. Em vez disso, o documentário se ocupa de atacar a perda de liberdade individual causada por decisões de governadores e o pânico gerado pela mídia. O fechamento da economia e os *lockdowns* adotados por algumas cidades são comparados a medidas totalitárias dos regimes nazista, soviético ou iraniano. Não por acaso trata-se do mesmo discurso adotado pela cúpula negacionista do governo Bolsonaro (ZANINI, 2020).

A posição ultraliberal fica evidente no discurso dos sócios como vimos no capítulo anterior, com diversos textos em sua plataforma alinhado a *think tanks* como Instituto Mises Brasil e Instituto Millenium defendendo o liberalismo econômico e o ultraliberalismo enquanto critica a intervenção do Estado em dinâmicas que, segundo eles, deveriam ser conduzidas pelo mercado e pela meritocracia.

O Conservadorismo Guerra Fria assume a retórica anticomunista e do marxismo cultural como ameaça aos valores da família cristã e ocidental. Como vimos anteriormente é esse discurso que parece ser o combustível para a união entre conservadores e liberais. A tática de atuação do Brasil Paralelo é repercutir esta narrativa predominante em discursos da extrema-direita de que Comunismo e Nazismo são dois lados da mesma moeda (BALESTRO; PEREIRA, 2020). Em *1964 – o Brasil entre armas e livros* (2019) podemos perceber esses elementos na narrativa que a Brasil Paralelo tenta emplacar sobre a história do Brasil, mais especificamente sobre todo o processo da ditadura militar. Segundo Rocha (2021), no subtítulo do documentário *1964 - O Brasil entre armas e livros* encontra-se a arquitetura do

⁸⁰ Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/09/guerra-de-edicoes-a-disputa-politica-de-narrativas-na-wikipedia.htm> Acesso em: 05 mar. 2023.

imaginário da extrema direita brasileira⁸¹. A história por trás do subtítulo diz que em 1964 o exército venceu a batalha das armas que foi fundamental para que o país não fosse dominado pelos comunistas, mas as forças armadas perderam a guerra dos livros. Trata-se de uma ideia lançada por Olavo conhecida como teoria da “panela de pressão”, onde as forças armadas teriam feito um acordo com a esquerda para que ela abandonasse a luta armada e em troca assumiria o controle das universidades e cultura. Mas para a vitória definitiva da extrema direita era preciso eliminar de vez a presença da esquerda no Brasil (ROCHA, 2021).

Firmino (2020) percebe que todos esses léxicos estão ligados e se complementam nas produções da Brasil Paralelo. Eles são articulados e manejados pela narrativa para influenciar a percepção da audiência em relação a esses temas, levando-a acreditar que:

1. O Brasil está em crise, 2. Não há liberdade econômica suficiente, esse é o motivo da pobreza e da desigualdade no Brasil, 3. A esquerda está dominando o campo cultural, portanto, precisa-se reagir a isso de forma urgente; 4. A democracia é falsa sem liberdade econômica total, 5. A República foi o maior erro da História do país, 6. Narrativa mítica sobre o descobrimento, como uma espécie de direcionamento de Deus e 7. Raízes cristãs da monarquia presentes no processo de formação do Brasil. (FIRMINO, 2020, p. 184/185)

3.2 Características das principais produções da Brasil Paralelo e o imaginário de extrema direita

As produções têm características comuns, como qualidade técnica e estética, com roteiros e montagens que demonstram maturidade e conhecimento em técnicas da comunicação de massa, evidenciando um trabalho realizado por uma equipe preparada e experiente. Os temas apresentados tratam do Brasil contemporâneo, seus problemas e origens, bem como questões ligadas à política e à cultura. Mas a formulação conceitual dos conteúdos da BP indica que o objetivo de suas produções não é apenas informar a população, e sim atuar como um instrumento da Guerra Cultural em curso no Brasil ao promover e popularizar revisionismos diversos, influenciando um grande público com os valores e crenças da extrema-direita (CHECCHIA, 2021).

Para tentar transmitir credibilidade, as principais produções investem em um formato que enfatiza a voz expositiva do gênero documental, com uma estrutura mais

⁸¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=81zD-RPm60w> Acesso em: 03 maio 2022.

retórica e argumentativa do que poética ou estética e que se dirige ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento e recontam a história (NICHOLS, 2012). A intenção é que o espectador escute respeitosamente os entrevistados, aceitem suas “verdades” e passem a repeti-las. Nichols (2012) afirma que o documentário expositivo é o modo ideal para transmitir informações ou mobilizar apoio dentro de uma estrutura preexistente ao filme. Nesse caso, mesmo que o filme aumente a reserva de conhecimento do espectador, não desafia ou subverte as categorias que organizam esse conhecimento (NICHOLS, 2012).

O formato documental expositivo é facilmente assimilado pelo público, já acostumado a códigos como o narrador em *voice-over*. Nas produções da Brasil Paralelo as narrações em *voice-over* tentam posicionar uma opinião como certeza, direcionando o pensamento do espectador por meio de depoimentos de personalidades políticas e especialistas que corroboram com o viés que a empresa quer comunicar. Nichols (2012) afirma que o tom oficial do narrador profissional, como o estilo dos âncoras e repórteres de noticiários, empenha-se na construção de uma sensação de credibilidade, usando características como distância, neutralidade, indiferença e onisciência (NICHOLS, 2012).

O uso de números e essa suposta imparcialidade baseada em “especialistas” e documentos funciona como um discurso que se pretende à verdade, à semelhança do discurso científico (FOUCAULT, 1970) e também do jornalístico (RESENDE, 2002). Mas nas produções da Brasil Paralelo todos os entrevistados compartilham das mesmas opiniões, e, portanto, os cortes em suas falas não causam contradições entre o que falaram e o que foi montado, mas para o público cria-se um discurso potencializado pelas imagens e vozes de diversos especialistas (CHECCHIA, 2021). Para Jorge e Salgado (2021) o viés das produções da Brasil Paralelo está justamente na escolha de *quem* fala, e de *como* dados e fatos são apresentados e contextualizados. Afirmam que, de maneira geral, todas as produções (séries, filmes, documentários e aulas) trazem embutidos crenças particulares ao credo neoliberal-conservador (JORGE; SALGADO, 2021). Apesar do menosprezo da extrema direita pelas universidades, parte dos entrevistados pelas produções da Brasil Paralelo também são intelectuais com formação acadêmica. Porém, muitos dos especialistas ouvidos pela empresa em seus filmes e séries não têm formação pós-universitária e

se definem como pesquisadores *freelancer* ou autodidatas, autores de livros e ministrantes de cursos de instituições da direita (OLIVEIRA; RUDNITZKI, 2019)

A seleção enviesada de imagens, assim como a edição com efeitos gráficos e sonoros que potencialize certo sentimento ou humor no espectador, são recursos que a produtora de vídeos usa de forma estratégica para compor as (entre)linhas do narrador (JORGE; SALGADO, 2021). As trilhas sonoras servem para amplificar os efeitos emocionais do filme. Assim, em momentos em que se apresentam ideias defendidas ouvem-se músicas que vão das mais suaves e sublimes até aquelas que despertam a sensação de elevação moral. Mas quando aparecem os “inimigos”, ouvimos músicas sombrias, agressivas, que mobilizam sensações de medo, insegurança ou perigo. (CHECCHIA, 2021)

Desse modo, as imagens visam comunicar tudo aquilo que (não) é enunciado explicitamente, de modo a condicionar as interpretações e limitar as possibilidades de outras reflexões. A intenção é chocar para mobilizar (JORGE; SALGADO, 2021). Em seu histórico, a Brasil Paralelo já mostrou que nem sempre tem apreço pela descrição do real, como em *1964 – O Brasil entre armas e livros* (2019), onde utilizou fotografias de Sebastião Salgado, tiradas em Serra Pelada nos anos 1980, como evidências da Guerrilha do Araguaia – em processo que acabou na Justiça, vencido pelo fotógrafo⁸².

Esses recursos técnicos e estéticos são utilizados para provocar o efeito mistificador, costurando sequências narrativas que unem subtemas distintos para dar-lhes novos significados sem fazer as devidas distinções entre elas. Para Checchia (2021), essas construções têm como objetivo naturalizar a ideia de que a sociedade está irremediavelmente dividida em dois grupos inconciliáveis: de um lado, os “esquerdistas” como expressão de oportunistas, abusadores, revolucionários que utilizam de todo e quaisquer meios para dominar o mundo, e do outro lado, os que defendem a sociedade e os valores humanos mais elevados (CHECCHIA, 2021). Valores que serviram de alicerce ao projeto civilizador moderno, como a democracia, a responsabilidade civil, a justiça social, a igualdade e a solidariedade são desvalorizados, enquanto a liberdade individual operada pela racionalidade mercadológica é exaltada, desembocando num declínio tanto ético como social e político (JORGE; SALGADO, 2021).

⁸² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/05/filme-1964-faz-uso-indevido-de-foto-de-sebastiao-salgado.shtml> Acesso em: 15 mar. 2023.

Todos os filmes produzidos pela Brasil Paralelo chamam atenção para as “más interpretações” ocorridas no decorrer da humanidade e fornecem uma série de revisionismos históricos e científicos. Fatos, evidências, reflexões ou racionalizações são intencionalmente mobilizados, silenciados, simplificados e/ou deturpados para fazer valer a sua versão da história. Isto é, aquela que estaria mais afinada com seu projeto de mundo, combatendo tudo aquilo que ameaça suas crenças, espaços e privilégios e, em último grau, suas próprias existências (JORGE; SALGADO, 2021).

Jorge e Salgado (2021) afirmam que as produções da Brasil Paralelo não têm compromisso com a “verdade”, o que se busca é o convencimento. Para isso constroem suas narrativas com comparações que ignoram qualquer risco de anacronismo e incoerência, deturpando ou descontextualizando os fatos sempre que preciso para corroborar com a narrativa que pretendem emplacar (JORGE; SALGADO, 2021).

Rocha (2020) chama atenção para as similaridades entre os documentários da Brasil Paralelo com filmes de Steve Bannon, sugerindo que a empresa brasileira se inspirou nas produções audiovisuais do principal articulador da extrema-direita estadunidense:

a estética de uma sucessão vertiginosa de imagens nem sempre relacionadas com a narração; montagem intimamente associada ao ritmo de videogames; idêntica interpretação conservadora, por vezes reacionária, da história; manipulação de fatos e dados, a fim de corroborar uma perspectiva revisionista; uso mimético da trilha sonora como mera ilustração de uma atmosfera em geral sombria, pois, claro está, o filme “desvenda” elaborados movimentos conspiratórios de alcance planetário (ROCHA, 2020).

Para se traçar um paralelo entre o imaginário dessa nova direita ultraliberal e de como as produções da Brasil Paralelo materializam e propagam essas ideias em seus documentários, este capítulo vai analisar como o roteiro e as entrevistas da trilogia *Pátria Educadora* (2020), orçada em mais de dois milhões de reais⁸³, atuam na guerra cultural olavista ao propagar teorias conspiratórias como o “marxismo cultural” e defender ideias ultraliberaes, como a privatização do ensino e uma menor intervenção do Estado na educação do país.

Para relacionar a atuação da Brasil Paralelo como máquina de propaganda ideológica pró políticas ultraliberaes da extrema direita, será analisado o documentário

⁸³ Valerim destaca o valor do documentário a partir de 1min 38seg de fala, logo no início do vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EU5sAWPKgMc>, acesso em: 31 dez. 2022.

Cortina de fumaça (2021) e sua finalidade de produzir mitos coloniais endereçados a uma audiência conservadora de direita a fim de conquistar seu apoio para as políticas exploratórias e etnocêntricas de governo Bolsonaro. Essas narrativas apelam para a comoção da audiência ao distorcer a realidade e alterar o contexto dos fatos, cumprindo um papel importante ao corroborar com ataques a alvos políticos da extrema direita como os povos indígenas, as ONGs ambientais, a academia e governos internacionais.

3.3 *Pátria educadora* e a representação do imaginário da extrema direita brasileira

Uma das produções de maior repercussão da Brasil Paralelo é a série documental *Pátria educadora*, lançada em 2020, no dia 31 de março, aniversário do golpe militar, data aliás que a empresa costuma lançar suas produções. Dirigida e roteirizada pelos sócios Felipe Valerim e Lucas Ferrugem, com o custo de R\$ 2 milhões⁸⁴ e cerca de três horas e meia de duração no total, a trilogia está acessível sem custo no YouTube e os assinantes da Brasil Paralelo ainda são contemplados com 40 minutos extras em sua plataforma. O título é uma ironia em relação ao slogan do segundo governo da ex-presidente Dilma Rousseff. Pela logomarca da série podemos perceber uma mensagem explícita e significativa para a construção do imaginário da nova direita ultraliberal, onde a palavra “Pátria” está representada por uma pedra, forte e sólida, enquanto a palavra “Educadora” é escrita como se fosse uma pichação, representando uma subversão, a “balbúrdia”.

A “trilogia” “é considerada pelos sócios-fundadores como uma das mais importantes produções da empresa por se dedicar ao tema da educação no Brasil e buscar na história das ideias as origens para o atual sistema educacional brasileiro. São três capítulos separados pelos seguintes assuntos: o capítulo 1, intitulado “O fim da história” (1h02min.), é anunciado como um “compilado de milhares de anos sobre a origem das nossas ideias” sobre a educação; o capítulo 2 “Pelas barbas do profeta” (1h20min.) é uma discussão que articula a história das ideias no mundo à história da educação no Brasil, com ênfase na crítica a Paulo Freire e o capítulo 3, “Guerra contra a inteligência” (2h04min), que é classificada pela empresa como o capítulo principal

⁸⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/trilogia-sobre-educacao-mostra-nova-trincheira-do-bolsonarismo-contra-esquerda.shtml> Acesso em: 10 ago. 2022.

da trilogia. Neste episódio, os especialistas discutem a “incapacidade” do sistema público de ensino (educação básica e ensino superior) em oferecer uma educação de qualidade (a crítica é direcionada ao modelo moderno de ensino), indicando que o motivo do baixo desempenho educacional, é, na verdade, um desdobramento de um projeto moderno combinado com a “hegemonia cultural da esquerda” (FIRMINO, 2020, p. 180).

Em crítica escrita para a *Folha de S. Paulo*, Zanini (2020)⁸⁵ diz que *Pátria educadora* traz boas perguntas, mas é simplificadora nas respostas que dá ao atrelar todos os problemas no sistema educacional brasileiro a esquerda que “aparelhou as universidades, menospreza o ensino de exatas, incentiva o desrespeito aos professores e promove a balbúrdia em festas com sexo, álcool e drogas” (ZANINI, 2020).

A trilogia foi divulgada como “a maior denúncia já feita sobre a educação brasileira”⁸⁶ e critica o movimento racional que passa predominar nas instituições, em especial nas escolas, a partir do século XVI, onde a ciência e o pensamento crítico conquistaram mais autoridade que o pensamento religioso.

Com um olhar enviesado, as produções da Brasil Paralelo constroem seus discursos recortando dos fatos e da história o que querem mostrar e ocultando tudo o que pode confrontar ou contradizer a tese defendida. Em *Pátria educadora* (2020), por exemplo, a esquerda e em especial a figura de Paulo Freire são descritos como a fonte de todos os males do ensino no Brasil, responsáveis pelo suposto atraso no nosso método de alfabetização e por transformar as escolas e universidades em ambientes anárquicos. Ao mesmo tempo são completamente ignorados na trilogia as constantes críticas, polêmicas e acusações de desmonte das universidades em gestões de ministros do governo Bolsonaro na época em que a série foi lançada, como Ricardo Vélez Rodríguez e do Abraham Weintraub, que não por acaso é um dos entrevistados da trilogia.

A produção acusa a Capes de doutrinação e perseguição ideológica, impedindo que as ideias de direita sejam discutidas na academia. O viés fica evidente pela escolha dos entrevistados. Todos os depoimentos e opiniões exibidos em *Pátria*

⁸⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/trilogia-sobre-educacao-mostra-nova-trincheira-do-bolsonarismo-contra-esquerda.shtml> Acesso em: 07 mar. 2023

⁸⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EU5sAWPKgMc> A partir de 1'28". Acesso em: 03 ago. 2022.

educadora são de pessoas que estão à direita no espectro ideológico político e próximas ao olavismo, como o próprio Olavo de Carvalho e Abraham Weintraub (ex-aluno do filósofo e que na época do lançamento do filme era o Ministro da Educação do governo Bolsonaro). Todos entrevistados compartilham a mesma visão propagada por Olavo de que a esquerda aparelhou as universidades com ideias oriundas do marxismo cultural, incentivando as discussões sobre gênero, sexualidade, racismo e xenofobia que passaram a atuar contra os valores da família, da ordem e da pátria. Na tentativa de alimentar o pânico moral entre conservadores e “alertar” as famílias dos riscos que seus filhos correm nas escolas, a série afirma que o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) “permitiu que sexo fosse aprendido na escola”.

A narrativa da trilogia⁸⁷ nos ajuda a compreender que o imaginário da nova direita ultraliberal é construído por um viés que exalta a tradição e a religiosidade enquanto recrimina o Iluminismo e a educação moderna, responsabilizando-os pela degradação moral e econômica da sociedade. A série conclui que o Iluminismo francês proibiu as escolas religiosas e a Tradição passou a “ser condenada como uma coisa ruim, vista como inimiga da vontade popular e do bem comum”⁸⁸.

A narração em *off*, com a voz do sócio e diretor da série Felipe Valerim, afirma que a época que ganhou o nome de humanismo estimulou uma diminuição gradual do foco em Deus e colocou em cheque o universo proposto pelo filósofo Aristóteles onde tudo era ordenado e cada coisa tinha o seu lugar. Dessa forma, “o homem passou a se sentir protagonista de uma trama que buscava decodificar o mundo e a vida”. Segundo a série, esse movimento permitiu que se questionasse o papel dos reis, dos padres, da religião e da sociedade.

“O apogeu dessa transformação cultural teria sido em 1789, quando os questionamentos fundaram o Iluminismo francês e culminaram na Revolução Francesa”⁸⁹. Dessa forma, a produção da Brasil Paralelo sugere que, assim como na visão Tradicionalista e de Olavo de Carvalho, ao se questionar a autoridade espiritual a humanidade passou a se direcionar rumo a degradação, ao período “sombrio” da modernidade.

⁸⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EU5sAWPKgMc> Acesso em: 31 jul. 2022.

⁸⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yJunMvIFtxI> A partir de 5’55”. Acesso em: 31 jul. 2022.

⁸⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EU5sAWPKgMc> A partir de 27’45”. Acessado em: 05 ago. 2022.

Em depoimento para o filme, Francisco Solano Portela, professor de educação cristã, entende a Revolução Francesa como “uma espécie de abuso da liberdade” e afirma que seu “legado intelectual nos leva a uma visão equivocada do que é governo, autoritarismo e tudo mais. Muitos bebem da Revolução Francesa como se fosse um poço de lucidez, quando na verdade ela representa uma cisterna de obscuridade”⁹⁰.

Pelo ponto de vista do filme, no passado a “vida intelectual buscava a verdade e essa verdade eram as escrituras sagradas” enquanto a modernidade relativiza o conhecimento e os sentidos. As descobertas nas ciências naturais levaram diversos pensadores a questionarem se o mundo que eles conheciam era mesmo como enxergavam. Esse processo resultou no aumento do relativismo e a diminuição da crença em verdades absolutas.

A leitura que *Pátria educadora* faz do Iluminismo é de que entre o relativismo de Kant, que “defende não ter o conhecimento de nada, a não ser das aparências” e o idealismo de Hegel, que “acredita conhecer tudo e por isso já saber como a história vai terminar”, ficamos entre duas formas de conhecer o mundo. “De um lado delegamos a verdade para as mãos da classe científica e aceitamos sua suposta maioria e de outro aceitamos que estamos vivendo rumo ao fim da história”⁹¹.

Olavo de Carvalho é um dos entrevistados de maior destaque da produção e afirma que na modernidade “a classe científica se torna o novo clero, que é a detentora absoluta dos critérios do que é verdadeiro”⁹². O roteiro de *Pátria educadora* e a opinião de todos os seus entrevistados deixam claro o incômodo com a autoridade conquistada pela ciência na modernidade. A série explica que com a revolução industrial a educação obrigatória se tornou massificada para atender um número cada vez maior de pessoas e transformá-las em trabalhadores. Valerim (2020), em *off*, afirma que a busca pela verdade saía de cena e dava espaço para beneficiar a produção econômica:

Observando essa mudança, educadores desenvolveram a pedagogia nova, pautada pela filosofia pragmática, que defendia não ser capaz de conhecer a verdade e, portanto, devia adequar a verdade aos seus objetivos (*Pátria educadora*, EP 01)⁹³.

⁹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EU5sAWPKgMc> A partir de 31'34". Acesso em 05 ago. 2022.

⁹¹ Idem 17. A partir de 37'30"

⁹² Idem 17. A partir de 35'43"

⁹³ Idem 16. A partir de 6'45"

Mais uma vez é possível conectar essa ideia com o imaginário Tradicionalista, já que na visão da série os períodos como o Iluminismo e a Revolução Industrial representaram o distanciamento da “verdade” espiritual e por isso são considerados inferiores por sua natureza mais materialista.

A trilogia explica que o pragmatismo foi importado para o Brasil por Anísio Teixeira e os adeptos da Escola Nova, que disputavam com as correntes católicas e comunistas o controle da educação brasileira.

A partir dos conceitos propagados pela filosofia de Hegel, cada vez mais surgem novas teorias sobre o papel do Estado e das relações sociais. No século XX, essas ideologias revolucionárias irão disputar o mapa do planeta Terra, enxergando o sistema educacional como mais uma ferramenta de combate político. Na Revolução Cultural Chinesa, a escola ganhou protagonismo no combate ideológico. (*Pátria educadora*, EP 01)⁹⁴

Pátria educadora propõe que o ano de 1968 foi um marco para a história da educação marxista, com a noite das Barricadas, que reuniu mais de 20 mil pessoas nas ruas de Paris numa onda de protestos organizados por estudantes que denunciavam o capitalismo e, inspirados pela revolução cultural chinesa, reivindicavam reformas nas universidades. A narração de Valerim na série descreve a revolução cultural chinesa como um movimento onde o governo “usou massas de jovens contra os adversários do regime”⁹⁵. A série aponta que foram esses eventos – a Revolução Chinesa e os protestos de maio de 68 em Paris – que disseminaram uma ideia de que a verdadeira estrutura da sociedade não eram os modos de produção, mas a cultura. E foi por isso que a cultura passou a ser disputada pelos socialistas como uma nova linha de frente do movimento de esquerda. A partir desse raciocínio, *Pátria educadora* conclui que essa é a razão pela qual até hoje os pensadores envolvidos direta ou indiretamente em maio de 1968 (como Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Jacques Derrida) são autores prestigiados na academia e por isso tiveram suas bibliografias absorvidas pelas nossas instituições de ensino, liderando a produção intelectual das universidades brasileiras com suas ideias sobre a sociedade moderna que, para a nova direita ultraliberal precisam ser recriminadas moralmente e espiritualmente. O *off* de Valerim diz que “a linguagem academicista e romantizada esconde o vazio e a promiscuidade do financiamento estatal. Uma vasta quantidade

⁹⁴ Idem 16. A partir de 7'20”

⁹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EU5sAWPKgMc> A partir de 27'. Acesso em 31 jul. 2022.

de trabalhos acadêmicos vai desde categorias pornográficas até a relativização da pedofilia”.⁹⁶

São essas ideias modernas e “promíscuas” que a extrema direita brasileira entende que precisa combater na guerra cultural convocada por Olavo de Carvalho contra o comunismo e o marxismo cultural. Para Olavo, o marxismo é uma perigosa e eficaz ideologia capaz de influenciar a realidade política de uma sociedade pois trata-se de um discurso que sofre mutações para se “adaptar e atender seus propósitos de dominação totalitária e imperial.” Segundo Olavo, a estratégia comunista teria sido dominar o campo da cultura por meio do que ele entende como “marxismo cultural”, que é responsável por introduzir ideologias com inclinações puramente destrutivas na sociedade, deixando-a mais frágil perante a uma elite global tirana e ávida pelo poder. Para combater esse projeto de dominação marxista, Olavo sugere que é preciso resgatar uma cultura e os valores tradicionais, combatendo o relativismo moral e posicionando uma elite patriótica no poder (HUSNNE, 2018).

Em sua teoria, Olavo defende a ideia de que nos anos 1940 e 1950, o Partido Comunista iniciou um processo de ocupação dos espaços institucionais e foi o golpe de 1964 que impediu que os comunistas assumissem o poder no Brasil. Como já vimos, essa teoria que contradiz a historiografia brasileira é a mesma defendida em *1964 – O Brasil entre armas e livros*, um dos filmes de maior sucesso da Brasil Paralelo.

Na trilogia *Pátria educadora* (2020) essa teoria também ganha destaque. Percival Puggina, que no Twitter se identifica como “conservador, católico e autor de quatro livros sobre política”, defende a ideia de que a ditadura militar foi um período de infiltração do comunismo, onde efetivamente começou a tomada do espaço acadêmico brasileiro por intelectuais de esquerda, especialmente nas universidades federais. Ele acusa figuras que foram exiladas, como Fernando Henrique Cardoso, de serem intelectuais que “foram fazer cursos na Europa” e, inspirados pelo maio de 1968 em Paris, voltavam para ocupar cargos por aqui⁹⁷. O roteiro da série afirma que com o desgaste das forças armadas, a esquerda universitária assumiu um protagonismo que até então não conheciam⁹⁸.

⁹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yJunMvIFtxI> A partir de 28’08”. Acesso em: 31 jul. 2022.

⁹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UPDjFGGN2w0&t=928s> a partir de 57’09”. Acesso em: 31 jul. 2022.

⁹⁸ Idem 31. A partir de 53’10”

Ricardo da Costa, historiador e assessor especial do MEC durante o governo Bolsonaro em 2019, também é um dos entrevistados do filme e afirma que ao longo do regime militar as estruturas educacionais foram sendo aparelhadas, já que não havia concursos públicos e os professores eram convidados para as universidades. Costa se coloca como testemunha ocular da doutrinação nas universidades: “Eu já tive professores da Santa Úrsula em 1981 que faziam uma doutrinação bibliográfica, por exemplo, eu fui doutrinado na universidade a não ler de modo algum Gilberto Freyre, porque ele havia defendido a ditadura”⁹⁹.

Outro ponto que a trilogia vai levantar para colocar em cheque o sistema educacional e, em especial as universidades, é o controle da educação pelos governos na modernidade:

Com a educação delegada as escolas e as escolas delegadas ao governo, os objetivos educacionais estavam sofrendo uma transformação. As universidades estavam cada vez mais nas mãos do Estado. O progresso e o desenvolvimento da ciência moderna ganharam espaço. A modernidade tinha inaugurado a relativização do conhecimento e dos sentidos (VOICE OVER *Pátria educadora*)¹⁰⁰.

A série defende a ideia de que a Revolução Cultural Chinesa inspirou os intelectuais de esquerda a investir em uma estratégia que transformasse a sociedade por meio do sistema educativo. Para Gustavo Maultasch, a revolução cultural chinesa representa o típico pensamento totalitário já que quer “reconstruir a sociedade em sua totalidade”¹⁰¹. O roteiro de *Pátria educadora* afirma que essas intenções da revolução cultural chinesa estavam expressas na pedagogia de Paulo Freire, em especial em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1968), que buscava “transformar as escolas em ambientes de consciência revolucionária”¹⁰².

Entendendo Paulo Freire como o principal mentor de uma suposta tentativa de reproduzir a revolução cultural brasileira aos moldes da revolução cultural chinesa, todos os entrevistados da série criticam e alertam para o perigo da “politização das salas de aula” e da “doutrinação de esquerda” nas universidades. Fernando Conrado, cientista político, afirma que, em sua visão, os programas de pós-graduação das universidades funcionam como uma grande manutenção dos partidos da esquerda.

⁹⁹ Idem. A partir de 53'30

¹⁰⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EU5sAWPKgMc> A partir de 32'45”

¹⁰¹ Idem 28. A partir de 45'15”

¹⁰² Idem 28. A partir 48'54

“Porque eles estão estudando, nunca se formam, recebem bolsas, investimento maciço neste setor, e estão formando professores que fazem a continuidade deste pensamento.”¹⁰³

Denunciando a hegemonia da esquerda na academia como parte de uma estratégia gramsciana, Olavo propõe o desafio de mostrar teses universitárias anticomunistas aprovadas em qualquer universidade brasileira nos últimos cinquenta ou sessenta anos. Ele é categórico ao dizer que “não existe”. “O anticomunismo é proibido. Portanto, você é anticomunista, você já está excluído dos bem-pensantes, que representam a alta cultura, o pensamento normal, equilibrado. E o que está fora? Aí é ideológico”¹⁰⁴.

Ao longo da série o discurso anti-escola vai escalonando, ao ponto de Liona Becskeházy, ex-secretária de Educação Básica do MEC no governo Bolsonaro, afirmar que “abrir escola é algo altamente populista”. Em seu raciocínio abrir vários campi não é a solução, já que isso só garante a contratação de “não sei quantos mil professores” em cargos vitalícios e sem nenhuma cobrança de qualidade. Para criticar o Partido dos Trabalhadores, Becskeházy conclui, afirmando se tratar de um “dado”, que “um governo que tem como uma das principais bases políticas o sindicato docente, nunca vai optar pela política de qualidade”¹⁰⁵. Mas Becskeházy não apresenta nenhuma fonte dessa informação como garantia de que de fato se trata de um dado científico, ou seja, é uma informação baseada em sua própria crença liberal de que só o setor privado pode garantir a qualidade do ensino. Vale lembrar que Becskeházy foi diretora da Fundação Lemann, que a colocou à frente como especialista em educação. Em outro depoimento para a série, Becskeházy diz que o Brasil nunca teve a preocupação em educar as bases e que a prioridade do orçamento brasileiro acaba sendo as universidades¹⁰⁶. E, segundo a lógica de *Pátria educadora*, aí está um dos principais erros do sistema educacional do país.

Em um de seus depoimentos, Olavo vai dizer que a produção científica brasileira, internacionalmente, não existe e que ninguém “lê essa merda”. Para ele, o

¹⁰³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yJunMvIFtxI> A partir de 30'30". Acesso em: 31 jul. 2022.

¹⁰⁴ Idem 34. A partir de 44'30"

¹⁰⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yJunMvIFtxI> A partir de 33'52". Acesso em: 31 jul. 2022.

¹⁰⁶ Idem 34. A partir de 19'15"

prejuízo que as universidades dão ao Brasil é muito maior do que a corrupção. “Você pega todos os roubos de dinheiro público, a universidade é pior”.¹⁰⁷

Para Flavio Morgenstern (2020), o problema é que tudo aquilo que um político enxerga como algo que a massa precise seguir, obedecer, a massa vai seguir e obedecer, porque ela troca a “sua autoridade ultrapassada, reacionária, como, por exemplo, a sua família, a sua religião, assim por diante, e entrega de mão beijada a um professor”¹⁰⁸. Miguel Nagib, advogado, autor do movimento Escola sem Partido e outro entrevistado da trilogia, diz que é importante lembrar de que a primeira vítima da doutrinação é o professor. “Ele é que vai passar este legado para os seus alunos. E este professor, muitas vezes, conscientemente ou não, está trabalhando para um determinado partido político, para uma determinada corrente política”.¹⁰⁹ Rafael Nogueira, ex-presidente da Fundação Biblioteca Nacional no governo Bolsonaro e professor conhecido em canais de YouTube da direita bolsonarista e contrário ao republicanismo brasileiro que derrubou a monarquia em 1889, responsabiliza a suposta prioridade por uma visão crítica e politizada por parte dos professores pelos maus índices de alfabetização e de conhecimento de ciências e matemática¹¹⁰. Fica evidente que um dos objetivos de *Pátria educadora* é descredibilizar o sistema educacional brasileiro e em especial as universidades públicas, afirmando em diferentes momentos que o país não produz pesquisas e estudos de “qualidade”.

Olavo afirma que “a burrice brasileira é uma coisa que nunca aconteceu no mundo”. Para Carvalho “o problema do Brasil não é comunismo, esquerdismo” e sim “esta degradação intelectual, espiritual, humana, horrível”¹¹¹. Olavo diz que:

não se pode educar uma pessoa com base em textos científicos, não é possível isso, porque texto científico, por definição, tem correspondência biunívoca entre signo, significado e referência e se você aprendeu a ler lendo livros científicos, você vai ser analfabeto funcional para sempre¹¹².

Em *Pátria educadora* as universidades e os professores são entendidos como autoritários, que excluem tudo aquilo que sua ideologia esquerdista não concorda.

¹⁰⁷ Idem 34. A partir de 27’55”

¹⁰⁸ Idem 34. A partir de 44”

¹⁰⁹ Idem 34. A partir de 1h01’55”

¹¹⁰ Idem 34. A Partir de 1h03’27”

¹¹¹ Idem 34. A partir de 1h04’10”

¹¹² Idem 34. A partir de 1h25’50”

Dessa forma, as universidades se tornaram espaços de formação para militantes de esquerda.

Com o discurso de que está fazendo uma “revolução cultural no país ao resgatar os bons valores da família”, a Brasil Paralelo se tornou um dos canais mais relevantes desse ecossistema midiático e uma ferramenta poderosa na propagação de ideias e discursos que alimentam o caos cognitivo com um conteúdo direcionado a atacar alvos políticos da extrema direita. Não por acaso, em *Pátria educadora*, Paulo Freire, entendido como um dos principais responsáveis pela doutrinação de esquerda nas escolas e a degradação do ensino no país, é a pauta de quase todo episódio 02 da série, sendo frequentemente associado ao Partido dos Trabalhadores e a figuras políticas da esquerda.

Em *Pátria educadora* essa visão ultraliberal que demoniza o Estado e a educação pública e posiciona a família como a verdadeira instituição disciplinar e de autoridade para os indivíduos é muito bem representada pelos depoimentos de Luiz Philipe de Orleans e Bragança, herdeiro da família real e cientista político, e de Abraham Weintraub.

Orleans e Bragança diz:

O Estado educando o meu filho, eu não quero mais isso. Não quero doutrinas de Estado ou orientações de Estado, não quero. Quero ele livre, quero ele um pensador livre. E o Estado falha tremendamente nessa entrega. Não é do interesse do Estado um pensador livre.¹¹³

Já Weintraub afirma que “quem educa é a família” e que o papel da escola se limitaria a ensinar a ler e a escrever; “você ensina a escrever, ensina a fazer contas, ensina química, ensina física”.¹¹⁴

Francisco Solano Portela acusa o Estado de “avançar limites” ao querer “planejar os passos do cidadão” por meio de um programa “centralizador” de ensino. A preocupação de Portela é de que, por ordem de um governo, ideias progressistas interfiram na educação cristã: “o que é que resguarda uma instituição particular ou instituição que tem um viés cristão de ensino de que, nessas coisas que são

¹¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yJunMvIFtxl> A partir de 1h12'29". Acesso em 27 jul. 2022.

¹¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yJunMvIFtxl> A partir de 1h13'15". Acesso em: 31 jul. 2022.

demandadas que você ensine, existam coisas que são contra os princípios que você abraça? Então, é o Estado avançando os limites.”¹¹⁵

Rafael Nogueira traz uma narrativa dramática que posiciona a escola como um lugar perigoso e que pode destruir famílias. Nogueira diz que mães chegam até ele com os “olhos marejados” dizendo que perderam suas filhas para “o partido, para esses movimentos que estão acontecendo aí. Movimentos ligados a partidos políticos que estão transformados em grêmios estudantis e coisas assim”¹¹⁶.

Em *Pátria educadora* diferentes entrevistados criticam professores que ensinam sobre o conceito de “luta de classes” e recriminam discursos anti capitalista na escola. A série afirma que a pedagogia crítica tem o objetivo de convencer os alunos que eles precisam se tornar agentes transformadores da sociedade. Dessa forma, os alunos passariam a acreditar que o professor seria o libertador que removeria o “hospedeiro burguês” das crianças, dando-os consciência.

Gustavo Maultasch entende que a esquerda, inspirada nas ideias de Paulo Freire, fez dessa ideologia uma proposta pedagógica para se colocarem como o bom senso no debate, posicionando todo o resto como “a malvadez neoliberal e exploração do capitalismo que mata pessoas”¹¹⁷. Maultasch diz que “as pessoas tendem a achar que Paulo Freire é uma pessoa generosa e que se importa com os alunos, mas quando se analisa sua obra percebe-se que ele não fala de uma conscientização qualquer”, mas de uma conscientização e autonomia do “pensar certo”, que seria uma filosofia anticapitalista, antiliberal e a favor da consciência revolucionária. Ele critica Paulo Freire por descrever o capitalismo como uma ordem de opressão e violência e diz que isso legitima a violência contra o capitalista como legítima defesa.¹¹⁸

Percival Puggina chama a *Pedagogia do Oprimido* de Manual do Guerrilheiro Educador, que em sua visão se trata do mesmo discurso de Mariguella¹¹⁹.

Thomas Giulliano, autor do livro *Desconstruindo Paulo Freire*, considera Paulo Freire um “neomarxista à brasileira” e o acusa de aplicar uma leitura de um marxismo “um tanto quanto vulgar”. “Ele vai substituir o oprimido do processo do trabalho e irá

¹¹⁵ Idem 50. A partir de 1h09’40”

¹¹⁶ Idem 50. A partir de 58’

¹¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yJunMvIFtxI> A partir de 1h05’07”. Acesso em: 31 jul. 2022.

¹¹⁸ Idem 56. A partir de 35’47”

¹¹⁹ Idem 56. A partir de 37’35”

entender o aluno como aquele que está oprimido dentro do processo de alfabetização”¹²⁰

Rafael Nogueira diz que a técnica de Paulo Freire tem como objetivo colocar na cabeça das pessoas que elas estão sendo exploradas por um “chefe” e acusa Freire de praticar um “marxismo de baixo nível”¹²¹.

Para Flavio Mongenstern o significado de consciência de classe para Paulo Freire é que “se você é um proletário você não está fazendo a revolução porque você tem a ideologia capitalista. Assim que você conscientizar todo proletário a revolução será inevitável e vai todo mundo pegar a foice a sair degolando o patrão”¹²².

Na visão de Rafael Nogueira, Paulo Freire vende a ilusão de que basta você entender que alguém te explora e começar a vociferar isso em público para ser considerado uma pessoa inteligente. “E assim muitas pessoas se tornariam críticas sem ter entendido de fato a situação”¹²³.

Todos esses depoimentos deixam claro o objetivo de *Pátria educadora* de defender o modelo capitalista ultraliberal e demonizar Estado, universidades e professores, sugerindo, assim como o pensamento neoliberal e neoconservador (BROWN, 2021), que a família ocupe esse lugar de autoridade no ensino das crianças e jovens, contrapondo-se aos “excessos” democráticos e a autoridade do Estado Social, incluindo principalmente as instituições de ensino superior público (BROWN, 2021, p. 114).

A Brasil Paralelo se posiciona como uma importante ferramenta na guerra cultural olavista ao materializar em produções como *Pátria educadora* (2020) teorias conspiratórias e revisionismos históricos que formam o imaginário da extrema direita brasileira, fazendo com que esse grupo passe a acreditar que a diminuição do Estado na vida das pessoas e na formação dos estudantes seria a solução para problemas morais e econômicos do país.

3.4 Cortina de fumaça como propaganda para as políticas exploratórias da extrema direita

¹²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UPDjFGGN2w0&t=928s> A partir de 35'24". Acesso em: 31 jul. 2022.

¹²¹ Idem 56. A partir de 40'40"

¹²² Idem 56. A partir de 45'12"

¹²³ Idem 56. A partir de 45'05"

O documentário *Cortina de fumaça*¹²⁴, lançado em junho de 2021 e dirigido por Lucas Ferrugem, evidencia o alinhamento político e ideológico com *think tanks* ultraliberais e organizações do agronegócio ao buscar construir mitos coloniais endereçados a um público conservador de direita a fim de conquistar seu apoio para as políticas exploratórias e etnocêntricas do governo de extrema direita de Bolsonaro. Inclusive, na época de sua estreia, a página da FUNAI no site do governo federal fez propaganda de *Cortina de fumaça* e o recomendou como um documentário que destaca a “importância do desenvolvimento sustentável para a autonomia indígena”¹²⁵. Nas redes sociais, ministros, servidores e parlamentares governistas também divulgaram o lançamento do documentário. Eduardo Bolsonaro, deputado federal e filho de Jair Bolsonaro, já participou de outros filmes da produtora e divulgou o lançamento do documentário no Twitter: “Para descobrir como a mídia usa o setor ambiental e o ministro Ricardo Salles para atacar Jair Bolsonaro, veja ‘Cortina de Fumaça’, o novo documentário da Brasil Paralelo”¹²⁶.

A conflituosa relação entre o agronegócio e os povos indígenas e originários do Brasil ganhou um novo capítulo com a estreia de *Cortina de fumaça*.

A produção da Brasil Paralelo se utiliza da linguagem documental para comover e convencer a audiência, distorcendo a realidade, alterando o contexto dos fatos e cumprindo um papel importante ao corroborar com ataques a alvos políticos do governo federal como os povos indígenas, as ONGs ambientais, a academia e governos internacionais. O alto volume da audiência desses conteúdos comprova a relevância dessas narrativas na construção do imaginário da nova direita brasileira.

Ao analisar o documentário *Cortina de fumaça*, a partir da noção de discurso de Foucault e das contribuições de Bil Nichols para as classificações do gênero documental, podemos identificar as mensagens emitidas pelo documentário que buscam colaborar, como propaganda política disfarçada, com as ações do agronegócio contra os povos indígenas. Esta análise se propõe a refletir sobre as estratégias e/ou recursos em comunicação de que a Brasil Paralelo se utiliza para manipular o sentido da informação no intuito de validar a “verdade” que a obra quer

¹²⁴ O documentário ficou disponível gratuitamente no canal da Brasil Paralelo do YouTube por pelo menos um ano e depois se tornou um conteúdo exclusivo da plataforma BP. Mas uma versão completa do documentário está disponível no canal do YouTube da Jovem Pan.

¹²⁵ Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2021/documentario-destaca-importancia-do-desenvolvimento-sustentavel-para-a-autonomia-indigena> Acesso em: 26 jul. 2021.

¹²⁶ Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/611632-a-boiada-invade-a-tela> Acesso em: 02 ago. 2021.

transmitir, como imagens e afirmações fora de contexto, dados falsos e estatísticas truncadas que estimulam o apoio da sua audiência em relação à exploração do meio ambiente e das terras dos povos indígenas pelo agronegócio. A análise também pretende identificar e tornar clara a estratégia de comunicação política da Brasil Paralelo com o lançamento de *Cortina de fumaça*, que consiste em acusar o outro daquilo que o documentário está fazendo: criando uma cortina de fumaça para esconder os danos que os interesses do agronegócio causam ao meio ambiente e aos direitos dos povos indígenas.

A partir do título entendemos que a cortina de fumaça sugerida pelo documentário se refere a uma estratégia para encobrir uma verdade, impedindo-a de ser revelada ao chamar atenção para um outro fato. Mas ao analisarmos os aspectos narrativos da produção a questão colocada é: qual cortina de fumaça a Brasil Paralelo levanta com o filme e por quê?

A montagem de *Cortina de fumaça* não deixa espaços para dúvidas em relação ao que está sendo dito nos depoimentos. Há um excesso de certezas em suas mensagens e não há contrapontos nem questionamento na interlocução ou entre os entrevistados selecionados. Percebe-se uma seleção estratégica entre as personalidades entrevistadas, já que ao contrário de produções anteriores da Brasil Paralelo, em que se sucediam depoimentos exclusivamente de figuras da direita nacional, em sua maioria renomados olavistas e/ou bolsonaristas, dessa vez houve uma preocupação maior com uma suposta variedade de fontes para sugerir uma imparcialidade ao filme. São ex-autoridades como Alysson Paulinelli (ex-ministro governo Ernesto Geisel), Xico Graziano (ex-ministro do governo Fernando Henrique Cardoso), Roberto Rodrigues (ex-ministro do governo Lula) e Aldo Rebelo (ex-ministro dos governos Lula e Dilma Rousseff) que, apesar de terem pertencido a governos distintos compartilham da mesma visão pró-agronegócio e concordam que há um exagero na preocupação ambiental. Todos assumem um discurso que tenta convencer a audiência de que para haver desenvolvimento é preciso explorar as florestas e terras indígenas, transformando a cultura dos povos originários e permitindo que a ordem do mercado se instale em suas comunidades.

Além disso, entre os entrevistados do documentário continuam prevalecendo as vozes de figuras proeminentes e apoiadores da extrema direita nacional como os jornalistas Augusto Nunes e Leandro Narloch; representantes de organizações ultraliberais; Christian Lohbauer, que já foi candidato a vice-presidente pelo Partido

Novo em 2018 e Diretor de Assuntos Corporativos da Bayer; Luana Ruiz, advogada da bancada ruralista; Edward Luz conhecido como antropólogo dos ruralistas; Dom Bertrand, descendente da família imperial brasileira e que defende que desde a monarquia o país preserva o meio ambiente; além de integrantes do governo Bolsonaro, como Marcelo Xavier, ex-presidente da FUNAI; Eduardo Lunardelli Novaes, ex-secretário executivo adjunto do Ministério do Meio Ambiente e Robson Santos da Silva, ex-titular da Secretaria de Saúde Indígena que está sendo investigado pelo MPF por suposta omissão em relação à crise humanitária com os Yanomamis durante sua gestão¹²⁷ e Damares Alves, ex-ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, acusada de sequestrar e criar ilegalmente uma criança indígena¹²⁸.

Outro ponto importante a ser observado em termos de representação e representatividade é em que medida o documentário supostamente dá voz aos povos indígenas, quando na verdade o filme entrevista exclusivamente indígenas que já têm parceria com o agronegócio. A escolha pelos paresi¹²⁹, por exemplo, se mostra estratégica já que essa etnia, diferente da maioria das comunidades indígenas, possui uma relação próxima com o governo Bolsonaro e a bancada ruralista no Congresso. Por terem criado uma cooperativa para cultivo de soja com apoio de ruralistas no Mato Grosso – a Copihanama – os paresi foram apresentados pelo governo Bolsonaro como exemplo de um novo modelo para a questão indígena. No entanto, em 2018 os paresis foram multados em 130 milhões de reais por desmatarem ilegalmente 16 mil hectares¹³⁰.

O antropólogo Edward Luz, um dos entrevistados em *Cortina de Fumaça* (2021), se coloca favorável a uma colonização cultural e econômica em relação aos povos indígenas contemporâneos. Ele usa os índios paresi como exemplo para resumir sua ideia de que a verdadeira independência dos grupos indígenas só acontece quando essas comunidades adotam alguma atividade econômica para “se libertar das garras das organizações não governamentais”.¹³¹

¹²⁷ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2023/01/ninguem-fica-em-paz-com-isso-diz-ex-secretario-de-bolsonaro-sobre-yanomamis.shtml> Acesso em: 04 mar. 2023.

¹²⁸ Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/direitos-humanos/damares-e-acusada-de-sequestrar-e-criar-ilegalmente-crianca-indigena/> Acessado em 15 mar. 2023.

¹²⁹ Os parecis ou paresí (autodenominados Halíti ou Arití) são um grupo indígena que habita as Áreas Indígenas Capitão Marcos/Uirapuru, Estação Parecis, Estivadinho, Figueiras, Juininha, Rio Formoso, Umutina, Utiariti e Reserva Indígena Parecí, no oeste do estado de Mato Grosso, no Brasil.

¹³⁰ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-meio-ambiente-como-estorvo/> Acesso em 10 mar. 2023.

¹³¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eF4y7KS5Bkw&t=5s>. Acesso em 23 jul. 2023.

Não se pode ignorar os erros e omissões sensíveis da produção ao abordar de formas simplistas e unilaterais temas complexos como os direitos dos povos originários. Por exemplo, a maioria das instituições indígenas questiona o modelo de produção adotado pelos paresi. Organizações como a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), o Conselho Indígena Missionário (Cimi), a Associação Terra Indígena do Xingu (Atix) e o Instituto Raoni divulgaram notas de repúdio à associação dos paresi com representantes políticos ligados ao agronegócio, se posicionando contra as propostas que autorizariam a exploração agropecuária e minerária em territórios indígenas.

Cortina de fumaça (2021) aplica em relação aos paresi uma lógica liberal da representação que Donna Haraway (2016) chama de ventriloquismo. No documentário, os índios paresi são retirados de uma entidade coletiva (povos originários) e restabelecidos em outra (agricultores), onde são reconstituídos como objetos de uma espécie especial (produtivos e mais desenvolvidos que os outros), como base de uma prática representacional que autoriza para sempre o ventríloquo, aqui atuando pelos interesses do agronegócio e conseqüentemente do governo de extrema direita de Bolsonaro. Segundo Haraway (2016), nesses casos o representado é reduzido à condição de destinatário permanente da ação, sem jamais poder ser coator em uma prática articulada com outros parceiros sociais distintos, mas vinculados (HARAWAY, 2016).

Ao analisar a narrativa do documentário é possível observar um exemplo da construção de um discurso mítico com a presença dos depoimentos dos índios paresi, com objetivos e visões pró-agronegócio, para validar o discurso exploratório e fabricar um sentido social deformado, transmitindo uma mensagem harmônica para uma relação que na verdade se torna cada vez mais conflituosa e violenta entre indígenas e ruralistas. Para a antropóloga Luísa Molina¹³², os ruralistas e defensores desse discurso se utilizam do “desconhecimento” da população em geral para vender essa ideia de que eles estão fazendo algo que os indígenas querem. Molina alerta que “o genocídio vem sempre acompanhado de uma retórica bondosa, humanista”.

O mito como discurso mobilizador foi analisado em sua dimensão política por Georges Sorel, um dos responsáveis por entender a dimensão irracional das disputas sociais. Para ele, a força do mito não finca suas raízes no sistema racional, mas nas

¹³² Disponível em: <https://apublica.org/2021/07/a-boiada-invade-a-tela/> Acesso em: 30 jul. 2021.

emoções que desperta. Ao apelar para a comoção da audiência as produções da Brasil Paralelo cumprem um papel importante ao definir alvos a serem atacados pelo seu público – em *Cortina de Fumaça* são os índios, as ONGs ambientais, a academia (em especial a antropologia) e governos internacionais – e contribuem para influenciar a opinião pública em favor dos objetivos políticos da extrema direita, como por exemplo, a exploração de terras indígenas pelo agronegócio. A estreia de *Cortina de fumaça*, em junho de 2021, em meio as tentativas da base do então governo Bolsonaro de aprovar o Projeto de Lei 490/ 2007, que altera a legislação da demarcação de terras indígenas, torna ainda mais evidente o alinhamento da curadoria da Brasil Paralelo com os interesses do governo de extrema direita.

Por isso, considerar a Brasil Paralelo como produtora de mitos evidencia não apenas os mecanismos de sua atuação, mas também a função que ela cumpre no arco maior de forças que são reunidas em favor da guerra cultural da extrema direita brasileira.

As tentativas do filme em deslegitimar os direitos dos povos indígenas e desumanizá-los guardam paralelos com o discurso que a extrema direita internacional aplica em relação aos imigrantes. Isabela Kalil (2018) diz que existe uma equivalência entre a estrutura narrativa do discurso de ódio contra imigrantes da *alt right* americana e europeia com a perseguição aos indígenas. Como se os índios no Brasil ocupassem espaços que impedem o país de produzir no local e se desenvolver. Internacionalmente o imigrante é o inimigo, no Brasil a população indígena é a inimiga (KALIL, 2018).

A narrativa construída pelo documentário conduz a audiência, por meio de falas negacionistas, etnocêntricas e acusações infundadas, a uma lógica de pensamento colonial e pró-agronegócio disfarçado de desenvolvimentista.

Em uma entrevista para o site Boletim da Liberdade¹³³, Lucas Ferrugem, um dos sócios da Brasil Paralelo, deixa claro que *Cortina de fumaça* tem o objetivo de passar a mensagem de que “o meio ambiente brasileiro não está em risco e o país pode ser peça fundamental na paz do mundo ao ser uma potência que garante a produção de alimentos” (FERRUGEM, 2021).

É de conhecimento mundial que o meio ambiente e consequentemente os povos originários que habitam as florestas brasileiras sofrem ataques frequentes, e

¹³³ Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2021/06/13/o-meio-ambiente-brasileiro-nao-esta-em-risco-defende-brasil-paralelo-em-novo-filme/> Acesso em: 26 jul. 2021.

em especial durante o governo Bolsonaro – vide a tragédia humanitária que se instalou sobre os povos Yanomami e Ye'kuana, que veio à tona neste janeiro de 2023¹³⁴. Em 2019, durante um discurso na Assembleia Geral da ONU, o presidente Bolsonaro afirmou que “algumas pessoas, de dentro e de fora do Brasil, apoiadas em ONGs, teimam em tratar e manter nossos índios como verdadeiros homens das cavernas”. Em outras ocasiões, disse que os indígenas são “pobres coitados” e que “nosso projeto para o índio é fazê-lo igual a nós”¹³⁵. Líderes indígenas dizem que, ao tratar de suas culturas, Bolsonaro expõe visões racistas e etnocêntricas, reforçando uma crença de que uma cultura é superior às demais¹³⁶.

Cortina de fumaça corrobora com essas visões racistas e se posiciona como uma apologia ao agronegócio brasileiro que logo aponta o inimigo: os defensores do meio ambiente, tidos como agentes de uma conspiração internacional para destruir o mercado que o Brasil conquistou no setor agropecuário. Uma das bandeiras do filme é a integração dos indígenas ao mercado produtivo, com o uso de suas terras para o plantio de soja, por exemplo. Para dramatizar a proposta e indicar outro inimigo, exhibe imagens de crianças indígenas supostamente enterradas vivas, enquanto Damares Alves afirma que algumas tribos praticam o infanticídio no caso de bebês de mães solteiras ou que nasceram com alguma deficiência.

A estrutura narrativa do documentário se divide em quatro eixos: 1) acusações às ONGs, à mídia e a governos internacionais de fazerem sensacionalismo midiático e alarmismo para manipular a sociedade em torno do tema da crise climática; 2) negacionismo em relação às queimadas e ao desmatamento na Amazônia; 3) apoio incondicional ao agronegócio como ferramenta para desenvolvimento do país e também como solução para tribos indígenas se tornarem “independentes”; 4) acusação à academia de, por meio da antropologia, estimular uma luta de classes com bases étnicas que impede as populações indígenas, consideradas primitivas e acusadas de “práticas culturais nocivas”, de se desenvolverem.

Logo em sua primeira cena, *Cortina de fumaça* apela para o sensacionalismo ao se utilizar de uma situação polêmica com o intuito de chocar e revoltar a audiência

¹³⁴ Saiba mais em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/yanomami-tragedia-humanitaria-anunciada/> Acesso em: 07 mar. 2023.

¹³⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/24/cada-vez-mais-o-indio-e-um-ser-humano-igual-a-nos-diz-bolsonaro-em-transmissao-nas-redes-sociais.ghtml>. Acesso em: 26 jul. 2021.

¹³⁶ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/ofensivo-racista-e-paranoico-a-visao-de-lideres-indigenas-sobre-discurso-de-bolsonaro-na-onu/> Acesso em: 26 jul. 2021.

exibindo imagens de bombeiros desenterrando uma criança indígena ainda viva, com sonoras que ajudam a descrever o sentimento de espanto de quem estava no local. Em seguida, Damares Alves declara que “essas crianças são sacrificadas. Então a palavra não é infanticídio, é assassinato de crianças.”¹³⁷

A discussão sobre o infanticídio indígena é complexa, opondo em certa medida costumes tradicionais milenares e a defesa dos direitos humanos. Nas últimas décadas uma série de atores políticos como a bancada evangélica e a academia entraram no debate, especialmente depois que um grupo de deputados e senadores propôs, em 2015, a criação de uma lei para “criminalizar o infanticídio indígena”. Esse é mais um tópico que o filme aborda de forma unilateral e acusatória, inserindo casos muito específicos de forma descontextualizada e com a função de associar as imagens que remetam à crueldade e desumanidade aos povos indígenas em geral.

O roteiro do *voice-over* que conduz a narrativa do documentário de forma excessivamente didática limita as possibilidades para problematizações ou de uma leitura mais ampla dos complexos temas abordados, conduzindo o espectador para uma interpretação única, etnocêntrica e colonizadora dos pontos levantados pelo filme. Por exemplo, ao defender a ideia de Gilberto Freyre sobre a miscigenação como uma marca positiva da sociedade brasileira, o roteiro afirma que o país era “um exemplo da integração harmoniosa das raças, um modelo de convivência pacífica em um mundo marcado por guerras”. De acordo com o filme, o “problema” começou quando a antropologia de Gilberto Freyre foi deixada para trás na academia brasileira, dando espaço para um novo pensamento encabeçado por Florestan Fernandes. Esse pensamento teria estimulado a luta de classes com base étnica onde a antropologia deixa de ser um instrumento de conhecimento para ser um instrumento de poder, onde o objetivo é a conquista de território. A voz em *off* afirma que “o paradigma sociológico de Florestan Fernandes ao colocar as raças em pé de guerra umas com as outras quer transformar toda vida social em um grande estado de natureza, condenando indivíduos a uma existência precária como peças de um macabro zoológico humano.”¹³⁸

Para autores como Laurentino Gomes o mito da suposta democracia racial é uma fantasia desmentida pelos fatos cotidianos. Gomes acredita que por ser incapaz de enfrentar o legado da escravidão, o Brasil procurou disfarçá-lo construindo mitos a

¹³⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eF4y7KS5Bkw&t=5s> Acesso em: 23 mar. 2023.

¹³⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eF4y7KS5Bkw&t=5s>

respeito de seu povo e de sua história.¹³⁹ Além disso, esse mito da democracia racial já havia sido derrubado pela próprio Florestan Fernandes (2015) e por Fernando Henrique Cardoso (1978).

No entanto, são mitos como o criado por Freyre que o documentário busca reforçar ao dar voz a figuras como a advogada Samanta Pineda, ligada à Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) no Congresso, popularmente conhecida como bancada ruralista. Pineda critica a antropologia por se pautar na tese do indigenato, que consiste no fato de que os povos indígenas têm direito aos seus territórios tradicionalmente ocupados, conforme expresso no artigo 231 da Constituição brasileira, não podendo haver nenhuma limitação a esse direito, devendo o poder público federal demarcar e proteger todas as terras. Essa tese remonta ao período colonial, onde as leis que foram editadas respeitaram a posse dos povos originários como senhores naturais de suas terras. Em seu depoimento para o documentário, Pineda critica essa proteção aos territórios indígenas e alerta que essa ideia pode nos levar ao “risco de interpretar que todo o território nacional poderia ser considerado como terra indígena”. O pensamento de Pineda é mais uma amostra do viés colonizador e ultraliberal que predomina no filme, assim como outras passagens onde o roteiro do *voice-over* afirma que “A demarcação de terras indígenas é a estatização da propriedade privada” e “Onde há reservas indígenas, o progresso não passa”, enquanto são apresentados em termos de imagens, indígenas e seus costumes culturais dialogando com os índios representados nas gravuras e na pintura colonial. Dessa forma, o filme sugere que as populações indígenas vivem de forma precária e por isso precisam ser “salvas” pelo desenvolvimento econômico.¹⁴⁰

Bolsonaro compartilha da mesma preocupação de Pineda e por isso, durante seu governo, transferiu a Fundação Nacional do Índio (Funai) do Ministério da Justiça para o Ministério da Agricultura e retirou do órgão a atribuição de demarcar terras indígenas. E é exatamente a tentativa de associar o agronegócio como ferramenta para o desenvolvimento de terras indígenas em detrimento das leis ambientais que as protegem um dos principais objetivos de *Cortina de fumaça*. Há um consenso entre as personalidades entrevistadas no documentário de que as comunidades indígenas

¹³⁹ Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/entrevistas/laurentino-gomes-o-brasil-nao-enfrentou-nem-resolveu-o-legado-da-escravidao/?utm_campaign=novo_layout_newsletter_-_21072021&utm_medium=email&utm_source=RD+Station Acesso em 25 jul. 2021.

¹⁴⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eF4y7KS5Bkw&t=5s> Acesso em 25 mar. 2023.

precisam conquistar uma independência econômica dentro do modelo capitalista e a solução para isso seria a exploração de suas terras pelo agronegócio.

Bolsonaro também costuma dizer que os indígenas devem ser “integrados” à sociedade nacional”¹⁴¹. Não por coincidência é o mesmo discurso que foi adotado pelo governo durante a ditadura militar como é possível observar na declaração do Ministro do Interior Rangel Reis em 1976:

Vamos procurar cumprir as metas fixadas pelo presidente Geisel, para que, através de um trabalho concentrado entre vários ministérios, daqui a 10 anos possamos reduzir para 20 mil os 220 mil índios existentes no Brasil e, daqui a 30 anos, todos eles estarem devidamente integrados na sociedade nacional (REIS, 1976)¹⁴².

Esse desejo de integração transmitido em *Cortina de fumaça*, essa perspectiva de atribuição de características produtivas, ainda que sejam expostas sob o suposto viés da igualdade, claramente visam ao avanço sobre os direitos territoriais. A partir do momento em que os indígenas estiverem “aculturados” e não forem mais “considerados” índios, não terão mais os direitos plenos aos territórios que atualmente ocupam (BRIGHENTI, 2015).

Para compreender como essas falas contribuem para a violência contra os povos indígenas no Brasil contemporâneo é necessário partir de uma análise sistêmica e de longa duração, considerando que ela tem sua origem no processo de colonização e que incide fundamentalmente sobre a territorialidade dos povos, seja nas disputas por terra, seja no impedimento de manifestarem-se livremente a partir de seus pressupostos culturais. Uma das chaves para compreender essa questão é pensar a violência a partir da colonialidade do poder, conceito proposto pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano (2009), ao entender que mesmo com as independências das colônias o poder colonial se manteve. A violência se configura através do “epistemicídio”, ou seja, pela tentativa de eliminação das práticas e saberes indígenas. Na contemporaneidade, a violência é fundamentalmente institucional, seja na ação do Estado brasileiro reduzindo direitos como a não demarcação dos territórios e a implantação de obras desenvolvimentistas que afetam esses povos, seja na omissão, permitindo assassinatos e invasão das terras indígenas – que por sinal são fatos

¹⁴¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/24/cada-vez-mais-o-indio-e-um-ser-humano-igual-a-nos-diz-bolsonaro-em-transmissao-nas-redes-sociais.ghtml> Acesso em 25 jul. 2021.

¹⁴² Disponível em: <https://cimi.org.br/2020/07/os-brancos-que-nao-se-opoem-a-bolsonaro-e-ao-sistema-colonizador-sao-cumplices-do-genocidio/> Acesso em 24 jul. 21.

relevantes para o contexto desses temas que foram completamente ignorados em *Cortina de fumaça* (2021).

Esse conceito de colonialidade do poder nos ajuda a compreender como o projeto de colonização/dominação, iniciado no século XVI pelos países europeus se perpetua até os dias atuais, tendo como principal executor e mantenedor dessa colonialidade o poder estatal. Quijano (2009) faz uma distinção entre colonialismo e colonialidade. O colonialismo refere-se à situação de dominação política, econômica e territorial de uma determinada nação sobre outra de diferente território, a exemplo da colonização do Brasil por Portugal. Enquanto isso, a colonialidade do poder se funda na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo “como pedra angular daquele padrão de poder, e opera em cada um dos planos, âmbitos e dimensões, materiais e subjetivas, da existência cotidiana e da escala social.” (QUIJANO, 2009, p. 73 apud BRIGHENTI, 2015).

Essa colonialidade que se manifesta de diversas maneiras, e que opera a partir de estratégias de dominação epistêmica é a base argumentativa de *Cortina de fumaça*. Afinal, a imposição do conhecimento ocidental como única verdade e a negação e destruição dos saberes dos povos originários se constituiu em um dos mais poderosos mecanismos de dominação. Não permitir o controle total de suas terras, como o filme propõe, é uma das formas de impedir que as práticas de vida tradicional dos povos originários possam continuar, eliminando assim todas as formas de saberes e conhecimentos diferentes dos da sociedade eurocêntrica (BRIGHENTI, 2015).

Um dos objetivos percebidos no documentário é de criar, em detrimento da preservação dos direitos dos povos originários, um nível de tolerância em torno das dinâmicas exploratórias do agronegócio, baseadas no medo (os índios vão ocupar toda a nossa terra), ódio (as ONGs e governos internacionais nos enganam para explorar nossas riquezas) e revolta (a cultura indígena é primitiva e mata crianças). Não há no filme menção aos temas mais criticados da polêmica agenda ambiental no governo Bolsonaro na época de seu lançamento como o desmonte do Ibama ou sobre o aumento do número de assassinatos de lideranças indígenas em conflitos no campo¹⁴³.

Em compensação, há farta referência às ONGs ambientais como vilãs, apresentadas como grandes corporações que se preocupam apenas com seus

¹⁴³ Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/12/10/mortes-de-liderancas-indigenas-batem-recorde-em-2019-diz-pastoral-da-terra.ghtml> Acesso em: 31 jul. 2021.

esquemas de financiamento internacional ou em abocanhar parte do orçamento brasileiro.

Aldo Rebello é um dos entrevistados que questiona a idoneidade das ONGs e acredita que muitas querem transformar o meio ambiente em uma fonte de arrecadação de fundos e que esses grupos “vendem ao mundo uma ameaça sobre a Amazônia como se fossem vender a proteção”. O ex-ministro que, por ter sido ministro em governos do PT, teve o nome utilizado na estratégia de divulgação do filme para evocar uma certa imparcialidade mostra que o conservadorismo nas políticas ambientais no Brasil está longe de ser uma pauta exclusiva de direita. Na verdade, Aldo Rebello tem uma visão conspiratória muito similar a de Bolsonaro e a atual extrema direita ao afirmar que “alguns grupos estão utilizando índios para dividir o Brasil e não integrar, como se houvesse um país do Brasil e dos brasileiros e outro país antagonico que seria dos índios manipulado por interesses que não são os interesses do Brasil”¹⁴⁴.

Percebe-se uma inversão de valores por parte do filme ao criminalizar a atuação de grupos que lutam na verdade em favor da proteção ambiental e também ao entender que os colonizadores, hoje representados por empresários e ruralistas, são os donos das terras do Brasil, além de tentar responsabilizar os índios e sua cultura pelo atraso do país.

Além disso, o filme também assume uma posição negacionista em relação aos registros de desmatamento na Amazônia com depoimentos sem embasamentos científicos como o do jornalista e comentarista de direita Augusto Nunes que acusa a imprensa de alarmismo em relação ao tema e chega a se colocar como testemunha ocular de sua própria tese negacionista por ter sobrevoado a Amazônia e visto com os “próprios olhos” que não existe uma floresta sendo destruída, pelo contrário, “existe uma floresta sendo preservada”¹⁴⁵. Outros entrevistados como Roberto Rodrigues, ex-ministro da agricultura, afirmam que 66% das florestas brasileira estão preservadas como eram no “tempo de Adão e Eva”.

Essa linha lúdica defendida pelo filme de que o Brasil é o país que mais preserva o meio ambiente se afasta da racionalidade para se conectar de forma emocional com a audiência. Esse discurso se baseia em números do agrônomo Evaristo Eduardo de Miranda, ex-chefe da Embrapa Territorial, uma das unidades da

¹⁴⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eF4y7KS5Bkw&t=5s> Acesso em: 31 jul. 2021.

¹⁴⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eF4y7KS5Bkw&t=5s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), estatal vinculada ao Ministério da Agricultura. Mas os argumentos de Miranda são contestados por cientistas, ambientalistas e enfrentam críticas também dentro da Embrapa. Um artigo publicado por autores brasileiros na revista *Environmental Conservation*, da Universidade de Cambridge no Reino Unido, com o título "Os dados confirmam que Brasil lidera o mundo em preservação ambiental?", chama os números de Miranda de "estatísticas criativas" e "influenciadas por uma narrativa ideológica que distorce a realidade ambiental brasileira"¹⁴⁶.

No filme essa narrativa ideológica ganha fôlego com a utilização do documento *Farms Here, Forests There* (Fazendas para nós, Florestas para eles), produzido pela Associação dos Fazendeiros Norte-Americanos. Segundo Aldo Rebello o documento se trata de uma orientação protecionista do governo americano para pressionar a produção agrícola brasileira com uma espécie de tributo ambiental criando uma legislação para gerar um custo para a agricultura brasileira¹⁴⁷. Em *off*, o narrador do filme diz que:

a estratégia (dos EUA) é o financiamento de ONGs e organizações que pressionam o governo e a mídia pela aprovação de leis que impeçam o aumento da produção brasileira. A proposição do estudo (*Farms Here, Forests There*) é clara: aumentar a proteção a nossas florestas significa prejudicar a produção do Brasil e consequentemente beneficiar a americana¹⁴⁸.

A partir dessa lógica o filme tenta explicar que o que incomoda os produtores americanos e europeus é que o Brasil tem uma agricultura muito competitiva que derruba o lucro desses países nos mercados internacionais com preços melhores. Esse discurso que acusa os governos internacionais de utilizarem os incêndios na Amazônia como uma cortina de fumaça para o protecionismo não deixa de ser um posicionamento estratégico do roteiro do filme para atrair a atenção e apoio dos liberais pró-mercado à discussão.

O documentário termina com uma mensagem tendenciosa que tenta posicionar o agronegócio como motor de desenvolvimento da economia brasileira "que alimenta o povo e garante a paz", como se o agronegócio sozinho fosse capaz de solucionar problemas estruturais do país como a desigualdade, pobreza e violência. A produção

¹⁴⁶ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51229884>. Acesso em 25 jul. 2021.

¹⁴⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eF4y7KS5Bkw&t=5s>. Acesso 23 mar 2023.

¹⁴⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eF4y7KS5Bkw&t=5s>. Acesso 23 mar 2023.

da Brasil Paralelo é um produto panfletário que atende aos interesses do agronegócio e ignora estudos científicos e dados de instituições oficiais que contradizem sua versão. Talvez por isso também tenha sido ignorado pela imprensa especializada em analisar produções cinematográficas, tendo sua campanha de lançamento na mídia restrita aos canais oficiais da produtora e a sites bolsonaristas e/ou que trabalham em função do agronegócio.

Mas o alto volume da audiência desses conteúdos na página da Brasil Paralelo no YouTube comprova a relevância dessas narrativas na construção do imaginário da nova direita brasileira. Um mês após o lançamento, *Cortina de fumaça* já possuía mais de 1,5 milhões de visualizações. Barthes (1989) mostra que os mitos contemporâneos são fabricados pelos meios de comunicação de massa. *Cortina de fumaça* se tornou o 10º vídeo do YouTube mais postado em grupos e canais de extrema-direita no Brasil no Telegram¹⁴⁹. Segundo levantamento que analisou as postagens de janeiro a outubro de 2021, foram 237 postagens sobre o filme da Brasil Paralelo, com quase 2 milhões de visualizações no YouTube (NASCIMENTO; CESARINO; FONSECA, 2019). Trata-se de um conteúdo negacionista que tenta convencer a audiência de que o governo Bolsonaro preservou o meio ambiente e protegeu os direitos indígenas, omitindo dados científicos que provam o contrário.

Outro ponto de atenção é que no Brasil, quando um usuário do Google tenta se inteirar sobre o funcionamento do Fundo Amazônia, a Brasil Paralelo aparece como uma das primeiras opções, apesar das centenas de reportagens existentes sobre o tema, de fontes com credibilidade, como o próprio site do fundo no BNDES. A denúncia foi feita por Angelo, Salim e Kaz (2023)¹⁵⁰, que explicaram que o alto investimento da empresa em publicidade digital e “ranqueamento” vem sendo um problema para combater conteúdo desinformativo em várias plataformas. Como vimos no capítulo 2, o modelo de negócios do Google inclui um “leilão” de palavras-chave, e quem paga mais por elas sobe nas buscas, independente da credibilidade dos conteúdos (ANGELO, SALIM E KAZ (2023)¹⁵¹.

¹⁴⁹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2022/01/26/filme-negacionista-ambiental-e-um-dos-dez-videos-mais-postados-no-telegram.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em: 20 jan. 2022.

¹⁵⁰ Disponível em: <https://oeco.org.br/noticias/google-impulsiona-desinformacao-do-brasil-paralelo-sobre-fundo-amazonia/> Acesso em 07 mar. 2023.

¹⁵¹ Disponível em: <https://oeco.org.br/noticias/google-impulsiona-desinformacao-do-brasil-paralelo-sobre-fundo-amazonia/> Acesso em: 07 mar. 2023.

A estratégia de lançamento de *Cortina de fumaça* (2021) também contou com uma parceria com a organização Fé & Trabalho e disponibilizou para os seus membros em sua plataforma o documentário *A esperança se chama liberdade* (2021), dirigido por João Costa e com 40 minutos de duração. Na plataforma da Brasil Paralelo, a descrição do documentário destaca que no filme “apenas as populações indígenas falam sobre sua visão de mundo e sobre seus verdadeiros problemas”, sendo estas “muito diferentes dos que são apresentados pelas mídias e ONGs que dizem representá-los”. Mas, como em *Cortina de fumaça* (2021), apenas grupos indígenas que possuem “parcerias agrícolas” com fazendeiros ganham voz na produção, como os Paresi que, como já citamos, investem na sojicultura mecanizada por meio de arrendamentos. Assim como em *Cortina de fumaça* (2021), *A esperança se chama liberdade* (2021) também faz uma defesa da exploração agrícola nos territórios indígenas como se essa fosse a única forma de garantir autonomia aos povos.

A produção também acompanha a viagem do ex-presidente da FUNAI, Marcelo Xavier, à Terra Indígena Sangradouro, da etnia Xavante, para promover o projeto Independência Indígena, criticado pela Associação Xavante Warã em nota de repúdio, mas exaltado na peça (OLIVEIRA; SCOFIELD; RUDNITZKI, 2021).

Oliveira, Scofield e Rudnitzki (2021) contam que a participação de Xavier nos filmes lançados pela produtora foi facilitada pela assessora de imprensa da Funai na época, Débora Schuch da Cruz – o que rendeu a ela agradecimentos especiais nos créditos finais de *Cortina de fumaça*. Cruz acompanhou Xavier na viagem, de acordo com dados do Portal da Transparência (OLIVEIRA; SCOFIELD; RUDNITZKI, 2021).

Tanto *Cortina de fumaça* (2021) quanto *A esperança se chama liberdade* (2021) foram utilizadas como peças de propaganda pela administração da Funai. Em reunião com a Associação Nacional de Desembargadores (Andes) no dia 25 de maio de 2021, Marcelo Xavier apresentou o trailer do documentário *A esperança se chama liberdade*, que classificou como “emocionante”. O vídeo foi usado como forma de legitimar os esforços da “Nova Funai” em regulamentar a mineração em terras indígenas (TIs) através do PL 191, em tramitação no Congresso Nacional. A pauta da exploração agrícola e minerária nas terras indígenas foi o tema da maior parte das reuniões do mandatário da Funai em 2021 (OLIVEIRA; SCOFIELD; RUDNITZKI, 2021).

A esperança se chama liberdade (2021) foi produzido pela Troia Agência Criativa, por encomenda da Fé & Trabalho, que, segundo Oliveira, Scofield e Rudnitzki

(2021) trata-se de uma iniciativa do ruralista e político Antonio Cabrera, presidente do Grupo Cabrera, fundado há mais de cem anos por seu avô e que hoje atua especialmente na produção de soja, milho, cana e carne, em cerca de dez estados brasileiros, além de exportar gado vivo e fabricar pré-moldados. Veterinário de formação, Cabrera assumiu o Ministério da Agricultura e da Reforma Agrária de Fernando Collor (então no PRN) em 1990, aos 29 anos, tornando-se o mais jovem ministro da história do país. Presbiteriano, Cabrera tem relação com uma série de organizações com viés religioso e liberal: é conselheiro deliberativo da Tela, organização cristã que defende “a ligação entre negócios e missões”, promove uma “Escola de Empreendedorismo Cristão”, e membro-fundador da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência e do Instituto Brasileiro de Direito e Religião (OLIVEIRA; SCOFIELD; RUDNITZKI, 2021)¹⁵²

Outro *think tank* ultraliberal com que Cabrera também possui ligações é o Instituto Mises Brasil, já que integra a lista de autores de seu site institucional. Na página do IMB, Cabrera é descrito como veterinário, ex-ministro da agricultura, pós-graduado em produção animal, e membro da Mont-Pelerin Society¹⁵³. Cabrera tem apenas um artigo publicado em 21/05/2018, com o título “Por que não faz nenhum sentido manter a Petrobras estatal” e subtítulo “Primeiro, desestatiza; depois, privatiza”. O texto disponível meses antes da eleição de 2018 deixa claro a visão ultraliberal que Cabrera queria reforçar ao acusar o Estado de ser incompetente e mal-intencionado na administração de empresas públicas e, com isso, justificar que o mercado e a iniciativa privada assumam o controle dessas instituições:

No setor petrolífero brasileiro, o dinheiro é retirado do subsolo e despejado no buraco sem fundo da burocracia, da corrupção, dos privilégios e das mamatas. Todos os governos estaduais e todos os políticos do país querem uma fatia deste dinheiro para subsidiar suas burocracias e programas estatais preferidos. Consequentemente, em todos os setores em que esse dinheiro é gasto, ele é desperdiçado.

(...)

Caso o setor petrolífero estivesse sob o controle de empresas privadas concorrentes, o dinheiro retirado do subsolo seria de propriedade destas empresas e de seus acionistas. Sim, haveria impostos sobre esse dinheiro. Mas a maior parte dele ainda iria para mãos privadas. Tal arranjo manteria o

¹⁵² Disponível em: <https://apublica.org/2021/07/a-boiada-invade-a-tela/#Demanda-da-Secom> Acesso em: 07 mar. 2023.

¹⁵³ A Sociedade Mont Pèlerin é uma organização internacional fundada em 1947, composta por filósofos, economistas e políticos de diversos países, reunidos em torno da promoção do liberalismo e de seus valores e princípios. O sociólogo italiano Luciano Gallino acredita que a fundação da **Mont Pèlerin Society (MPS)** em 1947 deu início a longa marcha que levou o neoliberalismo a conquistar uma hegemonia totalitária sobre a economia e a política. Com as dramáticas consequências que ainda hoje experimentamos. Saiba mais em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/545210-a-longa-marcha-dos-neoliberais-para-governar-o-mundo>

grosso do dinheiro longe das mãos do governo e dos seus apadrinhados, e garantiria que a produção e a distribuição sempre ocorressem de acordo com interesses de mercado, e não de acordo com conveniências políticas (CABRERA, 2018)¹⁵⁴

Cabrera, que tanto preza pela “liberdade”, já esteve envolvido em graves denúncias trabalhistas. A fazenda Bela Vista, que pertence ao ruralista, na cidade de Limeira do Oeste (MG), foi alvo de operação conjunta do Ministério do Trabalho e Emprego e do Ministério Público do Trabalho em abril de 2009. Na ocasião, foram resgatados 184 trabalhadores em situação análoga à escravidão na fazenda, que produz cana-de-açúcar (OLIVEIRA; SCOFIELD; RUDNITZKI, 2021)¹⁵⁵

Esse histórico em nada atrapalhou as negociações com a Brasil Paralelo. Para a Agência Pública, o diretor de relações institucionais da BP, Renato Dias, relatou que Antônio Cabrera os procurou para saber se a empresa tinha interesse na divulgação do filme que ele tinha produzido. Dias (2021) confirma que eles gostaram do material e disponibilizaram para a base de assinantes BP, que na época contava com mais de 200 mil pessoas. Mas Cabrera nega responder pela Fé & Trabalho e diz que é só “um grande entusiasta e apoiador” da iniciativa (OLIVEIRA; SCOFIELD; RUDNITZKI, 2021). Esse intercâmbio de ideias entre Brasil Paralelo, Antônio Cabrera e *think tanks* como o Instituto Mises Brasil é mais um exemplo de como funciona a rede de colaboração na difusão de ideias ultraliberais que estabelece relações entre os institutos, organizações, lideranças e intelectuais para construir e fortalecer o imaginário da nova direita, formando um contrapúblico ultraliberal e neoconservador no Brasil (RIBEIRO, 2021).

Fundada em 2020, a Fé & Trabalho afirma em sua página no LinkedIn¹⁵⁶ que pretende trazer “informações sobre trabalho, economia e política sob a perspectiva de uma cosmovisão cristã”. A proposta de atuação é muito similar a de *think tanks* como Instituto Mises Brasil e a própria Brasil Paralelo, ao disponibilizar conteúdos em diferentes formatos no seu site, como artigos e vídeos que defendem um moralismo cristão e as ideias liberais, criticando o Estado e enaltecendo o agronegócio por meio de textos com títulos sugestivos como “O Estado é uma máquina de fabricar

¹⁵⁴ Disponível em: <https://mises.org.br/article/2862/por-que-nao-faz-nenhum-sentido-manter-a-petrobras-estatal> Acesso em: 09 mar. 2023.

¹⁵⁵ Disponível em: <https://apublica.org/2021/07/a-boiada-invade-a-tela/#Demanda-da-Secom> Acesso em: 07 mar. 2023.

¹⁵⁶ Disponível em: <https://www.linkedin.com/company/f%C3%A9-trabalho/> Acesso em: 07 mar. 2023.

pobreza”¹⁵⁷ e “A Vibrante Agricultura Brasileira”¹⁵⁸ que visam influenciar a opinião pública em relação a percepções sobre política e a atuação do setor agro. Cabrera é protagonista de boa parte dos vídeos do canal de YouTube da Fé & Trabalho. Em um deles, o ruralista afirma que “a noção de que a agricultura moderna é destruidora da natureza não é verdadeira” e diz que o agricultor brasileiro é um “credor ambiental” e o “verdadeiro guardião da natureza” (OLIVEIRA; SCOFIELD; RUDNITZKI, 2021)¹⁵⁹.

O discurso de Cabrera vai ao encontro com o esforço do setor do agronegócio para se posicionar como uma indústria moderna e bem sucedida, com uma imagem de progresso, ignorando as consequências desse modelo para o meio ambiente. Segundo Chã (2016) a guerra cultural do agronegócio tem como estratégia negar que exista algum setor mais importante, já que tudo faz parte do agronegócio. O setor nutre um ressentimento ao se sentir desprezado e acha que as pessoas da cidade são ingratas ao não reconhecerem sua importância, já que tudo vem do agronegócio, desde a roupa que vestimos à comida que nos alimenta (CHÃ, 2022).

Chã (2019) afirma que o agronegócio se utiliza das ferramentas da indústria cultural, como peças de teatro, novelas e até mesmo a música, para se colocar como única solução para os problemas do campo brasileiro. Além de ter conseguido construir uma hegemonia no campo econômico e no campo político nas últimas décadas, o agronegócio passou a se dedicar também a construir uma imagem do setor como algo imprescindível para o crescimento da economia brasileira e como proposta e projeto para o campo no Brasil. É através de mecanismos e veículos de comunicação de massa que o agronegócio busca influenciar e construir um imaginário sobre o campo, que hoje teríamos no Brasil (CHÃ apud CARVALHO, 2019)¹⁶⁰.

O grande forte do agronegócio no Brasil é produzir grãos, gado e suco de laranja para exportação, mas eles trazem esse discurso e essa imagem de que eles são os produtores também de todo tipo de alimento e de uma energia supostamente limpa. Para Chã (2019) colocar o agronegócio como a única possibilidade para o

¹⁵⁷ Disponível em: <https://www.trabalhoefe.com.br/estado/o-estado-e-uma-maquina-de-fabricar-pobreza/> Acesso em 07 mar. 2023.

¹⁵⁸ Disponível em: <https://www.trabalhoefe.com.br/agricultura/a-vibrante-agricultura-brasileira/> Acessado em 07 mar. 2023.

¹⁵⁹ Disponível em: <https://apublica.org/2021/07/a-boiada-invade-a-tela/#Demanda-da-Secom> Acesso em: 07 mar. 2023.

¹⁶⁰ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/01/04/a-perigosa-relacao-entre-o-agronegocio-e-a-industria-cultural> Acesso em: 04 mar. 2023.

campo brasileiro é uma estratégia para retirar da pauta temas como, por exemplo, a reforma agrária e a agricultura familiar (CHÃ, apud CARVALHO, 2019) ¹⁶¹.

A máquina de propaganda do agronegócio foi nutrida durante vários governos e especialmente a partir do governo Lula. Nas últimas décadas o poder público deixou uma enorme lacuna de produção de cultura, especialmente em cidades menores. As corporações do agro souberam usar muito bem essa lacuna para se aproximar de comunidades em que causam estragos (CHÃ, 2016). Mas ao encontrar a máquina de propaganda bolsonarista e a mídiaesfera da extrema direita, com canais como a Brasil Paralelo, o setor passou apostar de forma mais ousada nesses discursos forjados pró-agronegócio, com produções mais elaboradas e de alto alcance como *Cortina de fumaça* (2021).

A ideia de que o país alimenta 1 bilhão de pessoas e de que a fome e a inflação do passado eram causadas pela falta de alimentos e que graças ao agronegócio é que agora não só deixamos de importar, mas passamos a exportar comida são elementos importantes para a batalha discursiva do agronegócio e que são defendidos em *Cortina de fumaça*.

A verdade é que esse dado de que o Brasil alimenta 1 bilhão de pessoas não é um consenso científico, já que especialistas criticam a metodologia e rotulam a pesquisa como “peça de propaganda”. Mas não importa a precisão da informação e sim o discurso que ela alimenta, que nesse caso é da função divina do agronegócio, como se Deus tivesse dado ao país essa nobre missão de alimentar o planeta. Dessa forma, terras indígenas, florestas, pequenos agricultores, todos devem ser removidos para que o país possa executar seu ideal. Também não existem dados que comprovem que nas décadas de 60, 70 e 80 o Brasil era um grande importador de alimentos. Pelo contrário, se exportava mais carnes e frutas do que importava. O único elemento importado em grande quantidade era o trigo e isso até hoje não mudou¹⁶².

O advogado e assessor jurídico da Associação dos Povos Indígenas do Brasil, Maurício Terena, da etnia Terena, no Mato Grosso do Sul, argumenta que através desse discurso da liberdade e da autonomia propagados em *Cortina de fumaça* e *A esperança se chama liberdade*, os grupos e organizações que investem nessas

¹⁶¹ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/01/04/a-perigosa-relacao-entre-o-agronegocio-e-a-industria-cultural> Acesso em: 04 mar. 2023.

¹⁶² Leia mais em: <https://ojoioetrigo.com.br/2021/09/antes-do-agro-brasil-era-grande-importador-de-alimentos-pera-la-que-nao-e-bem-assim/>

produções querem justamente trazer o modelo capitalista para dentro das aldeias, e é a partir daí que uma série de outros problemas sociais começam (OLIVEIRA; SCOFIELD; RUDNITZKI, 2021).

O secretário-adjunto do Cimi (Conselho Indigenista Missionário), Gilberto Vieira, disse à *Folha de S. Paulo* em 2019 que apesar da autonomia dos povos indígenas ter de ser respeitada quanto à exploração econômica de suas terras, é preciso seguir a lei que diz que as atividades precisam ser feitas de acordo com os usos e costumes tradicionais do povo e tanto uma monocultura de soja quanto o uso de agrotóxicos não se encaixariam nesses requisitos. Ele afirma que “os paresi estão cercados por soja e aderiram a uma lógica de mercado. Isso pode gerar ganhos imediatos, mas futuramente trazer problemas ambientais e prejudicar os próprios índios”¹⁶³.

A narrativa construída pelos documentários e defendida por artigos no site da Brasil Paralelo estimula a dissonância cognitiva ao conduzir a audiência, por meio de falas negacionistas, etnocêntricas e acusações infundadas, a uma lógica de pensamento colonial e pró-agronegócio disfarçado de desenvolvimentista.

Os documentários constroem uma narrativa que, pela distorção, simplificação ou simples negação de acontecimentos, pretende, nas palavras do historiador Pierre Vidal-Naquet (1988, p. 36), “substituir a verdade insuportável pela mentira tranquilizadora” (FIRMINO, 2020).

Ao se utilizar da linguagem documental os dois filmes buscam comover e convencer a audiência, atuando como propaganda positiva sobre a atuação do agronegócio brasileiro. Além das similaridades temáticas e da estratégia conjunta de lançamento, podemos identificar outros elementos que unificam os os documentários, como 1) Viés ideológico, 2) Simplificação de problemas complexos, 3) Construção de uma narrativa “educativa” e tendenciosa com imagens e afirmações fora de contexto e 4) indicação do agronegócio como solução para os problemas apresentados, enaltecendo sua produtividade e sem contrapontos com os impactos causados pelas suas atividades nos territórios e outras formas de produção.

¹⁶³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/05/indios-pro-bolsonaro-querem-ampliar-lavoura-de-soja-e-desafiam-fiscalizacao.shtml> Acesso em: 25 jul. 2021.

A pesquisa “Panorama da Infodemia Socioambiental”¹⁶⁴ desenvolvida pelo NETLAB da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), identificou que a desinformação ambiental se tornou pauta central na propaganda política da extrema direita brasileira, servindo de argumento para o desmonte da proteção do meio ambiente e o avanço sistemático de atividades extrativistas no Brasil. O relatório detectou que a Brasil Paralelo foi um dos principais agentes dessa campanha ao investir na promoção de anúncios com conteúdos desinformativos focado na Amazônia Legal. Um fato curioso da pesquisa é a percepção de que essas narrativas mobilizam o significante “Amazônia” atrelado a imaginários patrióticos, como nação e riqueza brasileiras. Dessa forma, podemos perceber nessas produções uma inversão no significado de riqueza: ao invés de significar “floresta e biodiversidade”, a Amazônia é vinculada à ideia de crescimento econômico e PIB. Por fim, é possível analisar que essa rede de mentiras que exaltam o agronegócio e as suas virtudes trata-se de uma atuação multiplataforma coordenada entre influenciadores, políticos e financiadores como parte de um projeto de uma pequena elite empresarial, agrária e financeira que avança a passos largos graças aos seus recursos e capacidade de articulação política, deixando um rastro de violência, destruição e fome. O alto volume da audiência desses conteúdos comprova a relevância dessas narrativas na construção do imaginário da nova direita brasileira.

¹⁶⁴ Disponível em: <https://conexaoto.com.br/2023/02/28/pesquisa-aponta-como-extrema-direita-explora-desinformacao-ambiental-no-brasil> Acesso em: 03 abr. 2023.

CONCLUSÃO

Organizações como a Brasil Paralelo captaram a frustração e ressentimento de parte da população com o modelo democrático e se tornaram canais de protesto contra governos e formas de fazer política. Esses canais, em específico os de comunicação como a Brasil Paralelo, foram ampliando alcance e engajamento de sua audiência a medida em que passaram a prometer utopias relacionadas a um passado de grandeza, pregando a ideia de que houve um momento de glória e que depois dele, com o avanço da esquerda e das políticas sociais, veio a decadência. Ao dominar técnicas e ferramentas das redes e ambientes digitais, a extrema direita contemporânea passou a atuar de forma mais transgressora do que o *modus operandis* das direitas tradicionais.

Impulsionada por teorias conspiratórias propagadas por Olavo de Carvalho, a extrema direita brasileira reativou o pensamento anticomunista, usando a bandeira da liberdade e de proteção dos valores familiares para se opor ao comunismo e denunciar uma suposta ditadura do progressismo. Ao romper com consensos democráticos estabelecidos e impor uma visão mais reacionária do mundo, as produções da Brasil Paralelo alimentam um imaginário onde o racismo, misoginia e homofobia passam a ser justificados em defesa de valores tradicionais e familiares. Esse tipo de conteúdo tem ajudado a moldar o imaginário das pessoas que o consomem, não só em relação ao presente, mas também ao passado e as suas ações no futuro.

Think tanks como a Brasil Paralelo fazem parte de uma ampla rede de agentes influenciadores da extrema direita que ajuda a produzir consensos alinhados a um imaginário ultraliberal e conservador. Para construir esses discursos que atendam aos interesses e valores de empresas e setores do mercado, como educação privada e o agronegócio, essas organizações passam a definir quem são os especialistas para tratar de temas como política, ciência, filosofia, arte e história. Dessa forma, se tornam responsáveis pela produção e difusão de grande parte dos conteúdos utilizados e replicados de diferentes formas por blogs, páginas, redes sociais e grupos de WhatsApp e Telegram, criando toda essa rede extremamente capilarizada de atuação ideológica da extrema direita. Também podemos perceber que essas organizações se conectam das mais variadas formas, seja na organização de estratégias e eventos em conjunto; membros dirigentes que ocupam funções significativas,

simultaneamente em diferentes think tanks e organizações; grupos de mantenedores e financiadores em comum; a elaboração conjunta e/ou replicação de conteúdos, cursos e programas uns dos outros, dentre outras. (CASIMIRO, 2020).

Ao construir e propagar essas narrativas, essas organizações passam a influenciar o imaginário político e social das pessoas, produzindo uma realidade alternativa, com novos sentidos e significados construídos por meio de revisionismos históricos e negacionismos. Por isso, é importante entender seus conceitos e mecanismos de produção. A ação doutrinária da Brasil Paralelo enquanto empresa nos ajuda a compreender as estratégias de difusão ideológica da extrema direita brasileira, que tem como figura central Olavo de Carvalho e suas ideias. Balestro (2021) afirma que a Brasil Paralelo se articula com um conjunto de empresários, *think tanks* e entidades representativas desta nova direita como Hélio Beltrão e o Instituto Mises Brasil tornando-se um canal de difusão de conteúdos com o objetivo de reescrever a história do Brasil, negligenciando e, muitas vezes, negando a historiografia, assim como métodos e fontes de pesquisa histórica, a partir do discurso pelo discurso, a chamada “pós-verdade” (BALESTRO, 2021). Disputar narrativas históricas e dados científicos é uma estratégia da extrema direita brasileira para justificar suas pautas reacionárias, antiprogressistas, ultraliberais e autoritárias do presente (CASIMIRO, 2020).

Casimiro (2020) lembra que não podemos analisar esses aparelhos e seus intelectuais como se representassem um bloco totalmente coeso e homogêneo, mas que é possível perceber que muitas das diferenças de ordem teórico-políticas, principalmente no campo dos valores e da cultura, passam a ser ignoradas em favor da ascensão de um reacionarismo que aparece como alternativa pragmática para viabilizar as mudanças e interesses mais essenciais de ordem econômico/corporativas (CASIMIRO, 2020).

Com uma lógica algorítmica que prioriza mensagens que apelam para emoções como ódio e medo, a arquitetura das plataformas digitais de mídias sociais oferece um palco para atores sociais da extrema direita e permite que estes se conectem entre si, formando redes e mobilizando outros atores sociais ao intensificar a proliferação dos afetos e *moods*.

Essa rede direta e indireta de organizações que têm como objetivo a doutrinação e difusão de uma cultura conservadora e ultraliberal atua de forma capilarizada, instrumentalizando outros espaços de produção de consenso que são

fundamentais no processo de construção de hegemonia. Essas organizações atuam alimentando os mais diversos e difusos canais de comunicação com seus conteúdos (CASEMIRO, 2020). Com isso, naturalizam seus discursos, validando e chancelando uns aos outros, e produzem “verdades” socialmente aceitas e que passam formar o imaginário da extrema direita brasileira.

Ao desmoralizar as instituições educacionais tradicionais ao mesmo tempo em que se posiciona como uma empresa de educação e opção para formação intelectual “sem doutrinação”, a Brasil Paralelo passa a ser um importante instrumento de influência da opinião pública que oferece uma “solução” para mudar o Brasil. Dessa forma, consegue pautar direta ou indiretamente temas muitas vezes polêmicos relacionados as políticas públicas, como o debate sobre *homeschooling* e o movimento Escola sem Partido. Ao se descrever como uma empresa de entretenimento e educação, a Brasil Paralelo deixa claro seu interesse na mercantilização do ensino e o esforço para projetar figuras de direita como professores que possam atuar na formação ideológica de seus membros.

É importante destacar que a Associação Nacional de História (ANPUH, 2019) acusa a Brasil Paralelo de difundir versões mentirosas sobre a historiografia do país, construídas com discursos incoerentes e falaciosos que cometem uma série de omissões factuais e distorções¹⁶⁵.

Ao produzir e propagar informações falsas ou distorcidas que atendem aos interesses da extrema direita, como a exploração de terras indígenas e os ataques às universidades, a Brasil Paralelo se posiciona como uma máquina de propaganda ideológica que alimenta e dá sustentação ao imaginário da nova direita ultraliberal brasileira, tornando-se um importante instrumento de influência que consegue pautar indiretamente temas relacionados às políticas públicas.

Por exemplo, sem uma campanha de desinformação as pessoas não aceitariam um modelo econômico que destrói as florestas, dificulta a produção de alimentos e polui a água. Por isso, filmes como *Cortina de Fumaça* tem como objetivo defender o agronegócio e legitimar sua atuação exploratória e extrativista, exagerando na sua importância ao mesmo tempo que esconde suas consequências negativas. A disseminação desse tipo de narrativa que não representa a realidade do agronegócio brasileiro é uma das estratégias da máquina de propaganda e publicidade que atende

¹⁶⁵ Disponível em: https://anpuh.org.br/index.php?option=com_k2&view=item&id=5585:nota-de-alerta-2019 Acesso em: 11 maio 2022.

aos interesses do agronegócio e procura criar um consenso nacional posicionando o setor como o carro-chefe da economia brasileira e o orgulho do país, como um projeto que é de todos os brasileiros quando na verdade se trata do projeto de uma pequena elite.

Sendo assim, é possível observar que, ao tentar forjar um “lado certo da história” a partir dos seus interesses ideológicos, a Brasil Paralelo cria sentidos próprios para acontecimentos e fatos que, ao invés de enriquecer o debate, funcionam para reduzi-lo a sua própria interpretação da realidade (JORGE; SALGADO, 2021). Rocha (2021) aponta que um dos principais problemas da maior parte dos documentários da Brasil Paralelo é de que os filmes partem sempre da conclusão (ROCHA, 2021, p. 281), ou seja, manipulam o sentido da informação com o intuito de validar a “verdade” que suas obras querem transmitir. Como vimos, as montagens dos documentários não deixam espaços para dúvidas em relação ao que está sendo dito nos depoimentos. Há um excesso de certezas em suas mensagens e não há contrapontos nem questionamento na interlocução ou entre os entrevistados selecionados. Assim, a empresa ignora uma das principais responsabilidades do jornalismo que é a objetividade em discernir a verdade entre afirmações conflitantes.

A empresa promove a descredibilização da verdade comprovável através de um embaralhamento de dados inconsistentes com retóricas rasas que, ainda que possam ser desmentidos adiante, são associados e tidos como verdade pelo receptor, programado para absorver só o que corrobora com sua ideologia.

Ao dar nome e forma à suposta força capaz de ameaçar a manutenção dos valores tradicionais e associando-a ao campo ideologicamente oposto, forjam verdades esvaziadas de factualidade e comprovação, impulsionando a polarização política e social.

As milhares de visualizações desses conteúdos na página da Brasil Paralelo no Youtube comprovam a relevância dessas narrativas na construção do imaginário da nova direita brasileira, além de posicionar a produtora como um instrumento importante na guerra cultural olavista. Ao analisar as temáticas e os alvos das principais produções da Brasil Paralelo é possível observar o alinhamento aos interesses da extrema direita, do ultraliberalismo e das ideias de Olavo de Carvalho na maioria de seus documentários, e que, apesar de descrever seus conteúdos como “imparciais”, não conseguem disfarçar seu viés ideológico e seu papel na disputa pela hegemonia política e cultural da extrema-direita. Tratam-se de conteúdos pensados,

planejados e cuidadosamente publicados com objetivos políticos bem definidos e que fazem parte de um plano mais amplo de formação de base, cooptação de apoio e sequestro do debate público.

REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. **Affect Economies**. *Social Text*, 79 (volume 22, number 2), Summer 2004, pp 117-139 (article). Published by Duke University Press, 2004.

ASSISTA à entrevista com Brasil Paralelo na íntegra. 38min e 03seg. Publicado pelo **Canal Pânico. Jovem Pan**. 14 jul. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K3966B2AJIs> Acesso em: 13 ago. 2022.

A ÚLTIMA cruzada. Série. Ep. 1: A cruz e a espada. 51min e 44 seg. Publicado por **Brasil Paralelo Online**. 24 set. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f2zsbYkLQRI> Acesso em: 10 ago. 2022.

BACZKO. B. Imaginação social. *In: Enciclopédia Einaudi*. Antropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

BRASIL Paralelo é a empresa de mídia mais assinada do país. **Brasil Paralelo**. Entretenimento e educação. 30 set. de 2022. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/brasil-paralelo-e-a-empresa-de-midia-mais-assinada-do-pais> Acesso em: 10 mar. 2023.

1964: Brasil – entre armas e livros (filme completo). 02h07min e 19seg. **Brasil Paralelo**. Entretenimento e educação. 02 abr. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg> Acesso em: 15 jun. 2022.

CESARINO, Leticia. 2019. Identidade e representação no bolsonarismo. Corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. **Revista Antropologia USP**. 62(3), 530 - 557., 2019. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.165232> Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/165232/158421> Acesso em: 10 mar. 2023.

CORTINA de fumaça (filme completo) – Panflix + Brasil Paralelo. 1h41min e 42seg. **Brasil Paralelo**. Entretenimento e educação. 29 jul. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eF4y7KS5Bkw> Acesso em: 10 mar. 2022.

ALBUQUERQUE, Bianca Gabriele Mariz de. **Homeschooling no Brasil: influência estadunidense e a brasil paralelo**. Universidade Federal da Integração Latino-americana. Foz do Iguaçu 2022. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/6666/Homeschooling%20no%20Brasil%3a%20Influ%20c3%aancia%20Estadunidense%20e%20a%20Brasil%20Paralelo?sequence=2&isAllowed=y> Acesso em 23 set. 2022.

BALESTRO, Mayara Aparecida Machado dos Santos. **Agenda conservadora, ultraliberalismo e “guerra cultural”**: “Brasil Paralelo” e a hegemonia das direitas no Brasil contemporâneo (2016-2020). Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Marechal Cândido Rondon) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2021.

BALESTRO, Mayara Aparecida Machado dos Santos; MIRANDA, João Elter Borges (Orgs.). **Nova direita, bolsonarismo e fascismo**: reflexões sobre o Brasil

contemporâneo [livro eletrônico]. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020. (Coleção Singularis, v.9)

BIANCHI, Alvaro e MUSSI, Daniela. **Os inimigos de Gramsci**. Jacobin, 2020. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2020/04/os-inimigos-de-gramsci/> Acesso em: 15 out. 2022.

BARTHES, Roland. *O mito, hoje*. In: **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p 142-148.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

BRIGHENTI, Clovis Antonio. Colonialidade do poder e a violência contra os povos indígenas. **Revista PerCursos**. Florianópolis, v. 16, n.32, p. 103 –120, set./dez. 2015.

BROWN, Wendy. American nightmare: neoliberalism, neoconservatism, and dedemocratization. **Political theory**, v. 34, n. 6, p. 690-714, 2006.

CARVALHO, Olavo. **A Nova Era e a Revolução Cultural**. Fritjof Capra e Antonio Gramsci. 1. edição. Vide, 2016.

CARVALHO, Olavo. **Astros e símbolos**. Nova Stella,1985.

CARVALHO, Olavo **Astrologia e religião**. Nova Stella,1986.

CASEMIRO, Flavio Henrique Calheiros. **A Tragédia e a Farsa: a ascensão das direitas no Brasil contemporâneo**. 1. ed. São Paulo. Expressão Popular, Fundação Rocha Luxemburgo, 2020.

CHÃ, Ana Manuela de Jesus. **Agronegócio e a Indústria Cultural**: estratégia das empresas para construção da hegemonia. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp); Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI); Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (Territorial). São Paulo, 2016.

CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo. Corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. **Rev. antropol.** (São Paulo, Online) | v. 62 n. 3: 530-557 | USP, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/165232/158421> Acesso em: 15 jun. 2021.

CESARINO, Letícia apud PACHECO, Denis. As mídias sociais como arma do governo. **Jornal da USP**. Edição online, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/as-midias-sociais-como-arma-de-governo/>

CHALOUB, Jorge. As Razões de Olavo de Carvalho. **Escuta**. Revista de Política e Cultura. 2022. Disponível em: <https://revistaescuta.wordpress.com/2022/01/30/as-razoes-de-olavo-de-carvalho/> Acesso em: 13 mar. 2022.

COSTA, Ana Clara. Distanciamento Social. **Revista Piauí**, Edição 180, Setembro 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/distanciamento-social/> Acesso em: 22 fev. 2022.

COSTA, Iná Camargo. **Dialética do Marxismo Cultural**. 1. Ed. São Paulo. Expressão Popular, 2020.

CUNHA, Magali do Nascimento. O lugar das mídias no processo de construção imaginária do “inimigo” no caso Marco Feliciano. PPGCOM - ESPM, **Comunicação Mídia e Consumo**. Ano 10 vol.10 n. 29 p.51-74. Set./Dez. 2013.

DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos**: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. Editora Vestígio, 2019.

DIAS, Tatiana; PEDRETTI, Lucas. Entrevista: delírios de Olavo de Carvalho aprofundam ideias surgidas nos quartéis brasileiros. **The Intercept Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2022/01/29/olavo-de-carvalho-teorias-militares-esquerda-lucas-pedretti/> Acesso em: 15 jan. 2023.

DI CESARI, Donatella. **O complô no poder**. Tradução 1ª ed. Editora Âyinê, 2022.

DUARTE, Letícia. **Vaza Jato**. Os bastidores das reportagens que sacudiram o Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ESTEVIÃO, Andréa Almeida de Mourão. A Emergência do Tradicionalismo no século XXI: anotações sobre ascensão do neoconservadorismo e crise avançada do paradigma da Modernidade. **Revista Eco-Pós**. Dossiê Guerras Culturais <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/> ISSN 2175-8689 –v. 24, n. 2, 2021 DOI: 10.29146/ecopos.v24i2.27796. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27796/15239 Acesso em: 25 set. 2022.

EXCLUSIVO: contrato da TV Escola com Brasil Paralelo é de três anos. **O Antagonista**. 09 dez. 2019. Disponível em: <https://oantagonista.uol.com.br/brasil/contrato-da-brasil-paralelo-com-tv-escola-e-de-tres-anos/> Acesso em: 22 jun. 2022.

FELINTO, Erick de Oliveira. “Olavo tem Razão”: Olavo de Carvalho, Esoterismo e os Mitos Conspiratórios do Imaginário Político Neoconservador. In: **ANAIS DO 29º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2020, Campo Grande. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2020. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2020/trabalhos/olavo-tem-razao-olavo-de-carvalho-esoterismo-e-os-mitos-conspiratorios-do-imagin?lang=pt-br> Acesso em: 15 maio 2021.

FIRMINO, Karine Rodrigues. **Nova direita, bolsonarismo e fascismo: reflexões sobre o Brasil contemporâneo** [livro eletrônico]/ Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos; João Elter Borges Miranda (Orgs.). Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020. Pp. 161-187.

FISHER, Max e TAUB, Amanda. How YouTube Radicalized Brazil. **New York Times**, 11 ago. 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/08/11/world/americas/youtube-brazil.html> Acessado em 06/06/2021 Acesso em: 14 jun. 2021.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Edições Loyola; 24. edição, 1996.

FRANCO, Luiza. 'Brasil foi chave para surgimento da nova direita nas Américas'. **Nexo Jornal**. Entrevista. 01 ago. 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2021/08/01/%E2%80%98Brasil-foi-chave-para-surgimento-da-nova-direita-nas-Am%C3%A9ricas%E2%80%99> Acesso em: 13 jul. 2022.

GHEDIN, Rodrigo. Cinco dos dez canais que explodiram no ranking do Youtube durante as eleições são de extrema direita. **The Intercept**, 28 ago 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/08/28/ranking-youtube-extrema-direita/> Acesso em: 14 jun. 2021.

GONÇALVES, Eduardo. Ministérios guiados por ideologia: muito barulho e poucos resultados. **VEJA**, São Paulo, 26 jun 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/ministerios-guiados-por-ideologias-muito-barulho-e-poucos-resultados/> Acesso em: 14 jun. 2021.

GRUSIN, Richard. **Premediation: Affect and Mediality After 9/11**. New York: Palgrave MacMillan, 2010.

GRUSIN, Richard apud Corrêa, Elizabeth Saad. Da remediação à premediação: ou de como a sensação de imediatismo da sociedade digital dos anos 1990 evoluiu para um clima de contínua antecipação do futuro no século XXI – entrevista. **Matrizes**, Ano 7 – no 2 jul./dez. 2013 - São Paulo - Brasil – RichARd GRuSin p. 163-172. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/69412/71986/91878> Acesso em: 10 maio 2022.

JESI, Furio. **Cultura de Direita**. Tradução Davi Pessoa. Editora Âyiné, 2021.

HARAWAY, Donna (2016). Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom Cultura Científica** - pesquisa, jornalismo e arte. Ano 3, n.5, abril de 2016, pp. 139-146. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4197142/mod_resource/content/0/HARAWAY_Antropoceno_capitaloceno_plantationoceno_chthuluceno_Fazendo_parentes.pdf. Acesso em: 15 abr. 2021.

HAUCK, Juliana Cristina Rosa. **Think Tanks: quem são, como atuam e qual seu panorama de ação no Brasil.** 2015. 197f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

HAYEK, Friederich A. Von. **Direito, Legislação e liberdade.** Uma nova formulação dos princípios liberais de justiça e economia política. V. 2: A miragem da justiça social. Trad. Henry Maksoud. São Paulo: Visão, 1985.

HUNTER, James Davison. **Culture Wars: The Struggle To Define America.** New York: Basic Books, 1991.

HUSNNE, Arthur. Olavismo e Bolsonarismo. **Revista Rosa.** Nº 1, vol. 1, em 03 mar. 2020. Disponível em: <https://revistarosa.com/1/olavismo-e-bolsonarismo> Acesso em: 26 out. 2021.

KALIL, Isabela et al. 2018. **Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro.**[Relatório] Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, outubro de 2018. Disponível em : <https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf> Acesso em: 26 out. 2021.

KLEINAR, Milton Cesar Monastier; SAMPAIO, Rafael Cardoso. Não sou eu quem está falando. A retórica de autoridade em vlogs da Direita brasileira no YouTube sobre a vacina contra a COVID-19. **Revista Eco-Pós.** Dossiê Guerras Culturais – <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/> ISSN 2175-8689 –v. 24, n. 2, 2021. Acesso em: 15 out. 2022.

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas: a abordagem adaptativa indireta com vistas à troca de regime.** People's Friendship University of Russia. Moscou: Expressão Popular, 2015.

INSTITUTO Millenium. A vez dos think tanks. **Exame**, 2020. Disponível em: <https://exame.com/colunistas/instituto-millenium/a-voz-dos-think-tanks/> Acesso em: 13 jul. 2021.

KEYES, R. **The post truth era: dishonesty and deception in contemporary life.** Londres: Macmillan, 2004.

LILLA, Mark. **A Mente Naufragada: sobre o espírito reacionário.** Tradução de Clóvis Marques. 1 ed. Rio de Janeiro. Record, 2018.

LILLA, Mark. **A Mente Imprudente: os intelectuais na atividade política.** Tradução de Clóvis Marques. 1 ed. Rio de Janeiro. Record, 2017.

LEIRNER, Piero C. **O Brasil no Espetro de uma Guerra Híbrida: militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica.** 1. Ed – São Paulo/SP. Alameda, 2020.

LUIZ, Isabela Ferreira. Negacionismo em rede: a negação da escravidão e da ditadura militar no Brasil ganhou a internet. **ANAIS** do XVII Encontro Regional de História da Anpuh. Londrina. Novembro 2020. Disponível em: https://www.encontro2020.pr.anpuh.org/resources/anais/24/anpuh-pr-erh2020/1611771709_ARQUIVO_ca993cfa6359a7f25845b1584f2b5bfb.pdf Acesso em: 15 maio 2021.

MARQUES, Rosa Maria; VARGAS, Neide César. Os Think Tanks liberais no Brasil e a educação. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 18 de outubro de 2022. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/os-think-tanks-liberais-no-brasil-e-a-educacao/> Acesso: 12 fev. 2022.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. Entrevista. **FAMECOS**. Nº 15. Agosto 2001. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123/2395> Acesso em: 10 jun. 2021.

MAZZA, Luigui. No Facebook Brasil Paralelo é recordista de gastos com propaganda política. **Revista Piauí**, 27 maio 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/no-facebook-brasil-paralelo-e-recordista-de-gastos-com-propaganda-politica/> Acesso em: 16 jun. 2022.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica seguido de Sobre el gobierno privado indirecto**. Tradução de Elisabeth Falomir Archambault. [s.l.]: Melusina, 2011.

MCGANN, James G., 2020 Global Go To Think Tank Index Report. Instituto Lauder, Universidade da Pensilvânia, EUA, 2021. Disponível em: <https://repository.upenn.edu> Acesso em 18 mar. 2021.

MEDVETZ, Thomas. **Think tanks in America**. Chicago: University of Chicago Press, 2012.

MEDVETZ, Tom. **Think tanks as an emergent field**. New York: Social Science Research Council, 2008.

MOMBAÇA, Jota. **A plantação cognitiva**. São Paulo: MASP, 2020. Veio o tempo em que por todos os lados as luzes desta época foram acendidas. Buala. Disponível on-line: <https://www.buala.org/pt/corpo/veio-o-tempo-em-que-por-todos-os-lados-as-luzes-desta-epoca-foram-acendidas> Acesso em: 19 jan. 2021.

NICHOLS, BILL. **Introdução ao Documentário**. Papirus Editora. 2012.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. Os intelectuais, a política e a vida. *In*: MORAES, Dênis(Org.). *Liinc em Revista*, v.8, n.1, março, 2012, Rio de Janeiro, p 20-33. Rio de Janeiro: Record, 2004. p.357-372. Disponível em: <http://www.ibict.br/liinc33Combateseutopias:osintelectuaisnummundoemcrise>. Acesso em: 16 jun. 2022.

NEIVA, Horácio. 'Não havia nada ali'. O que aprendi como aluno de Olavo de Carvalho. **The Intercept Brasil**. Vozes. 25 jan. 2022. Disponível em:

<https://www.intercept.com.br/2022/01/25/olavo-de-carvalho-nao-havia-nada-ali-aluno/> Acesso em: 17 jul. 2022.

NYE JR, Joseph S. Soft power. **The means to success in world politics**. New York: Public Affairs, 2004. NYE JR, Joseph S. Cyber power. [s. l]. Harvard, Belfer Center, 2010.

NYE JR, Joseph S. O Paradoxo do Poder Americano: por que a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada. Tradução Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo: Unesp, 2002.

NUNES, Rodrigo. **Do transe à vertigem**: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição. 1. edição. Ubu Editora, 2022.

PAULO, Diego Martins Dória. Os Mitos da Brasil Paralelo. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 18 maio 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/os-mitos-da-brasil-paralelo-2/> Acesso em: 16 mar. 2021.

PAULO, Diego Martins Dória. O problema da política como técnica. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 13 de setembro de 2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-problema-da-politica-como-tecnica-think-tanks/> Acesso em: 19 nov. 2022.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. 2. Edição. Curitiba: CRV, 2020.

PÁTRIA educadora. Capítulo 1: O fim da história. Filme completo. 51min e 51 seg. **Brasil Paralelo**. 31 mar. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EU5sAWPKgMc> Acesso em: 03 ago. 2022.

PÁTRIA educadora. Capítulo 2: Pelas barbas do profeta. Filme completo. 01h12min e 01 seg. **Brasil Paralelo**. 01 abr. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UPDjFGGN2w0> Acesso em: 03 ago. 2022.

PÁTRIA educadora. Capítulo 3: Guerra contra a inteligência. Filme completo. 01h36min e 40 seg. **Brasil Paralelo**. 04 abr. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yJunMvIFtxl> Acesso em: 10 ago. 2022.

PRADO, Michele. **Tempestade ideológica – bolsonarismo: a alt right e o populismo liberal no Brasil**. São Paulo/SP: Editora Lux, 2021.

QUEM foi Simone de Beauvoir? Veja detalhes da vida de uma das principais feministas da história. **Brasil Paralelo**. Entretenimento e educação. Filosofia. Feminismo. Biografia. 14 abr. 2023. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/quem-foi-simone-de-beauvoir> Acesso em: 20 abr. 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria de Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina. SA, 2009.

RATIER, Rodrigo. TV ligada ao MEC traz História preconceituosa, diz especialista.

Ecoa Uol. 16 dez. 2019. Disponível em:

<https://rodrigoratier.blogosfera.uol.com.br/2019/12/16/tv-ligada-ao-mec-traz-historia-preconceituosa-diz-especialista/> Acesso em: 15 jun. 2021.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe; ZAGO, Gabriela. Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: como circula a Desinformação sobre COVID-19 no Twitter. **Contracampo**, Niterói, v. 40, n. 1, jan./abr. 2021.

REZENDE, Rafael Alves; ROSA, Pablo Ornelas; MARTINS, Victória Mariani de Vargas. As consequências do etnocentrismo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras. **Revista NEP**, Núcleo de Estudos Paranaenses, Curitiba, v.4, n.2, dez. 2018.

RIBEIRO, Leandro Nieves. **A Rede de Think Tanks (NEO) Liberais: entre a persuasão e o avanço do neoconservadorismo no Brasil**. XIV Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia. Disponível em:

https://editorarealize.com.br/editora/anais/enanpege/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV154_MD1_SA155_ID226219112021174753.pdf Acesso em: 16 dez. 2022.

RIBEIRO, Tayguara e CAMAZANO, Priscila. Homofobia é um elemento central para mobilizar paixões políticas, diz cientista político. **Folha de São Paulo**. Eleições 2022. LGBTQIA+. 24 jan. 2023. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/01/homofobia-e-um-elemento-central-para-mobilizar-paixoes-politicas-diz-cientista-politico.shtml> Acesso em: 05 fev. 2023.

RIGOLIN, Camila Carneiro Dias e HAYASHI, Maria Cristina P. Innocentini. Por dentro dos “reservatórios de ideias”: uma agenda de pesquisa para os think tanks brasileiros. **Liinc em Revista**, v.8, n.1, março, 2012, Rio de Janeiro, p 20-33.

Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3340/2946> Acesso em: 05 fev. 2022.

ROCHA, Camila; MEDEIROS, Jonas. “Vão todos tomar no...”: a política de choque e a esfera pública”. **Horizontes ao Sul**. 2020. Disponível em:

<https://www.horizontesaosul.com/single-post/2020/04/27/VAO-TODOS-TOMAR-NO-A-POLITICA-DO-CHOQUE-E-A-ESFERA-PUBLICA> Acesso em: 05 fev. 2022.

ROCHA, Camila. Think tanks ultraliberais e a nova direita brasileira. **Le Monde Diplomatique Brasil**. 2022. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/think-tanks-ultraliberais-e-nova-direita-brasileira/> Acesso em: 05 dez. 2022.

ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil**. 1 ed. São Paulo. Todavia, 2021.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra Cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. 1. ed. Caminhos, 2021.

ROCHA, João Cezar de Castro. Mídiosfera bolsonarista e dissonância cognitiva. **Jornal Rascunho**, 2021. Disponível em: <https://rascunho.com.br/colunistas/nossa-america-nosso-tempo/midiosfera-bolsonarista-e-dissonancia-cognitiva-1/> Acesso em: 09 jun. 2022.

RUDNITZKI, Ethel e OLIVEIRA, Rafael. Nasce o Cinema Olavista. **Agência Pública**, 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/08/nasce-o-cinema-olavista/> Acesso em: 09 jun. 2022.

RUDNITZKI, Ethel; SCOFIELD, Laura; OLIVEIRA, Rafael. A boiada invade a tela. **Agência Pública**. 29 jul. 2021. Disponível em: https://apublica.org/2021/07/a-boiada-invade-a-tela/?goal=0_069298921c-86b9a0b287-288596117&mc_cid=86b9a0b287&mc_eid=41708a7f93. Acesso em: 09 jun. 2022.

SOREL, Georges. **Reflexões sobre a violência**. 1ª ed. b. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

SALGADO, Julia; JORGE, Marianna Ferreira. Paralelismos em disputa: o papel da Brasil Paralelo na atual guerra cultural. **Revista Eco-Pós**. Dossiê Guerras Culturais – <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/> ISSN 2175-8689 –v. 24, n. 2, 2021.

SANTOS, Mayara Aparecida Machado Balestro dos. **Agenda conservadora, ultraliberalismo e “guerra cultural”**: “Brasil paralelo” e a hegemonia das direitas no Brasil contemporâneo (2016-2020). 2021. 147 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2021.

SANTOS, João Vitor. Bolsonaroismo como identidade coletiva, a lógica sacrificial e a brutalização dos afetos. Entrevista especial com Rodrigo Nunes. **Instituto Humanista Unisinos**, 09 abr. 2021. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/608123-bolsonarismo-como-identidade-coletiva-a-logica-sacrificial-e-a-brutalizacao-dos-afetos-entrevista-especial-com-rodrigo-nunes> Acesso em: 14 jun 2021.

SANZ, Raphael e BALESTRO, Mayara. Por dentro do "Brasil Paralelo": o modus operandi da produtora de extrema direita. **Revista Forum**, 2022. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2022/9/4/por-dentro-do-brasil-paralelo-modus-operandi-da-produtora-de-extrema-direita-122713.html> Acesso em: 14 jun 2022.

SECCHI, Leonardo. ITO, Letícia Elena. Think tanks e universidade no Brasil: análise das relações na produção de conhecimento em política pública. **Planejamento e Políticas Públicas**, IPEA, Brasília, n. 46, p. 334-354, jan./jun. 2016.

SEDGWICK, Mark. **Contra o Mundo Moderno**: o Tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX. Tradução Diogo Rosas. G. Editora Âyiné, 2020.

SENNA, Carlos. Carlos Bolsonaro foi entender como funciona a máquina de desinformação de Putin, diz especialista. **Carta Capital**. Mundo. 18 mar. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/carlos-bolsonaro-foi-entender-como-funciona-a-maquina-de-desinformacao-de-putin-diz-especialista> Acesso em: 15 jul. 2022.

SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (orgs.). **As direitas nas redes e nas ruas**. A crise política no Brasil. 1. edição. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

SPONHOLZ, Liriam. O Papel dos Discursos de Ódio (Online) na Ascensão da Extrema Direita: Um Aporte Teórico. **Confluências** | ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJV. 22, n.3, 2020 | dez. 2020/mar. 2021 | pp. 220-243. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/confluencias/article/view/47124/27350>. Acesso em: 14 jun 2021.

TEITELBAUM, Benjamin R. **Guerra Pela Eternidade**: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Tradução: Cynthia Costa. Campinas, SP. Editora Unicamp, 2020.

TIBURI, Marcia. O Mito e o Mistificador: Bolsonaro e Olavo de Carvalho destruindo o Brasil. **Brasil 247**, 2022. Disponível em: <https://www.brasil247.com/blog/o-mito-e-o-mistificador-bolsonaro-e-olavo-de-carvalho-destruindo-o-brasil> Acesso em: 14 jun 2021.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória**: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo. Campinas: Papirus, 1988. Disponível em: <https://www.counterpunch.org/2021/08/31/brazil-amazon-world-fake-news-and-the-social-contract/> Acesso em: 14 jun 2021.

ZANINE, Fabio. Produtora Brasil Paralelo vive crescimento meteórico e quer ser 'Netflix da direita'. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29.mai.2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/05/produtora-brasil-paralelo-vive-crescimento-meteorico-e-quer-ser-netflix-da-direita.shtml> Acesso em: 14 jun 2021.